



PROPAGANDA DE RUA

Painéis de *LED* afetam o trânsito e a arquitetura de João Pessoa

*Placas disputam a atenção de motoristas e pedestres e reacendem debate sobre o uso do espaço urbano. **Página 5***



Foto: Carla Miranda

Norma estimula a negociação do potencial construtivo na capital

A Transferência do Direito de Construir (TDC) foi regulamentada, neste ano, pela Prefeitura Municipal, permitindo que proprietários de imóveis com restrições de edificação, como áreas de preservação histórica e ambiental, transfiram ou negociem o potencial construtivo para outros terrenos da cidade.

Página 17

No Dia dos Pais, famílias lembram a importância de partilhar hábitos

Manter um mesmo *hobby*, viajar ou praticar esportes juntos são formas de criar lembranças que valorizam o tempo com o outro.

Página 6

Nadadora Giovana Campos decide seguir carreira nos Estados Unidos

Paraibana embarca no dia 17 para a Universidade Grand Valley, onde disputará competições pelo time da instituição.

Página 21

Concursos públicos têm mais de 1,5 mil vagas imediatas na Região Nordeste

Oportunidades abertas na Bahia, no Maranhão e em Alagoas oferecem salários que variam de R\$ 1,8 mil a R\$ 16,4 mil.

Página 16

Acervo com mais de 10 mil peças forma Memorial Cívico-Militar

Espaço foi criado pelo médico Evaldo Nóbrega, que passou 30 anos reunindo material referente ao tema, como armas, capacetes, documentos e medalhas.

Página 25

Mecanismo reforça segurança para usuários de aplicativo de transporte

Recurso permite que o passageiro envie à polícia, em tempo real, sua localização, assim como a placa, o modelo e a cor do carro.

Página 7



Foto: Carlos Rodrigo

■ “Desde uns 20 anos atrás, a cidade já dava sinais de comprometer sua mobilidade urbana, a infraestrutura montada a partir dos anos 1970”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Sinto que alguns poetas são singulares. Não pelo conjunto da obra, mas pela criação de alguns versos que valem por uma obra inteira”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “O impacto aparece na Previdência. Com menos contribuintes e mais aposentados, o sistema caminha para um desequilíbrio estrutural”.

Marcílio Correia

Página 17



Foto: Edson Matos/Arquivo A União

Alexandre Filho e Luiz Tananduba: conexão entre pai e filho marcada pela imersão no universo naif

Ao longo dos anos, a dupla de artistas visuais dedicou-se à produção de obras com o estilo marcado pelo autodidatismo e pela espontaneidade, com cores e traços que retratam a natureza e o cotidiano.

Página 9

Editorial

Proteger os futuros

As ações do crime organizado no Brasil — que vão da venda de entorpecentes à cobrança de “impostos” a moradores de bairros das grandes cidades — impuseram uma espécie de estado de alerta permanente às instituições governamentais e não governamentais, que atuam nas áreas relacionadas à segurança social. A criminalidade não para, portanto, o Estado brasileiro e seus aliados também não podem parar.

Alguns dos alvos preferenciais das facções criminosas são as crianças e os adolescentes, grupos etários por elas aliciados constantemente, seja para consumirem drogas, pagando caro por isso, em todos os sentidos, seja para atuarem como “soldados”, “vapores”, “fogueteiros” ou “aviões”, que alongam o alcance das mãos armadas das quadrilhas, hoje com ramificações em praticamente todo o território nacional.

De tão grave, o problema motivou o Brasil, a União Europeia e o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) a instituírem os Comitês Diretivo e Técnico do projeto Protegendo Futuros, lançados, recentemente, em Brasília. A ação foi considerada não uma mera resposta, mas “um passo decisivo para prevenir e responder ao aliciamento e à exploração de crianças e adolescentes por grupos armados e criminosos”.

Os Comitês da tríplice aliança Brasil/UE/UNODC já validaram uma série de prioridades estratégicas — isso para o primeiro ano de implementação do projeto —, e estão muito certos ao determinarem tal procedimento. Afinal, dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) revelaram que mais de duas mil crianças e adolescentes de zero a 17 anos, foram vítimas de mortes violentas intencionais no Brasil somente no ano passado.

Há evidências de que grupos criminosos têm recrutado um número cada vez maior de crianças e adolescentes, manipulando-os por meio de ambientes *on-line*, incluindo canais de comunicação criptografados e plataformas digitais. As primeiras diretrizes dos comitês incluem um estudo de pesquisa nacional sobre as trajetórias de adolescentes no sistema socioeducativo e a revisão técnica de marcos legais e de políticas públicas.

Ações como essa representam uma resposta oportuna às preocupações de pais, mães e demais responsáveis por crianças e adolescentes, ora em estado de medo diante da cooptação de jovens por organizações facínoras. Constata-se que esses grupos vêm atuando de maneira transnacional, arrastando crianças e adolescentes para ciclos de violência que afetam de forma desproporcional as comunidades brasileiras mais vulneráveis.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A CNBB e a Ditadura Militar

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi criada em 1952, em um período de profundas transformações sociais e políticas no país. Desde sua origem, a Igreja Católica brasileira abrigava diferentes correntes de pensamento. De um lado, setores conservadores, fortemente identificados com a defesa da ordem social tradicional e com o anticomunismo; de outro, setores progressistas que começavam a compreender que a pobreza, a desigualdade e a exclusão social também constituíam graves problemas políticos e morais.

Experiências como a Ação Católica Brasileira, a Juventude Operária Católica e a Juventude Universitária Católica contribuíram para a formação de uma nova consciência social dentro da Igreja. Essa convivência entre posições distintas faria da CNBB, ao longo das décadas seguintes, um espaço de disputas e contradições que refletiriam as próprias tensões existentes na sociedade brasileira.

Em março de 1964, setores conservadores da Igreja participaram ativamente da mobilização que desembocou na Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Sob o pretexto de defender a família, a religião e a democracia contra uma suposta ameaça comunista, milhares de pessoas foram às ruas para pressionar contra o governo constitucional de João Goulart.

Dois meses depois da derrubada de João Goulart, a CNBB divulgou uma declaração que expressava o apoio de significativa parcela da hierarquia ao novo regime. O documento afirmava que as Forças Armadas haviam impedido a implantação de um “regime bolchevista” no país e agradecia a Deus pelo “êxito incruento de uma revolução armada”.

À medida que a repressão se aprofundava, as prisões políticas, as cassações, a censura, as perseguições e a tortura deixaram de ser acontecimentos isolados. Foi nesse momento que começaram a surgir fissuras na relação entre a Igreja e os militares. A eleição de dom Aloísio Lorscheider para a secretaria-geral da CNBB, em 1968, ocorreu justamente no ano em que a Ditadura mergulharia em uma nova e mais brutal fase com a edição do Ato Institucional nº 5. A partir daí, o arbítrio ganhou dimensão ainda maior.

A Igreja começava a perceber que não era possível falar em defesa da dignida-

de humana e, ao mesmo tempo, permanecer indiferente diante da tortura. Dom Hélder Câmara, dom José Maria Pires, om Antônio Fragoso e dom Paulo Evaristo Arns tornaram-se algumas das vozes mais firmes contra a violência do Estado. Denunciaram prisões arbitrárias, torturas, desaparecimentos, perseguições políticas e a crescente desigualdade social.

Ao lado dos bispos que enfrentavam o regime, havia aqueles que continuavam apoiando a Ditadura. Dom Geraldo de Proença Sigaud foi um dos mais conhecidos representantes dessa corrente conservadora. Havia ainda bispos moderados, que procuravam preservar o diálogo com as autoridades e evitavam uma confrontação política aberta.

A 15ª Assembleia Geral da CNBB, realizada em Itaici, em 1977, ocorreu nesse contexto de crescente desgaste da Ditadura e de avanço das pressões pela abertura política. A posição crítica da entidade diante do autoritarismo já estava muito mais consolidada. A Igreja havia percorrido um longo caminho desde 1964.

Não se pode apagar o apoio inicial de setores importantes da Igreja ao golpe, assim como não se pode ignorar o papel posteriormente desempenhado por muitos de seus integrantes na denúncia dos crimes da Ditadura. A CNBB acabou ocupando um lugar importante na luta pela redemocratização brasileira.

“

Ao lado dos bispos que enfrentavam o regime, havia aqueles que continuavam apoiando a ditadura

Opinião

Foto Legenda



Morro dos cachorros

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Como demorou

Um bom presente que nosso jornal ofereceu à cidade e aos seus leitores, às vésperas do 5 de agosto, foi sem dúvida, o registro consolidado pelo artigo de João Bosco Ferraz de Oliveira, colunista da nossa página de economia da antevéspera, “João Pessoa 441 em outro patamar”. Carimba com ênfase: “...não é um bom momento passageiro. Os números do Novo Caged confirmam o que as ruas já sinalizavam. No acumulado recente, a capital respondeu por cerca de 86% dos empregos formais gerados na Paraíba. Desde dezembro de 2020, o estoque de vínculos formais na cidade cresceu 38,96%, o melhor desempenho entre as capitais nordestinas e o quarto do Brasil. Nos últimos 12 meses, a alta de 6,5% coloca a cidade em segundo lugar entre as 27 capitais. Não é acaso. É consequência de escolhas: infraestrutura urbana, desburocratização e política consistente de atração de investimentos”.

A citação é longa e deve ser posta na conta de quem passou, como eu, quase 70 anos transferindo para a nova política de desenvolvimento, concebida com a Sudene de Celso Furtado, a forte fé de juventude no socialismo, dito potente porque era exato no manual de vulgarização do marxismo.

Mas como demorou! Decorridos 40 anos de atuação da Sudene, escanteada e desprestigiada desde 1964, já em 1998, em entrevista a Maria da Conceição Tavares, Manuel Correia de Andrade e Raimundo Rodrigues Pereira, Furtado não esconde o desânimo. A região cresceu, “mas a riqueza está se financeirizando. Não está mais baseada na produção”. E estranhava as altas taxas de miséria e fome ainda a lembrar o quadro e o combate pertinaz de Josué de Castro. Motivara a entrevista o flagelo da seca naquele ano deixada à margem, o que espanta por ter ocorrido no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Desde uns 20 anos atrás, a cidade já dava sinais de comprometer sua mobilidade urbana, a infraestrutura, montada a partir dos anos 1970, abrindo caminho para o patamar atingido de forma surpreendente e sustentável nestes anos mais recentes.

Esse reconhecimento externo contrasta significativamente com o quadro de pobreza da máquina administrativa de 1985, quando a

cidade comemorou seus 400 anos sem recursos para uma louvação mínima de 30 segundos numa das redes nacionais de TV.

Na entrevista de Celso, ele prevê esse crescimento das capitais e deplora a lentidão no interior, onde o acesso à estrada parece mais a serviço do êxodo do que facilitar o acesso ao desenvolvimento local. Minha Alagoa Nova cresceu três vezes em habitantes a escorrer ladeira abaixo como se o morador trouxesse o barraco rural.

E por acentuar, lá em cima, “o que as ruas já sinalizavam” o articulista remete-me à janela de 10º andar aqui dos Expedicionários, onde, nos intervalos frequentes do sono, chego para divisar, entre as sombras da madrugada, os pequeninos focos de luz a deslizarem pela estrada de contorno que demarca, a meu ver, o começo de tudo. Foi o passaporte para esses novos tempos, traçado pelo engenheiro Alberto Dahia e aberto por João Agripino. Depois dele, todo governo teve de avançar em quilômetros, seja com Serafim Martinez, José Carlos de Freitas ou Carlos Pereira de Carvalho e Silva. Um fio de luz que me faz retornar a sacrificados e benditos anos de vida e a me sentir feliz com meu estado, meu lugar e a minha longa ocupação ainda em pauta.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Velga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Arquivo pessoal

Alunos da Escola Municipal Pedro Honório, localizada na Zona Rural Chã da Pia, em Areia, participam de aulas práticas

EM AREIA

Projetos da UFPB levam o conhecimento para escolas

Objetivo é compartilhar experiências com alunos do Ensino Fundamental

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Quebrar as barreiras da academia para compartilhar o conhecimento com crianças. Com esse propósito, dois projetos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), nascidos no Campus II da instituição, localizado no município de Areia, envolvem alunos do Ensino Fundamental da região em aulas sobre microbiologia, no projeto Microbiologia Vai à Escola, e conscientização ambiental no projeto Conhecendo para Conservar.

Com o projeto Microbiologia Vai à Escola, a professora Suzana Araújo leva, desde 2023, aulas práticas para alunos do 5º e do 6º ano da Escola Municipal Pedro Honório, localizada na Zona Rural Chã da Pia, em Areia.

“Semanalmente, realizamos encontros onde são desenvolvidas atividades práticas referentes a vários conceitos relacionados direta ou indiretamente com a microbiologia. Os temas abordados são definição de microrganismos, ambientes onde os mesmos podem ser encontrados, características morfológicas e estruturais dos microrganismos”, explicou Suzana, que coordena o projeto e supervisiona as aulas.

Além dos alunos do Ensino Fundamental, o projeto de extensão também beneficia os estudantes de graduação da universidade, que, ao serem selecionados como bolsistas, passam a conduzir as aulas, ganhando experiência como professores.

Já as crianças aprendem sobre a importância das bactérias e fungos, por meio de aulas práticas, com manuseio de vidrarias e materiais de laboratório. “Levamos microscópios pra eles explorarem o mundo microscópico com lâminas de diferentes tipos de bactérias e fungos. Costumo fazer uma atividade prática com as vidrarias mais utilizadas em laboratórios, e nessa atividade trabalhamos os

conceitos de volume, pipetagem”, contou Suzana.

Experimentos com fermentação de leveduras e a forma correta de higienizar as mãos são alguns dos temas práticos que as crianças conseguem aprender durante os encontros. “Já conhecia a realidade do local e aí resolvi submeter o projeto com o intuito de levar um pouco de oportunidade de prática laboratorial para os estudantes da escola”, explicou a coordenadora do projeto sobre a origem da ideia.

Ela contou ainda que já levou algumas aulas para outras escolas da região, mas de forma pontual, diferente do que acontece nessa escola, em

que a frequência é semanal. A dificuldade é que é necessário haver o transporte até os locais, além da disponibilidade dos estudantes para ministrar

as aulas. Por isso foi mais fácil concentrar as ações em uma escola. Diversas turmas já foram atendidas, já que há mudanças a cada ano.

Saiba Mais

Conheça também as redes sociais dos projetos



Microbiologia Vai à Escola
(acesse o QR Code)



Conhecendo para Conservar
(acesse o QR Code)

Ferramenta de apoio para a preservação da fauna silvestre

O projeto Conhecendo para Conservar utiliza a educação ambiental como uma ferramenta de apoio para a preservação da fauna silvestre. O projeto funciona no *campus* de Areia desde 2020 e é coordenado pelo professor Jeann Leal, do curso de Medicina Veterinária.

De acordo com o professor, o projeto nasceu quando, desenvolvendo alguns trabalhos em parceria com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), ele identificou uma águia serrana mutilada que tinha sido apreendida do tráfico de animais silvestres.

“Então o hospital veterinário do Centro de Ciências Agrárias [CCA] pediu a guarda desse animal mutilado, já que ele não tem condições de retornar para a natureza”, disse. Desde então, a ave, que foi batizada de “Índigo”, mora no *campus* e se tornou embaixadora do projeto.

Índigo recebe visitas

de estudantes de Ensino Fundamental e Médio de escolas da região e os extensionistas do projeto preparam diferentes apresentações, de acordo com a faixa etária dos visitantes. “Quando são as crianças mais novinhas, os extensionistas fazem pintura facial neles, fazem dinâmicas, joguinhos. Quando são os alunos de Ensino Médio, já fazem mais uma palestra voltada para os malefícios do tráfico de animais silvestres e por que conservar a fauna”, explicou Jeann.

“O projeto é bem focado em tentar mostrar para crianças por que a gente deve conservar a fauna silvestre e o que acontece de impacto quando existe a caça, o tráfico de animais silvestres, a degradação de habitat”, completou o professor.

Ele acrescentou que o fato de as crianças conseguirem ver de perto um caso concreto desse impacto, conhecendo a águia, é fundamental para a com-

preensão do problema. “Então, o Índigo é embaixador do projeto. Quando as crianças vêm visitar o projeto, elas veem o Índigo. A gente faz um manejo perto das crianças, então, elas veem o Índigo, veem que ele tem a asa mutilada, que ele não tem mais condições de retornar para a natureza, e geralmente isso é um impacto bem positivo. Assim, as crianças entendem, as crianças questionam, e elas ficam com aquilo na cabeça em relação à conservação da fauna”, afirmou.

Além das apresentações, os extensionistas do projeto também se revezam nos cuidados diários com a ave, que ganhou uma nova vida na universidade após ser vítima do tráfico. Participam do projeto estudantes dos cursos de Medicina Veterinária, Zootecnia e Biologia do Campus II da UFPB.

As visitas a Índigo podem ser agendadas pelo e-mail conhecendoparaconservar@gmail.com.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O voto e o abismo

Outubro se aproxima com seu cheiro de chuva e urgência. As cidades se enchem de cartazes, santinhos pelo chão, promessas que escorrem pelos bueiros na primeira tromba d’água. E nós, trabalhadores, vamos mais uma vez às urnas como quem vai ao trabalho: com a esperança cansada, mas ainda assim esperança. Porque aprendemos que não comparecer é entregar de bandeja o nosso destino aos que jamais souberam o peso de um contracheque no fim do mês, o gosto do café requentado antes do primeiro ônibus, a angústia de quem faz malabarismo com os números da feira para que o salário estique até o dia quinze.

A América Latina vive tempos de assombro. Há um vento sombrio que sopra de vários cantos do continente, trazendo de volta fantasias que julgávamos enterradas sob as lajes da história. O vento sombrio avança com seu discurso fácil, soluções simplórias para problemas complexos, sua habilidade perversa de transformar o irmão em inimigo. Dizem defender a família enquanto atacam os direitos que sustentam as famílias trabalhadoras, o salário mínimo, a jornada de oito horas, as férias, o décimo terceiro, a aposentadoria. Falam em liberdade, mas sua liberdade é a do mercado devorando o que resta do público, do coletivo, do nosso. Falam em Deus, mas seu deus é o de um mercado que não perdoa dívidas, não multiplica pães, não acolhe os cansados — apenas os des-carta.

Não é exagero. Basta olhar o mapa: o que aconteceu na Argentina, onde a motosserra do ajuste fiscal passou sobre universidades, hospitais e direitos trabalhistas como quem poda uma árvore pela raiz. O que ronda o Chile, onde a sombra pinochetista ainda se recusa a desaparecer. O que tentaram fazer aqui, no Brasil, e ainda tentam, todos os dias, em cada rede social, em cada programa que destila ódio antes do almoço. O receituário é sempre o mesmo: desmonte do Estado, ataque aos sindicatos, criminalização dos movimentos sociais, desprezo pela cultura, pela educação, pela ciência. E a capacidade assustadora de seduzir justamente aqueles que mais sofrerão com suas políticas: o pescador que vota em quem liberará a pesca predatória que acabará com seu sustento, o pequeno comerciante que aplaude o arrocho que reduzirá o poder de compra de seus próprios clientes.

O trabalhador que vota contra si mesmo, convencido de que seu algoz é seu salvador. A mãe que defende o corte de verbas da escola onde seus filhos estudam. O doente que aplaude o desmonte do hospital que um dia, inevitavelmente, lhe faltará na hora mais aguda da dor. Essa é a tragédia do nosso tempo: o vento sombrio aprendeu a vestir suas intenções com a roupa da indignação justa, da revolta legítima contra um sistema que nos explora. Só que sua solução não é consertar o sistema, é trocar de capataz.

As urnas são, para nós, mais que um gesto cívico. São a trincheira onde se decide se o amanhã terá ou não café na mesa, remédio no posto, ônibus na garagem. Cada voto é uma pá de cal ou um tijolo na construção de um país que reconheça a dignidade do trabalho como fundamento de toda riqueza. Porque o vento sombrio não governa para quem acorda às cinco da manhã. Governa para os que dormem tranquilos enquanto os juros trabalham por eles. Governa para os que nunca precisaram explicar a uma criança por que o leite acabou antes do fim do mês.

É preciso dizer também da nossa responsabilidade. A democracia não se esgota no voto, mas, sem o voto, ela perece. O voto é uma ferramenta concreta: pode enferrujar se não for usada, ser roubada se não for vigiada, destruída se não for defendida. Que nestas eleições a gente se lembre de cada direito que nos foi arrancado. De cada conquista que custou suor e vidas, a CLT, o SUS, a universidade pública, a aposentadoria rural. De cada nome que a história guardou como mártir da luta por um mundo menos injusto.

O vento sombrio não é uma opinião entre outras. É um projeto de poder que se alimenta do medo, da ignorância, do cansaço. Oferece bodes expiatórios em vez de soluções. Transforma a política em espetáculo para que não percebamos o que acontece nos bastidores: a entrega do patrimônio público, a precarização sem fim do trabalho, a destruição dos laços de solidariedade.

Mas a esperança também precisa ser dita. Não a esperança ingênua, que espera sentada. Mas a esperança ativa, que se levanta, que se informa, que conversa com o vizinho, que enfrenta a chuva no domingo de votação. Porque o abismo existe, é real, mas a ponte também. E essa ponte se chama solidariedade, consciência de classe, memória e ação. Que saibamos atravessá-la juntos, antes que o vento sombrio apague de vez a chama que nos mantém humanos.

Colunista colaborador

Dado Belo

Radialista, jornalista e produtor cultural

“Eu me transformo na hora que estou no *Transa Reggae*”



Foto: Evandro Pereira

Há mais de 30 anos no ar, radialista aborda sua trajetória na radiofonia paraibana em entrevista ao jornal A União

Íris Machado
irmschdo@gmail.com

Todas as sextas-feiras, das 20h à 0h, quem sintoniza na 105.5 Rádio Tabajara FM escuta, ao vivo, o momento exato em que Edilson Belo da Costa se transforma no comandante do programa *Transa Reggae*, o Dado Belo.

Radialista, jornalista e produtor cultural, Dado Belo entrou no ar pela primeira vez no fim da década de 1990 e, de lá para cá, assumiu o posto de porta-voz do gênero musical em nível nacional, a ponto de receber o título de embaixador do *reggae* no Brasil.

Nos 30 anos de história, o programa trouxe aos estúdios da rádio artistas tanto regionais quanto internacionais, capazes de conquistar mais de seis mil ouvintes por minuto. Toda essa trajetória foi abordada em entrevista ao jornal A União.

Entrevista

■ *Você chegou muito jovem à Rádio Tabajara. Como é fazer parte da história da emissora?*

Eu sou rádio-ouvinte desde criança. A Tabajara, realmente, é formadora dos radialistas que passaram por aqui. Eu, novinho, não tinha nem 10 anos, quando fiz parte do clubinho que só tocava músicas infantis na rádio e cantei uma música. Nove anos. A Tabajara parece que estava programada para estar na minha veia. Eu vim para cá aos 15 anos, trazido pelo meu cunhado Francisco Ramalho, que foi diretor artístico. Ele me trouxe para limpar, catalogar e organizar os discos nas prateleiras. Aí foi a abertura de Dado Belo para a música. Essa evolução veio como forma de bênção divina. Eu comecei catalogando, depois passei para programar, inclusive programei músicas, na época, de Chico Buarque. Eu nem sabia o que era esquerda e direita, mas era fã de Chico, de Gil, de Caetano, de Vandrê, de Gonzaguinha. Meti na programação essas músicas e consegui driblar tudo, passar por cima de tantos obstáculos e enfrentar. Eu sou uma pessoa nascida do signo de sagitário, de 27 de novembro, e esse signo para mim é a representação dessa minha garra, dessa minha luta. Predestinado a nunca desistir, sempre lutar e ajudar também.

■ *O que levou você, em 1996, a criar o Transa Reggae e apostar no gênero em uma época em que ele ainda tinha pouco espaço no rádio?*

Eu, primeiramente, fui convidado para fazer a direção artística da Rádio Transamérica, que pertencia ao Sistema Correio de Comunicação. Era 95, mais ou menos, quando, em outubro, eu fui designado para inserir a programação local de lá, uma rádio que era totalmente, 100% enlatada. Eu aceitei o convite e, aluno de Educação Artística da Universidade Federal da Paraíba [UFPB], fiz uma enquête para saber o estilo musical que a moçada queria. A rádio era a rádio que dominava, uma rádio com uma programação muito boa, maravilhosa, mas totalmente vinda de fora. Por incrível que pareça, entre os alunos, deu o *reggae* — e eu fiquei estapeado, apesar de ser a UFPB, apesar de

ser a galera estudantil, formadora de opinião. Mas deu o *reggae*, e eu, por estar na Transamérica, criei o *Transa Reggae* para associar uma coisa com a outra, mesmo que não tenha nada a ver. Então nasceu no dia 6 de janeiro de 96 o *Transa Reggae*, pela Transamérica, em um horário extremamente nobre. Só sei que foi uma grande explosão. Uma grande explosão mesmo, com uma linguagem diferente experienciada, uma linguagem extremamente jovem e com uma música que em si só já é rica, milionária em cultura e em ensinamentos. Aconteceu o sucesso e, hoje, estou aqui na Rádio Tabajara, 30 anos depois. O sucesso continuou e eu permaneço o mesmo jovem, como o que começou, com a cabeça moderna e atualizada.

■ *Três décadas depois da estreia, como você vê a influência do reggae na cultura paraibana?*

Três décadas. Não é fácil, né? Afinal de contas, no princípio, pelo estrondoso sucesso, não só entre a moçada, mas também entre as pessoas já adultas e idosas, enfrentei preconceitos mil. Foi muito pesado para mim, diga-se de passagem, mas superei tudo isso e fui evoluindo gradativamente no meio empresarial. Me tornar o Dado Belo foi uma bênção. Foi um apelido que a minha mãe me deu, que vingou e pelo qual eu sou muito feliz. Essa infiltração do *reggae* veio para fazer um somatório. E que somatório? Eu sou uma pessoa que ama o MPB, que conviveu com muitos artistas da música popular, mas me apaixonei pelo *reggae* seriamente, pelas mensagens fortíssimas que ele transmite. Sempre tem mudança. Pessoas que me ouviam com 10 anos, hoje têm 40 e, às vezes, muitos até já passaram isso aos filhos. Há diferença, logicamente, com o passar do tempo, principalmente para uma cidade como João Pessoa, que tem um radialista que levanta essa bandeira de maneira tão apaixonada, tão apaixonada, que parece um adolescente que quis vir agora fazer rádio.

■ *O que explica essa longevidade do programa?*

O programa vem me dando uma proporção de felicidade e tem galgado os degraus máximos da fa-

mosa audiência que as rádios disputam tanto. O *Transa Reggae*, hoje, passados esses 30 anos, continua sendo uma liderança espetacular. Espetacular. No ano passado, foram 6.051 ouvintes por minuto. É muita gente. E ele tem um diferencial, que é atingir todas as camadas. Tanto a favela, as comunidades, quanto o Altiplano nobre. Essa longevidade representa uma resistência. Acima de tudo, uma resistência, um amor incondicional que tive e tenho ainda por essa cultura. Já existiram outros programas no segmento e não duraram nas outras emissoras.

■ *Quais encontros mais marcaram essa trajetória?*

Um fascínio que eu tive foi conhecer a banda Tribo de Jah. Eles são deficientes visuais, quatro cegos e um com baixa visão. E me tornei um grandiosíssimo amigo deles até os dias atuais. Aproximei muito a banda do público pela simples felicidade, pela humildade, pela fineza de como eles tratavam a moçada. Daí vieram outros: Ponto de Equilíbrio, Mato Seco, Adão Negro, Planta e Raiz. Vieram bandas internacionais a João Pessoa, uma coisa surpreendente. Ninguém esperava que essa cidade recebesse bandas da Jamaica, como Israel Vibration, que eram paraplégicos e cantavam em muletas no palco. Foi um estrondo. Depois veio Groundation, uma banda da Califórnia, que é um espetáculo, Reemah e tantos e tantos outros. O filho de Peter Tosh, Andrew Tosh, também passou por Jampa. Nesse percurso todo, eu só fiz dar minha contribuição cultural para João Pessoa. Acredito que essa minha passagem pela radiofonia ficou e vai ficar na história, por ter expressado tanto amor e ter dado o máximo de vida a essa cultura.

■ *Em que momento o reggae deixou de ser apenas uma profissão e passou a fazer parte da identidade de Dado Belo?*

Tudo nasceu com a minha forma de falar “beijos” em francês, que eu adotei, o “bisou, bisou”. Foi uma coisa que me levou até Paris para receber uma medalha de honra ao mérito. Isso foi muito, muito, demasiadamente prazeroso para mim. Embaixador foi o título que me foi ofertado pelo pessoal da cultura paraibana, mas só me tornou mais humilde ainda, porque o *reggae* em si, ele prega tanto o amor e a paz quanto mensagens de elevação da sua autoestima, que casaram comigo. Eu sou isso. Eu sou essa pessoa que transcende os limites do amor e sou muito feliz nessa posição que ganhei.

■ *Em 2022, veio outro reconhecimento: a música “Reggae Belo”. O que significou ser homenageado por alguém da própria cena paraibana?*

Eu fui fazer uma entrevista junto com Jâmarri [Nogueira, jornalista cultural] e a galera do jornal *Moçada que Agita*, que era um tablóide

de Anchieta Maia, que não está mais entre nós. Foi uma entrevista na TV Master, que o foco também era *reggae*, em que conheci o professor PS Carvalho, um engenheiro da UFPB. Ele já tinha um *reggae* que era tocado na Tabajara, que se chamava “Home”. Eu, entusiasmado, passei a tocar “Home” e dei um incentivo muito grande a ele, que foi crescendo e criando composições. Quando menos esperava, ele me apresentou o *reggae* dele, que homenageia não só a mim, mas a Rádio Tabajara também. Hoje, eu a utilizo como trilha de abertura para o programa *Transa Reggae*, o que é massa. Essas homenagens, agora, têm aumentado mais ainda. A inteligência artificial [IA] está tomando conta de tudo; infelizmente, até mesmo da música. Mas vieram muitas outras músicas sobre Dado Belo com a IA. Isso é maravilhoso.

■ *Falando nisso, você começou na radiofonia quando a internet ainda não tinha o peso que tem hoje. Que mudanças ocorreram na maneira de fazer rádio?*

Qualquer ser humano que está voltado para comunicação sabe que, a cada evolução, ou você acompanha ou você fica para trás. Eu comecei com o vinil, depois fui para o CD, depois para os cartuchos. Hoje, em um computador, eu tenho na minha *playlist* em torno de três a quatro mil *reggaes* opcionais. E ainda mais, porque todo dia ou toda semana ou toda hora, eu vejo os lançamentos que acontecem no mundo para inseri-los na programação e na *playlist*. Foi uma evolução muito benéfica, sair de um cartucho, de um vinil, de um CD. Quando eu fazia bailes — porque eu fiz muitos bailes de *reggae* pela cidade de João Pessoa —, eu levava uma bolsa cheia de CDs e tinha que montar aquilo tudo, mais de 100, e fazer um atrás do outro. Hoje, no computador, você programa e faz tudo isso. Eu só agradeço a essa tecnologia e a esse avanço, que aconteceu para a melhora da música, não só o *reggae*, mas a música mundial de uma forma geral.

■ *O Transa Reggae saiu do estúdio e ganhou a Arena Transa Reggae. Como foi passar do rádio para os palcos?*

A Rádio Tabajara é pioneira no segmento de música, de auditório, de levar as pessoas, os ouvintes da Tabajara, para fora da rádio. E o *Transa Reggae* foi também contemplado com isso em 2017, no Teatro de Arena, do Espaço Cultural, por quatro meses seguidos: setembro, outubro, novembro e dezembro, sempre na última sexta-feira do mês. Foi uma coisa muito linda. Linda pela forma carinhosa de tratar os ouvintes, as bandas que faziam o *show* ao vivo, a transmissão pela Rádio Tabajara, o chamamento antes de começar: “Venham, venham! É tudo grátis, a entrada é franca”. E de repente veio o espaço do Teatro de Arena superlotado. Foi uma coisa muito linda, que marcou até os dias atuais. Já está agendado para o dia 11 de dezembro deste

ano mais uma Arena Transa Reggae, não só para mim, não só para a Rádio Tabajara, mas também para os rádio-ouvintes da cultura *reggae*.

■ *Você também está à frente do Forró Fiando. O que essa experiência com o forró acrescentou ao seu repertório?*

Forró Fiando é um projeto que já tem 10 anos. São três músicas executadas durante dois horários: de manhã e um reprise à tarde. E é o forró. Eu não sou um aficionado do forró, apaixonado, mas sou, sim, pelo forró pé de serra. Não tem referência maior para citar dentro da música, do forró pernambucano, do que Luiz Gonzaga. E aí vieram outros. Foi um grande sucesso, mesmo sendo um programete. Também tive a oportunidade de levá-lo ao Espaço Cultural nesses 10 anos que o programa completou. Não pôde ser em uma arena. Foi na Praça do Povo, com Os Gonzagas e Forró de Fininho, e foi outro sucesso. E já tem mais projetos pela frente. Eu tenho a ideia já esmiuçada e falta apenas construir a *playlist* do *Belo's Blues*, que está por vir. Só música de qualidade absoluta, mais uma vez, para os rádio-ouvintes e essa cidade, que, durante esses 441 anos de existência, nunca teve um programa de *blues*.

■ *Além da música, o que o reggae representa para você?*

Nossos músicos são milionários de cultura. E a essência da cultura *reggae* traz a paz e o amor, a elevação da autoestima. Levar mensagens fortes que batem na alma. O *reggae* bate no coração e, ali, já te transforma. Desde [Gilberto] Gil, que veio trazendo Bob Marley, cantando “No woman, no cry” aqui em João Pessoa, que foi pipoco absoluto, até hoje, nos dias atuais, com Edson Gomes, que é a maior lotação da história do *reggae* em termos de público. Eu sou muito feliz. Eu sou muito, muito feliz com tudo que o *reggae* pôde me proporcionar e que eu, por meio do rádio, posso proporcionar à juventude da minha cidade.

■ *Depois de tantos anos, o que ainda te faz colocar o microfone na mão e ir para o ar toda semana?*

O amor. O amor é profundo. Apesar dos 60 anos, eu me transformo na hora que estou no *Transa Reggae*. Eu pulo, eu dou pinote. Vêm ouvintes do interior visitar um programa de rádio. Emanar uma *vibe* que só o *Transa Reggae* consegue passar é muito prazeroso. Meu Deus, uma vez, eu trouxe o artista Fauzi Beydoun da Tribo [de Jah] para dar uma entrevista e de repente tinha 60 pessoas aqui, nos corredores, dançando. Nosso estúdio é pós-moderno e tem umas caixas de som alto que eu boto no volume máximo para transcender aquilo que consegue adentrar meu coração. Coloco alto, danço, me transformo de um jovem idoso para um garotão normal, de uma juventude que está impregnada em mim e que vai perdurar até o dia da minha convocação para Zion.

PROPAGANDA LUMINOSA

Painéis reacendem debate urbano

Placas feitas em LED multiplicam-se por João Pessoa e consequências para o trânsito e a arquitetura são questionadas

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Eles multiplicaram-se nos últimos meses. Nas principais avenidas e cruzamentos de João Pessoa, os painéis de publicidade em LED passaram a disputar a atenção de motoristas e pedestres. O barateamento das placas de microlâmpadas ampliou as possibilidades para anunciantes, mas o avanço desses equipamentos também reacende um debate: até onde vai a liberdade para explorar publicidade na paisagem urbana e quais são os limites impostos pela legislação?

Projetados justamente para chamar a atenção de quem circula pelas ruas, os painéis luminosos despertam opiniões distintas entre a população. Para o empresário George Alves, é inevitável que esse tipo de mídia atraia o olhar de quem está dirigindo. “Ele realmente tira a atenção, isso é indiscutível. Se você estiver em um veículo e aquilo ali desviar sua vista, você corre um risco”, afirma. Ao mesmo tempo, ele acredita que esse movimento acompanha uma transformação mais ampla da publicidade. “O mundo engoliu isso. Hoje, você não consegue mais impedir”, aponta.

A percepção é semelhante para o motociclista Rodrigo Ramalho, que circula diariamente pela cidade. Ele diz perceber que os painéis luminosos aca-



Fotos: Carlos Rodrigo

Avanço do modelo de negócio é vantajoso para as empresas; no trânsito, porém, há o risco de os condutores desviarem a atenção por causa da forte luminosidade de alguns anúncios

bam desviando a atenção dos condutores. “Realmente, tira a atenção. A luz é um pouco forte e pode afetar a visão do motorista”, adverte. Segundo ele, o aumento desse tipo de equipamento é observado principalmente nos bairros da orla da capital.

A expansão dos painéis de LED acompanha uma mudança no próprio modelo de negócios da publicidade exterior. Se um *outdoor*

tradicional exibe apenas um anunciante durante determinado período, um painel digital pode alternar diversas campanhas ao longo do dia, permitindo que um mesmo espaço seja comercializado simultaneamente para vários clientes. Isso fez multiplicar a capacidade de faturamento das empresas proprietárias, que passam a ganhar mais por múltiplas exibições em um mesmo ponto da cidade.



Outro fator que impulsionou essa expansão foi a redução do custo dos módulos de LED, resultado principalmente do aumento das importações de equipamentos produzidos na Ásia. Com a tecnologia mais acessível, empresas do setor passaram a substituir, gradualmente, *outdoors* convencionais por estruturas digitais. Hoje, anunciar durante 30 dias em um painel de LED localizado no Retão de Manaíra custa, em média, R\$ 5.200, conforme levantamento feito com representantes do setor.

A presença dos painéis digitais também passou a fazer parte do mobiliário urbano administrado pelo próprio poder público. Por meio de uma parceria público-privada, a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana (Semob-JP) já entregou 100 abrigos de ônibus equipados com telas de LED. O contrato prevê a instalação de 400 equipamentos desse tipo na cidade.

■ Painéis digitais também chegaram a 100 pontos de ônibus da capital; contrato prevê a instalação de 400 equipamentos

Especialistas defendem que normas de licenciamento sejam atualizadas

Embora a tecnologia tenha avançado rapidamente, a principal norma que disciplina a publicidade urbana em João Pessoa continua sendo o Código de Posturas do Município, instituído pela Lei Complementar nº 7, de 1995, quando os painéis digitais ainda não faziam parte da paisagem urbana. A legislação determina que a instalação de meios de publicidade depende de autorização municipal e estabelece critérios para localização, dimensões e manutenção dos equipamentos.

Desde 2015, uma deliberação do Conselho Municipal de Meio Ambiente também passou a exigir licenciamento ambiental para publicidades luminosas ou iluminadas, cujos impactos ultrapassem os limites da propriedade onde estão instaladas. A norma alcança painéis de LED, letreiros luminosos e equipamentos semelhantes.

A professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Amélia Panet, afirma que, mesmo que o Código de Posturas não utilize expressamente o termo “poluição visual”, ele procura evitar esse tipo de impacto ao estabelecer restrições para lo-

calização dos anúncios, exigir licenciamento e prever sanções para casos irregulares. De acordo com ela, o principal problema é que a legislação foi elaborada antes da popularização das novas tecnologias.

“O Código de Posturas precisa de uma revisão urgente. Novas tecnologias ainda não são objeto de análise, como os painéis em LED, os ‘muros’ de vidro e os *wind banners*”, afirma. A arquiteta também critica a utilização de grandes empenas cegas — paredes laterais externas sem janelas de um edifício — para instalação de publicidade.

“Um dos maiores absurdos para a poluição visual são esses painéis gigantes em empenas cegas de prédios particulares. A arquitetura virou um suporte para propagandas gigantescas. E só por ser área privada a prefeitura permite? E a questão da paisagem urbana?”, questiona.

O presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB), Ricardo Vidal, avalia que a publicidade exerce uma função importante para a atividade econômica, mas precisa coexistir com a organização da cidade. “Quando a publicidade é excessiva, a cidade perde legibilidade. Ela

pode esconder a arquitetura, dificultar a circulação nas calçadas e até desviar a atenção de motoristas quando instalada de forma inadequada. O espaço urbano precisa ser pensado para as pessoas, e não apenas para a exposição de anúncios”, defende.

Para ele, os painéis digitais apresentam desafios específicos. “Eles chamam muito mais atenção do que as placas tradicionais por causa da luminosidade e das imagens em movimento. Por isso, precisam de critérios específicos de instalação e funcionamento”, comenta.

O espaço urbano precisa ser pensado para as pessoas, e não apenas para a exposição de anúncios

Ricardo Vidal

Fiscalização mira anúncios dispostos sem a autorização do Executivo

Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb), toda publicidade instalada no município deve observar as regras previstas no Código de Posturas. Entre as situações mais recorrentes encontradas pela fiscalização, estão painéis de LED, *outdoors* e demais engenhos publicitários instalados sem autorização municipal ou em desacordo com as condições estabelecidas pela licença.

Também são considerados irregulares equipamentos instalados em calçadas, praças, canteiros, árvores, postes, mobiliário urbano ou outros espaços públicos sem autorização, além de anúncios que prejudiquem a circulação de pedestres, a acessibilidade, a visibilidade da sinalização de trânsito ou a segurança da população.

De acordo com a secretaria, a atuação dos fiscais inclui ações preventivas e repressivas, emissão de notificações, aplicação de autos de infração e, quando necessário, remoção administrativa dos equipamentos instalados irregularmente. A Sedurb afir-

Desvios Também são irregulares os equipamentos que prejudiquem a circulação dos pedestres e dificultem a acessibilidade ou a visibilidade dos sinais de trânsito

ma, ainda, que a legislação atual já fornece instrumentos para fiscalizar a publicidade urbana.

Como identificar Embora nem toda publicidade em LED esteja em desacordo com a legislação, alguns aspectos podem indicar situações que merecem atenção dos órgãos municipais. Entre eles, estão painéis instalados em postes, árvores ou outros equipamentos públicos, estruturas que ocupam calçadas e dificultam a circulação de pedestres,

além de equipamentos que comprometem a acessibilidade de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Ainda merecem atenção os painéis posicionados próximos a cruzamentos ou em locais que prejudiquem a visualização da sinalização de trânsito, anúncios que encobrem elementos relevantes da paisagem urbana ou interferem na leitura da cidade e estruturas instaladas em áreas públicas sem indicação de autorização do poder público.

Para o cidadão, uma forma prática de observar possíveis irregularidades é responder a três perguntas: o equipamento atrapalha alguém caminhar? Prejudica a visão de quem dirige? Está utilizando um espaço que pertence à coletividade para promover um interesse privado? Quando alguma dessas respostas é positiva, especialistas afirmam que a situação pode justificar uma fiscalização por parte dos órgãos competentes — no caso de João Pessoa, essa responsabilidade é da Sedurb.

MAIS QUE LAZER

Hábitos partilhados fortalecem laços

Neste Dia dos Pais, famílias lembram a importância dos passatempos cotidianos para relações mais saudáveis

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Quando se fala de família, é comum acreditar que compartilhar os mesmos sangue e sobrenome é o suficiente para manter um vínculo. Porém, de acordo com a psicóloga Cássia Monteiro, especialista em orientação parental, tal elo sustenta-se, principalmente, na responsabilidade pelos menores, e não necessariamente em afeto recíproco — que se constrói a partir de demonstrações cotidianas de interesse pelo outro. Nesse sentido, o lazer em família — atividades que pais e filhos realizam juntos — é essencial não apenas para a descontração, mas também para fortalecer os laços que comprovam o quanto alguém é importante.

Manter um mesmo *hobby*, viajar, passear na praça, praticar esportes juntos ou programar uma noite de cinema em casa são formas de criar lembranças nas quais o tempo com o outro é valorizado. “Não é algo feito por obrigação, por ser essencial para a sobrevivência; é uma escolha. Conexão de verdade é construída no dia a dia, através de histórias compartilhadas, presença real, intenção genuína em aprender quem o outro é e querer estar com ele. É por meio da atenção e do cuidado que construímos relações de confiança com os nossos filhos”, diz a psicóloga.



Divorciado, André Luiz reafirma o carinho pelas filhas, Ana Estela (foto) e Ana Beatriz, por meio de viagens e programas culturais

Pai de duas meninas, com um intervalo de 10 anos entre elas, André Luiz Reis conta que sempre se esforçou para estar presente na vida de ambas. Ele e a mãe das filhas divorciaram-se quando a mais velha, Ana Beatriz, já tinha 18 anos e optaram pela guarda compartilhada para cuidar

da caçula, Ana Estela. Nesse processo, atividades em grupo, que sempre foram desenvolvidas, ganharam uma nova camada: reafirmar o carinho pelas meninas e mostrar que a nova dinâmica não alterava o interesse — coletivo e individual — que os pais sentiam pelo bem-estar delas.

Beatriz está prestes a completar 25 anos, enquanto Júlia fará 15. André aponta que filmes e séries sempre foram um interesse comum entre eles, cultivado desde que as meninas alcançaram idade suficiente para ir ao cinema e aproveitar a tela. “Também sempre gostei de viagens, mesmo que cur-

tas. Encaro esses momentos como uma aventura. Levo as duas para cachoeiras, praias e acho que essa vontade surgiu do meu próprio pai e de todas as coisas que ele fazia comigo. Ele sempre quis me proporcionar experiências, então me levava, por exemplo, para acampar. Isso nos aproximou e, com certeza,

me aproxima das meninas. São histórias e perrengues que vivemos juntos”, revela.

Além de momentos com as duas, ele procura dedicar um tempo individual para cada uma delas. Embora hoje, com Beatriz adulta, a frequência de encontros seja menor, eles buscam estar perto sempre que possível. “Aprendi a cozinhar depois que me divorciei e, como Beatriz já era mais velha, esse se tornou um *hobby* entre nós dois primeiro. Cozinhar há cerca de oito anos e chamo as duas para comer. Nem sempre saía coisa boa, mas ficávamos juntos”.

Outros interesses partilhados ajudaram a estreitar a conexão entre o pai e as filhas. “Tenho algumas coleções de filmes em DVD, quadrinhos e selos, que junto desde a adolescência e que, hoje, compartilho. Elas dizem que são minha herança”, ri.

Horas de descontração conectam personalidades

Receber a atenção dos pais em momentos de descontração estimula, nas crianças, uma sensação de segurança, tanto física quanto emocional. “Elas entendem que não é preciso que exista um problema para que haja cuidado. Percebem que os pais querem estar com elas, que valorizam sua companhia. E, a partir do momento em que se sentem seguras, as crianças tornam-se mais propensas a conversar e compartilhar suas dúvidas e sentimentos com os responsáveis”, explica Cássia Monteiro, salientando que, quando a confiança é estabelecida dentro de um relacionamento, as partes envolvidas podem viver com mais tranquilidade.

A psicóloga esclarece, ainda, que a confiança é uma via de mão dupla: crianças que se sentem seguras para falar com os pais também apresentam uma tendência maior para ouvi-los. Com isso, o respeito às regras, a mediação de eventuais conflitos e a prevenção de perigos tornam-se mais fáceis, posto que ambas as partes aprenderam a investir na comunicação aberta e estão dispostas a investir no diálogo.

“Realizar ativida-

des em grupo ajuda nesse quesito, porque acaba se tornando uma forma de conhecer alguém. É só pensar nos nossos outros relacionamentos: precisamos passar tempo com nossos amigos antes de entender que podemos contar com eles. Toda relação é assim, independentemente do elo biológico. O mesmo sangue pode até unir duas pessoas, mas não é isso que garante carinho”, disserta Cássia. Conforme a especialista, o que realmente liga dois indivíduos é a disposição que ambos demonstram em reconhecer e apreciar a personalidade do outro — fator que, em parte, revela-se a partir dos interesses manifestados pelos envolvidos.

■ **Crianças que se sentem mais confortáveis para falar com os pais também tendem a ouvi-los mais**

Animações e jiu-jítsu aproximaram dupla

Em meados de 2017, Anderson D’Arc Ferreira e Camila França, amigos de longa data e firmes em um relacionamento romântico, resolveram que era hora de introduzir Laura, filha de Camila, na relação. Compartilhar as coisas de que gostavam — fossem os acessórios de unicórnio de Laura ou os *animes* favoritos de Anderson — ajudou os dois a se aproximarem e, pouco a pouco, construírem os próprios vínculos de afeto.

“A gente começou vendo desenhos, porque eu gostava muito de assistir e ele tinha paciência para sentar e ver comigo”, Laura lembra. Depois de *Steven universo* e *O incrível mundo de Gumball*, ela também se interessou por animações japonesas mais antigas, como *Dragon Ball* e *Naruto*, que faziam parte do gosto de Anderson. Na época, Camila e Laura moravam em Belo Horizonte (MG) — cidade natal dos três — mas, no início de 2018, mudaram-se para João Pessoa, onde Anderson, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), já residia.

Ele praticava jiu-jítsu e, ao saber disso, Laura ficou curiosa e pediu para praticar também. Matriculados na mesma academia, os dois logo desenvolveram um novo assunto sobre o qual podiam conversar, além das séries e filmes a que assistiam. “Ou-



Para Anderson, a relação com Laura, filha de sua parceira, cresceu a partir de gostos em comum

tro professor puxava o treino e eu ficava ‘assessorando’ Laura, na medida do possível — em virtude dos dias em que dava aula à noite. De 2018 a 2024, foram em torno de três treinos por semana. Nem sempre eu ia, mas, sempre que dava, estava junto dela”, remonta Anderson.

Do gosto pela arte marcial, os dois começaram a compartilhar músicas e momentos ao redor da mesa, com jogos de tabuleiro. Embora, no começo, Laura só gostasse das vezes em que ganhava, logo percebeu que a atividade proporcionava mais um momento de convivência com a família, e o carinho por Anderson cresceu. Ambos acreditam que, durante a pandemia da Covid-19, jogar e ver desenhos juntos aliviou o clima

dentro de casa, ajudando a diminuir a tensão em meio à crise sanitária.

Cumplicidade

Hoje com 15 anos de idade, Laura acrescenta que se diverte conversando com Anderson sobre assuntos aleatórios. “Principalmente sobre as coisas que vejo, de História e Filosofia, e pergunto para ele. Sinto que isso aproxima a gente, e eu gosto disso. Não precisa ser grande coisa: a gente senta, conversa, eu conto fofoca para ele”, relata. Anderson, por sua vez, considera que, além de estabelecer a amizade, os interesses em comum contribuíram para a criação dos laços de confiança, cumplicidade e comprometimento que existem entre os dois. “Nem sempre concor-

damos com o mesmo ponto de vista, mas sempre mantemos essa perspectiva do diálogo, da abertura para sentar e conversar”, observa ele.

Para Anderson, esses mesmos interesses ajudaram no processo de adaptação, quando Laura, ainda pequena, saiu de Minas Gerais para morar na Paraíba. “Ela estava em um lugar diferente, entrando em uma escola nova e criando esse laço comigo — alguém que ela ainda estava conhecendo. As coisas de que gostávamos ajudaram a quebrar o gelo e, gradativamente, fui passando de desconhecido para padrao e, depois, pai, dentro dessa nossa relação. Hoje, somos pai e filha mesmo, até nas brigas. Não tem mais como tirar isso, não”, assegura.

PROTEÇÃO NAS VIAGENS

Recurso conecta Uber ao Disque 190

Disponível desde junho, no estado, mecanismo reforça segurança para usuários e motoristas, especialmente mulheres

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

“Difícilmente entro em uma corrida completamente tranquila”, relata Thais Vital, cocoordenadora da Abayomi — Coletiva de Mulheres Negras na Paraíba. A frase resume bem o estado de alerta enfrentado pelas mulheres ao utilizar algum transporte por aplicativo. Conferir a placa do veículo, verificar a identidade do motorista e compartilhar o trajeto com pessoas próximas são cuidados que já fazem parte da rotina. Desde 18 de junho, porém, uma integração entre o U-Help — identificado no aplicativo da Uber como “Ligar para a Polícia” — e o Disque 190, da Polícia Militar da Paraíba (PMPB), tem acrescentado uma nova camada de proteção às viagens, ao enviar ao órgão de segurança, em tempo real, a localização do usuário.

A novidade não se resume apenas à possibilidade de acionar diretamente a polícia. O principal avanço está no caminho percorrido pelas informações, dentro do aplicativo, a partir do momento em que o botão é pressionado pelo usuário. Ao acionar o recurso, o passageiro não precisa informar verbalmente onde está nem descrever o carro em que se encontra. Dados como placa, marca, modelo e cor do automóvel, além da identificação de quem pede ajuda, são enviados automaticamente ao 190, por meio do Centro Integrado de Operações (Ciop) da PMPB, que passa a contar com as informações necessárias para agilizar o atendimento. Ao mesmo tempo, o usuário reduz a própria exposição ao perigo, já que, em situações de ameaça ou desconforto, falar ao telefone pode agravar o risco.

Receio e anonimato

Resultado de um termo de cooperação entre a Paraíba e a Uber, assinado em novembro de 2025, a integração teve como ponto de partida uma manifestação recebida pela Ouvidoria das Mulheres, ligada ao Ministério Público da Paraíba

(MPPB). Segundo a promotora de Justiça Dulcerita Soares Alves, coordenadora do Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Justiça de Defesa da Mulher, uma passageira pediu a adoção de medidas que ampliassem a segurança nas viagens por aplicativo, mas preferiu não se identificar.

Foi justamente esse anonimato que chamou a atenção da promotora, por revelar um possível receio: como o nome do usuário fica registrado na plataforma, Dulcerita considerou que o medo de represálias também poderia impedir outras mulheres de relatar situações de insegurança ou violência. “Ela não narrava o que tinha acontecido, mas comecei a imaginar que esse fosse um problema recorrente e que as mulheres não quisessem se identificar. Elas queriam proteção”.

Até então, o usuário podia entrar em contato com o 190 por conta própria ou registrar um Boletim de Ocorrência (BO) depois. O problema, de acordo com Dulcerita, é que nem sempre a vítima tem condições de fazer uma ligação e passar as informações necessárias diante de quem representa alguma ameaça. A integração, por outro lado, torna o pedido de ajuda mais discreto. “Imagine uma pessoa em perigo ligar para a polícia na frente da pessoa que está praticando o crime. Não dá”, observa.

Para todos

Além das passageiras, o recurso representa um importante avanço para as mulheres que trabalham como motoristas e, por medo da violência, evitam circular à noite ou percorrer determinados trajetos. “Com essa ferramenta, elas estão mais seguras para trabalhar no horário que quiserem e circular por onde desejarem”, afirma Dulcerita.

Vale destacar que o botão também pode ser utilizado pelo motorista que presencia uma situação de violência no banco de trás. Como explica a promotora, caso perceba uma agressão entre passageiros, o condutor pode acionar a polícia,

Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil



O novo botão permite que o passageiro envie à polícia, em tempo real, sua localização, assim como a placa, o modelo e a cor do carro

sem qualquer exposição, e impedir que a situação evolua. “Ele pode evitar um feminicídio, inclusive. Se o motorista tem condições de chamar a polícia, torna-se possível prender o agressor em flagrante”.



Com essa ferramenta, as condutoras estão mais seguras para circular por onde desejarem

Dulcerita Alves

Plataforma oferta integração em outras seis unidades federativas

Após a assinatura do termo de cooperação, o projeto passou por etapas de conexão tecnológica e treinamento para colocar a nova funcionalidade em operação. Como a Uber atua nacionalmente, o MPPB recorreu ao Ministério Público Federal (MPF) para articular a iniciativa com a empresa e os órgãos estaduais de segurança. De acordo com a plataforma, a tecnologia responsável pelo envio das informações é fornecida pela RapidSOS, empresa que conecta dados de dispositivos móveis e aplicativos aos centros de atendimento de emergência. Com a novidade, o sistema já está disponível em seis estados — Paraíba, Rio de Janeiro, Maranhão, Amazonas, Pará e Bahia — e no Dis-

trito Federal.

A expectativa é que a ferramenta reduza a necessidade de verbalizar a queixa em momentos de conflito, ameaça ou constrangimento, em que a vítima pode estar nervosa, desorientada ou até sob a vigilância de um agressor. Contudo, sua eficiência dependerá da capacidade dos órgãos de segurança em transformar a informação recebida em atendimento. Conforme Dulcerita, o recurso já chegou a ser acionado no estado, mas os números e os resultados dos chamados ainda deverão ser solicitados às autoridades policiais pelo MPPB.

Do lado da Uber Brasil, a gerente de Políticas Públicas da plataforma, Analu Cordeiro, reforçou, em um mate-

rial divulgado sobre a parceria, que o objetivo é auxiliar na construção de uma resposta mais rápida e coordenada pelas autoridades. “Em situações críticas, sabemos que cada segundo pode ser decisivo, e essa integração é um avanço importante nesse sentido”.

Agilidade
O objetivo da iniciativa é reduzir a necessidade de se verbalizar uma denúncia às autoridades, diante de uma ameaça ou uma agressão no trajeto

Precauções fazem parte da rotina de quem utiliza o app

A necessidade de uma ferramenta discreta como o U-Help dialoga com uma rotina de precauções que as mulheres já conhecem muito bem. Antes mesmo de o veículo chegar, Thais conta que verifica se o motorista corresponde às informações mostradas no aplicativo e, de-

pois, faz questão de acompanhar o trajeto pelo GPS. “Também evito dormir durante o percurso e procuro manter alguém informado sobre a minha chegada”. Para ela, mesmo que essas precauções sejam “automáticas”, são preocupantes, porque revelam uma necessidade cons-

tante de administrar a própria segurança.

Depois de ter enfrentado situações desconfortáveis durante viagens, como comentários invasivos e mudanças de rota sem explicação, ela reconhece que essas experiências foram suficientes para deixá-la com temor. “O medo per-

manece e altera a forma como utilizamos o serviço”. Não à toa, a partir da sua atuação na Abayomi, Thais conhece de perto o impacto que a insegurança tem no ir e vir das mulheres; muitas deixam de aceitar oportunidades de trabalho, estudo ou participação em atividades culturais, porque não querem voltar para casa à noite, sozinhas. Já entre a população negra, a limitação é ainda mais acentuada, aponta Thais. “As mulheres negras estão mais expostas à violência, vivem, em muitos casos, em territórios com menor oferta de transporte seguro e enfrentam o racismo institucional”.

É por isso que a integração com o 190 pode fazer a diferença em situações como uma mudança inesperada de trajeto, uma ameaça ou qualquer circunstância em que a vítima não consiga explicar rapidamente o que está acontecendo. Entretanto, trata-se somente de uma camada de

segurança, e não de uma solução completa, como ressalta Thais, lembrando que o botão não substitui políticas permanentes de prevenção, protocolos rigorosos para apurar denúncias nem a responsabilidade das empresas sobre a proteção oferecida dentro das plataformas. Na avaliação dela, as empresas também devem investir na formação dos motoristas para o enfrentamento da violência de gênero e do racismo, além de ampliar a transparência sobre os casos registrados e as providências adotadas. “As mulheres não deveriam depender apenas de aplicativos ou de estratégias individuais para se proteger”, conclui.

De olho nisso, outras medidas já começam a entrar nessa discussão. A promotora de Justiça Dulcerita Soares Alves afirma que o MPPB pretende retomar as conversas com o MPF para analisar formas de ampliar a visibilidade da modalidade

Uber Mulher, que direciona solicitações de passageiras para condutoras mulheres. Para ela, tornar a opção mais conhecida poderia ampliar não apenas a sensação de segurança, mas também as oportunidades de trabalho para mulheres dentro da plataforma.

As mulheres não deveriam depender apenas de aplicativos ou de estratégias individuais para se proteger

Thais Vital



Thais relata já ter enfrentado situações desconfortáveis com motoristas que operam no serviço

Feliz dia dos pais

**Celebre a vida de quem
transforma amor e proteção
em palavras e ação**



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



Um dos “pais” do naïf, Alexandre (E) inspirou o filho adotivo, Tananduba (D), para exercer o ofício da pintura

DIA DOS PAIS

Conexão familiar pela veia artística

Alexandre Filho e seu filho, Luiz Tananduba, são artistas visuais cujas obras estão unidas pela imersão dentro do universo do naïf

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“Pai é quem cria”, afirmam alguns em domingos como este, de Dia dos Pais, para justificar o laço que certos homens estabelecem com seus rebentos — vínculo que, como é possível verificar na prática, vai além do sangue. Luiz Tananduba e Alexandre Filho, ambos artistas visuais, asseveram a máxima não somente porque o primeiro foi adotado pelo segundo, ainda muito jovem, mas porque a dupla cria, materialmente, suas obras imersas dentro do universo *naïf*. Os quadros que Luiz pinta desde os anos 1980, e que Alexandre, décadas antes, popularizou nas galerias, espaços públicos e residências Brasil afora (o veterano é um dos “pais” do segmento), retratam a natureza e o cotidiano e revelam, também na entrevista abaixo, a conexão familiar implícita nas telas e explícita fora delas.

Hoje pai de três filhos, Tananduba ressalta que “nenhum deles é artista”, antes que a reportagem de **A União** pudesse fazer a pergunta sobre o prosseguimento do ofí-

cio nas gerações mais novas. Também foi o entrevistado quem quis abordar, logo no início da conversa, a sua adoção, aos sete anos. “Não é fácil ser pai adotivo. E nem é fácil ser adotado; se adaptar da ‘coisa gelada’ para o ‘quente’, quer dizer, da falta de amor para ter amor. Mas é uma coisa muito interessante, muito bonita e muito real o sentimento. Não tem isso de laço de sangue, tem laço de sentimento, de carinho, de respeito e de humanização”, defende.

Remontando a história de sua infância, dentro do que lembra e que pôde compartilhar conosco, Tananduba, natural da cidade de Caiçara, recorda que morou numa fazenda com seus pais biológicos até os sete anos de idade. Precisando de auxílio médico frequente para tratar da saúde, encontrou, na casa de Alexandre, amigo da família, mais do que um pouso temporário para as consultas. “Eu vi que era melhor estar com ele do que estar em uma fazenda, trabalhando, sem escola, sem condição. Minha mãe disse, ‘Deixe ele lá porque só assim ele estuda, trilha outro caminho’. E dessa história eu estou aqui, desde 1981”, aponta.

Tananduba entendeu aos poucos a relevância cultural do novo pai. Àquela altura, o veterano tinha reconhecimento nacional e, sabidamente local, graças à circulação de artistas conterrâneos em seu ateliê; a região é, até hoje, um polo de arte *naïf*, estilo marcado pelo autodidatismo e pela espontaneidade, com cores e traços característicos. “Mas a importância inter-

nacional, eu ainda não tinha noção. Falavam isso na minha frente, conversando com ele. ‘Você é um dos maiores pintores desse país’. Teve até uma matéria de *O Globo*, feita em 1981, falando de ele ter vindo morar na Paraíba [nos anos 1960, esteve radicado no Sudeste], revela.

Mestre maior

O encantamento de Luiz Tananduba com os trabalhos do pai logo precipitou os primeiros exercícios plásticos, na adolescência. Aos 18, apresentou em João Pessoa, a sua primeira e impactante exposição, *Paixão de Cristo em outdoor*, em instalações montadas ao redor do Parque Solon de Lucena. Em sua formação como autor, as lições do mestre Alexandre passaram longe do pragmatismo e concentraram-se no fomento à autenticidade. “Ele me disse: ‘Para ser artista, você não procura rebuscar técnica, mas, sim, criar algo novo’. E é muito difícil encontrar algo novo no meio dessas informações de arte no planeta. Muitos artistas, conceitos”, relata.

A sensibilidade do rapaz também foi exercitada no encontro com a natureza, em Caiçara, e no reencontro constante com sua gênese familiar — fontes de inspiração para algumas das passagens que foram transferidas, *a posteriori*, para as telas e que Tananduba replica, agora, quando também precisa repassar sua experiência. “Pesquisa a própria natureza, a sua vida, a sua origem. O seu pai é um vaqueiro,

um homem do campo. As cores das plantas, das flores — o ipê roxo e o amarelo. A luz do sol que bate nessa vegetação’. Um artista não ensina outro a pintar ele orienta, diz o que está bom ou que está péssimo”, analisa.

Há quatro décadas, Luiz Tananduba e Alexandre Filho dividem o mesmo ateliê, situado no bairro de Mangabeira, na capital. Por conta da idade e dos problemas na coluna, o pai produz com menos frequência, mas não deixa as tintas e os pincéis de lado. Além da bagagem artística, o tempo, agora, põe o idoso em certa vantagem, crava o filho. “Ele consegue fazer a mesma coisa que sempre fez, com o mesmo senso crítico. Porque é como andar de bicicleta ou nadar, mas pintar não tem risco nenhum, nem na vida dele, nem na de ninguém. Se ele errar, pega outra tela e continua. Com 60 anos de profissão, ele não tem que provar mais nada”, declara.

Ao longo dos anos, a dupla ainda compartilhou espaço em galerias e exposições, coletivas ou semi-individuais, dentro e fora da Paraíba — mas Tananduba alega que nunca foi indicado pelo pai nessas situações: “Proteção só de Deus. Alexandre tem muita ética, sabe que artista tem que ter suas próprias asas, andar com suas próprias pernas”. E apesar de ter realizado muitas das empreitadas profissionais que almejou ter em carreira solo, o filho acalenta, há algum tempo, o sonho de dividir um catálogo

impresso com o artista pioneiro: “Mas esse não é um objetivo profissional, entendeu? É mais um objetivo de sentimento”.

A reportagem tentou conversar com Alexandre, mas ele está hospedado, há alguns dias, na casa do irmão, no município de Guarabira, no Agreste do estado. Esse “retiro” fez o veterano, um pouco avesso a entrevistas e mais ainda a contatos telefônicos, “incomunicável”. Reafirmando a sua gratidão, é Tananduba quem arremata a matéria assinalando o valor de seu pai — tanto para o estado, quanto para ele mesmo: “Jayme Maurício, Roberto Ruggiero e Anatole Jakovsky, alguns dos grandes críticos de arte do mundo, sempre dizem que ele é um dos maiores artistas populares do Brasil. Estive em museus em Londres, no Canadá... Não precisa dizer realmente que ele é meu mestre, porque não existe um mestre maior do que um pai. A gente está junto na pintura e nesse amor entre pai e filho”, destaca.



Há quatro décadas, Alexandre Filho (E) e Tananduba (D) dividem o mesmo ateliê, na capital paraibana, produzindo obras com o estilo marcado pelo autodidatismo e pela espontaneidade, com cores e traços característicos, retratando a natureza e o cotidiano

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

Laranja mecânica, estética e violência

Uma questão atormenta-me desde a primeira vez que assisti *Laranja mecânica*. Alex, a personagem principal, é um psicopata, sádico, líder de uma gangue juvenil, que se apraz em violentar pessoas num futuro distópico. O que nos leva a crer, apressadamente, que seja o tipo de gente que causa repulsa instantânea — um ser incapaz de provocar a menor afeição. Mas é exatamente o contrário. Estamos falando de um dos vilões mais icônicos e carismáticos da história do cinema, que se tornaria símbolo da cultura *pop*. Seja por sua complexidade psicológica, pela genial interpretação de Malcolm McDowell ou pela extraordinária direção de Stanley Kubrick.

Definitivamente, não se trata de qualquer vilão. Alex encarna o mal demoníaco ou radical, nos termos usados pela socióloga húngara Agnes Heller para se referir à malignidade intrínseca a certas personagens. Uma das coisas mais intrigantes do mal demoníaco é que ele produz fascinação. É atraente e sedutor. Daí, a importância do Diabo na cultura ocidental.

O mesmo não costuma acontecer com outros tipos de vilões, a não ser parcialmente. Agnes Heller fala também de um tipo de mal que pode ser descrito como a ausência de bem. Nele, explica a socióloga, encaixam-se personagens arrivistas que colocam seus interesses em primei-

ro lugar e não perdem tempo em passar os outros para trás; mas que assim agem mais por um utilitarismo egoísta do que qualquer outra coisa. Como aqueles jovens dos romances de Jane Austen, que seduzem mulheres na intenção de se apoderar de seus dotes: usam as pessoas em benefício próprio, são mesquinhos. Eventualmente, podem sentir remorso ou culpa pelos seus atos e, por acidente, quem sabe, fazer o bem.

Com Alex é diferente. A violência é, antes de tudo, fonte de prazer e expressão da beleza. A estetização da violência, creio, é um dos aspectos fundamentais de *Laranja mecânica*. Em primeiro lugar, pela forma como Kubrick constrói as cenas de ultraviolência explorando a plasticidade dos movimentos das personagens, a ambientação, a trilha sonora, o humor macabro e os planos de câmera. É exatamente isso que faz com que os espectadores se deixem seduzir pelo mal.

O segundo aspecto dessa estetização diz respeito à própria obra de arte, enquanto forma de expressão de sentimentos. Beethoven foi um grande especialista em transformar a violência em arte. Não é à toa que Alex tinha uma paixão avassaladora pelo compositor.

Depois de ser preso por assassinato, ele candidatou-se à cobaia de uma nova técnica científica (método Ludovico), que

prometia transformá-lo numa pessoa boa e cidadão livre. Tudo não passava de uma espécie de “condicionamento pavloviano”, financiado pelo governo. Durante o processo, Alex é submetido a cenas de ultraviolência envolvendo estupros, espancamentos e tortura. Ao mesmo tempo em que recebia doses de uma droga que lhe causava mal-estar físico. A técnica consistia basicamente em produzir náuseas e dores todas as vezes que sentisse vontade de cometer violência, paralisando-o. A vontade de sair da prisão, todavia, levou Alex a se submeter ao tratamento. Em troca da liberdade, deveria abrir mão do prazer sádico da violência concreta. O que fez, espantosamente, sem demonstrar nenhuma resistência.

A questão que me atormenta até hoje, no entanto, é a seguinte: em certo momento do processo, as imagens de ultraviolência passaram a ser associadas à “Sinfonia nº 9”, de Beethoven. Essa é a única vez em que pede para que os cientistas parem. Ele diz ser pecado associar Beethoven a sentimentos tão negativos. Sem dúvida, uma profanação.

Por que, afinal, Alex deixaria de lado o prazer sádico em troca da saída da prisão, mas não aceitaria renunciar o prazer provocado pela música de Beethoven? Seria essa uma forma mais elevada de violência?

Estética e Existência

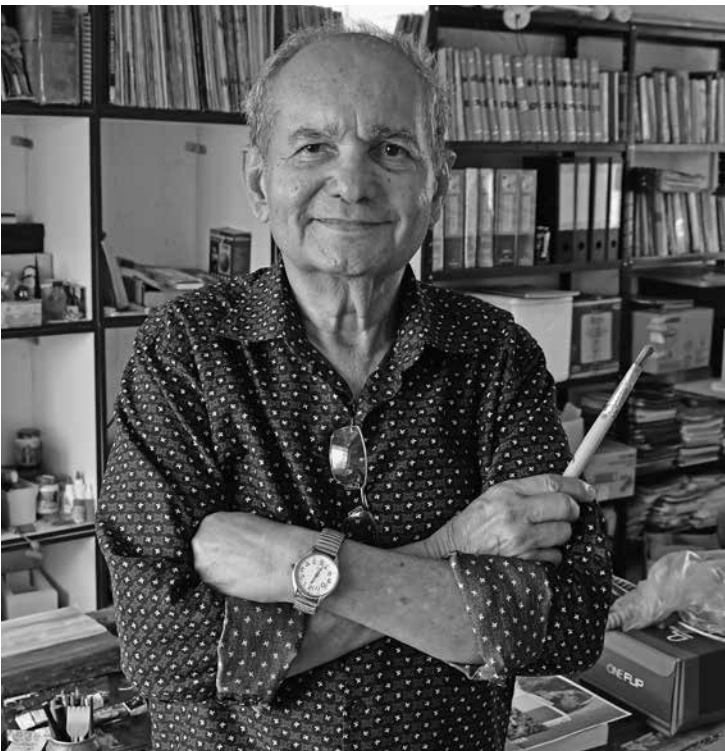
Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Chico Pereira: arte e patrimônio cultural

Francisco Pereira da Silva Júnior (1944–2025), mais conhecido como “Chico Pereira”, destaca-se como uma das referências da cultura paraibana contemporânea. Professor aposentado do Departamento de Artes Visuais, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), artista visual, pesquisador, gestor cultural e membro da Academia Paraibana de Letras (APL), ele desenvolvia uma intensa produção artística, pesquisas, ensino, preservação do patrimônio cultural e gestão pública. Ao longo de mais de cinco décadas, consolidava as artes visuais, a museologia e as políticas culturais na Paraíba.

Sua formação intelectual expõe uma concepção de cultura comprometida com a valorização da memória, da identidade e da transformação social para o bem-estar social. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões do filósofo francês Pierre Bourdieu (1930–2002), que compreende a cultura como um campo de produção e legitimação de bens simbólicos. Considerando isso, a atuação de Chico Pereira contribui na organização de instituições culturais e na democratização do acesso à arte, e permanece como referência para pesquisadores, artistas e gestores culturais, de forma a articular conhecimento, memória e compromisso institucional na construção da cultura paraibana e brasileira.

Na gestão acadêmica e pública, Chico Pereira foi pró-reitor Adjunto de Assuntos Comunitários da UFPB, pró-reitor de Cultura da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), coordenador do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC-UFPB), diretor do Museu de Arte Assis Chateaubriand (Maac), em Campina Gran-



Pereira era professor, artista visual, pesquisador e gestor cultural

de, de 1969 a 1974, e diretor do Museu de Arte Popular da Paraíba (Mapp), reconhecido nacionalmente pela preservação da cultura popular nordestina. Além dessas funções, foi vice-presidente-executivo do Conselho Estadual de Cultura, subsecretário de Cultura da Paraíba, assessor especial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) e assessor do Ministério da Educação (MinC).

A atuação de Chico pereira contribuiu para a elaborar e implantar as políticas públicas voltadas à preservação do patrimônio histórico e artístico, bem como ao fortalecimento das instituições culturais paraibanas e a ampliação do acesso da população às manifestações artísticas. Essa sua trajetória é compreendida por meio das contribuições teóricas de Néstor García Canclini (1939), para quem as políticas culturais são instrumentos de promoção da cidadania, preservação do patrimônio e desenvolvimento social e da dignidade humana.

Além disso, ele integrou projetos de revitalização do Centro Histórico de João Pessoa, coordenou grupos responsáveis pela criação da Lei Estadual de Incentivo à Cultura (Fundesc) e colaborou na elaboração da legislação municipal que instituiu a obrigatoriedade da inserção de obras de arte em edificações na capital paraibana e fortalecer as instituições responsáveis pela preservação do patrimônio cultural e pela difusão das artes visuais no estado. Também participou da implantação do Museu de Arte Popular da Paraíba (mais conhecido como Museu dos Três Pandeiros), do Centro Cultural do paraibano Ariano Suassuna (1927–2014), do Memorial dos Esportes da Vila Olímpica de Campina Grande e do Centro Cultural de São Francisco. Tais iniciativas relacionam-se com as reflexões do museólogo Mário Chagas, que compreende os museus como espaços voltados à educação, à cidadania e à construção da memória social.

Entre as obras de Chico Pereira destacam-se *Feira de Campina Grande: um museu vivo da cultura popular e do folclore nordestino*, premiada pelo MinC; *Os anos 60 – Revisão das artes plásticas na Paraíba*, em parceria com Raul Córdula; *O legislativo na História da Paraíba*; *Paraíba – Registros históricos do Ministério Público*; e *Paraíba – Memória cultural*. Ele fortalecia a memória coletiva e valorizava o patrimônio regional. A sua preocupação com a preservação da identidade cultural aproxima-se das ideias de Stuart Hall (1932–2014), que entende a identidade como uma construção histórica continuamente produzida pelas experiências sociais e culturais.

Chico Pereira conquistava reconhecimento nacional e internacional. Participou da 16ª edição da Bienal Internacional de São Paulo, da 3ª Bienal Internacional de Valparaíso, no Chile, e foi bolsista da Associação Cultural Le Hors-Là, em Marseilha, na França.

Entre suas obras de destaque resalta-se *Varandas de rede*, mural em cobogós instalado na Estação Cabo Branco — Ciência, Cultura e Artes, na capital paraibana. A obra foi concebida a pedido do arquiteto Oscar Niemeyer (1907–2012), que a incorporou ao seu projeto arquitetônico.

Sinta-se convidado para a audição do 579º *Domingo sinfônico*, que ocorrerá neste dia 9, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo radiotabajara.pb.gov.br/radio-aovivo/radio-fm. Durante o programa, comentarei as contribuições de Chico Pereira para a arte, a memória e o patrimônio cultural.

Kubitschek Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Os santos de Tavinho

No início era chão, barro, bairro do coração, o Roger, onde nasceu Tavinho Santos e Vital Farias. Tavinho chega perto de mim com cartografias e manuscritos do cérebro. Vital chega com “Ai, que saudade d’ocê”. Saudade é bom e faz doer, mas, caro Vital, onde estiveres, saiba a gasolina não para de subir de preço.

Convidei Tavinho para nosso *podcast K pra nós* — ele atrasou 10 minutos e eu dei uma bronca nele. Veio como se desembarcasse de um disco voador, tamanha inteligência e não por se tratar de um ser de outro planeta, mas quem nasceu no Roger não é qualquer um — a sua presença admite de cara a declaração universal a ser entendida como uma indicação.

No fundo do Roger, Tavinho Santos, ex-vereador da capital, foi e é capaz de conduzir o destino de uma cidade, ao bel-prazer humanitário. Esse homem que conhece a cidade na palma da mão — amada, inteiramente dos destinos das sociedades aqui construídas. Ele é o tal.

Tavinho alcançou esse efeito prodigioso, ao infiltrar-se em todas as esferas dos espaços públicos da cidade, desenvolvendo sensibilidade fazendo-se desejar sem limite, jamais invertendo os papéis, com a mão na massa, põe a sociedade aos ouvidos, forte defensor do nosso Centro Histórico.

Aluno aplicado, estudou no Pio XII até se fazer sobrevivente, chegar à universidade e fazer o curso de Educação Física — tem um vasto currículo e serviços prestados avançados. Fez muito pelo esporte paraibano. Tavinho é foda.

Agente dessa força que viraliza, como um astro negro, esse cara irradia sutilmente a verdade, nunca a promessa que muitos fazem e não cumprem. Tavinho sabe dominar a linguagem, fala com veemência, filho de Deus que lhe mandou para o mundo. A rigor, um amante da música, filho de “Cabeção”, um dos maiores fotógrafos da Paraíba. Ei, você viu Cabeção por aí?

Nesse mundo virtual, Tavinho tem seu palanque nas redes sociais gravando, detonando, mostrando que pode ir bem mais. Na verdade, os homens de boa vontade são ricos, tanto como se tomam seres raros quanto seu abraço, e mostra que somos poucos bacanas, longe dos malditos, os cruéis, os assassinos e os que roubam nosso dinheiro público. Se gritar pega ladrão...

A oração, o canto, a reflexão, tudo é uma indicação que transtorna inteiramente a razão moral do ser humano. Tavinho está, aí, nesse raro espaço de existir e resistir.

Ele é sua própria influência, por essa exceção que nos distingue sucessivamente até levar a um investimento maior, o conhecimento. Gente, ele sabe tudo da cidade, dos rios, dos becos, de quando a cidade nasceu lá no Porto do Capim.

A liberdade de Tavinho incomoda, a qual não existem algemas, mas sua luta por uma João Pessoa mais humana é notável. Tavinho, a aparição de sua pessoa significa a vitória de si, vitória nossa.

O trabalho de Tavinho visa a multiplicação, e é o que determina, a coisa certa, todo o bem, pelo bem de todos no esforço de se realizar, realizando, já é um pouco de saúde.

E os santos de Tavinho? Ah! Ele é devoto de Santa Terezinha, a igreja que fica na última rua do Roger, a padroeira — “*gracias a la vida que me ha dado tanto*” — cidade baixa do Roger livrou-se do maior lixo e da sua podridão.

Tenho amor por você, Tavinho!

Kapetadas

- 1 - Olha bem — escrever um livro pensando na lista de mais vendidos é como plantar uma árvore pensando na serraria;
- 2 - Conheço gente tão modesta, mas tão modesta, que faz questão de ser reconhecida por isso.



Tavinho Santos (E) durante as gravações do podcast K pra nós

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

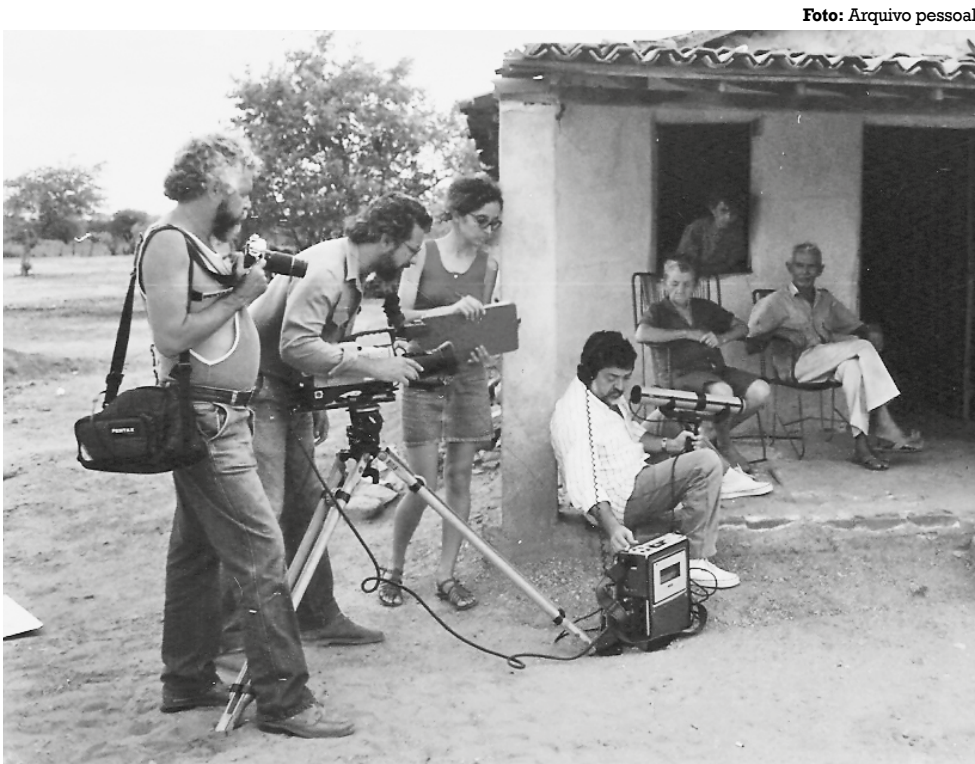
Saga e cinema de um documentário

O documentário *O romance do dinosau*, neste mês de agosto, marca 35 anos desde a sua produção, trazendo experiências muito interessantes sobre as riquezas naturais, além da diversidade de crenças e comportamentos entre os seres humanos em relação às marcas deixadas pelos dinossauros na localidade de Sousa, no Alto Sertão da Paraíba.

Realizado pelo cineasta cearense e professor Pedro Jorge de Castro, teve a codireção minha e do fotógrafo paraibano José Nilton da Silva, com produção e financiamento do CNPq. Recebeu o apoio das universidades federais da Paraíba e de Brasília. O curta participou da abertura do 3º Festival Audiovisual do Vale dos Dinossauros (Festissauro), da cidade de Sousa, naquele ano.

Selecionado para o Festival de Cinema das Ilhas Canárias, na Espanha, justamente naquele fim de 1991, época de sua realização, o filme explora com requintes os mitos pré-históricos sobre o animal, que existiu há milhões de anos, hoje, na visão da comunidade sertaneja, segundo especialistas. *O romance do dinosau* estuda de forma inteligente uma espécie de “introdução” do mito na cultura sousense, quando tudo passou a ser “dinossauriano”.

Um fato interessante é que conheci o cineasta Pedro Jorge, diria, pelas mãos do amigo José Nilton da Silva, durante a exibição aqui, na capital, do documentário *Brinquedo popular do Nordeste*, também de Pedro. Isso, no ambiente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Viven-



Fotógrafo Zé Nilton (E) nas gravações da produção documental *O romance do dinosau*

do o fim dos anos 1970, foi-me fácil chegar a ele, que logo cedo passei a chamar de “cineasta-tigipió”, dada a nossa fraterna relação desde então.

Ao residir em Brasília por quase três anos, quando fui realizar minha pós-graduação na Universidade de Brasília (UnB), foi o cineasta Pedro Jorge de Castro quem orientou a minha tese de mestrado. Doutor com formação em Roma, Itália, e professor da UnB, do Departamento de Comunicação Social, com suas ligações no Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE), foi onde

desenvolvi a maioria técnica dos meus trabalhos acadêmicos.

Neste agosto, 35 anos depois, constato mais uma vez que as nossas experiências com *O romance do dinosau* foram muito bem-sucedidas. Um projeto que se iniciou com uma curiosidade sociológica sobre o comportamento cultural de uma cidade, em razão dos dinossauros, passando pelo cientificismo paleontológico, adentrando a própria lógica da cultura popular. — Mais “coisas de cinema”, acesse: www.alex santos.com.br.



APC — parceria com a Aliança Francesa

Representando a Academia Paraibana de Cinema (APC), seu presidente, João Gomes de Lima, participou de recente encontro na Aliança Francesa, em João Pessoa, quando a entidade recebeu intercambistas interessados em ações culturais em Vichy, especialmente influenciadores digitais brasileiros.

Conforme ficou acertado, a partir de agora, os laços entre a APC e Aliança Francesa prometem ser mais constantes em um diálogo sobre a cinematografia francesa e paraibana.

LITERATURA

Meridiana retrata a ascensão social de uma família negra da periferia do Rio de Janeiro

Stéphanie Araujo
Agência Estado

Brincando com os limites do sonhar enquanto busca dar nome e rosto para personagens negras e negros esquecidos na construção do país, Eliana Alves Cruz tem obras que misturam a historiografia do Brasil com o imaginário. A carreira consolidada no jornalismo não foi abandonada quando a autora carioca partiu para as prateleiras de literatura de ficção, muito pelo contrário, ela utiliza as ferramentas que tem para contar sobre o passado, presente e futuro.

Assim surgiram algumas de suas obras mais marcantes, como *Água de Barrela* (2015), *O crime do Cais do Valongo* (2018), *Solitária* (2022) e *Meridiana* (2025), que acaba de ganhar a primeira edição do Prêmio Guimarães Rosa da Academia Brasileira de Letras (ABL), na categoria Melhor Livro de Ficção.

O livro retrata a ascensão social de uma família negra da periferia carioca e os dilemas que vão além do dinheiro, mas permeiam as micro-violências raciais do cotidiano após a chegada à classe média e tudo o que vem depois do que se é visto como conquista.

Em uma conversa com o *Estadão*, Eliana falou sobre as mudanças do mercado literário, a desigualdade social retratada em seus livros e a busca por sonhar novas vidas — que, por muito tempo, não foram protagonistas das histórias do Brasil.

Além disso, a autora contou em detalhes sobre seu novo lançamento com Conceição Evaristo, o livro e documentário *Escrevientes*. Uma conversa íntima entre autoras de diferentes gerações que se torna a primeira edição da coleção *Memórias brasileiras*, uma série publicada pela Pallas Editora.



Obra da escritora carioca Eliana Alves Cruz ganhou o Prêmio Guimarães Rosa, da Academia Brasileira de Letras (ABL), na categoria de Melhor Livro de Ficção

Foto: Wilton Junior/Estadão Conteúdo

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Leminski é um deles

Paulo Leminski virou quase um mito para certa geração de leitores de poesia. Não é que não goste de seus poemas, mas, como poeta, não o amo de paixão. Fiquei encantado, sim, com o senso que conheci, já vão longos anos, desenvolvido e brilhante no tatame.

Numa contenda com meu mestre e ídolo, Ivan Gomes, numa demonstração daqueles zonais que havia pelo Brasil nos anos 1970, não chegou a derrubar o campeão de judô e luta livre, adversário superior, tendo perdido a luta, no entanto, com brio e elegância. O meu mestre sempre o elogiava muito.

Isso, contudo, são fatos de outros tempos, vivências de outro planeta. Vamos ao que interessa. E o que interessa é Paulo Leminski, o grande poeta dos pequenos poemas. Dos versos seminais. Das pílulas mágicas. Dos *insights* desconcertantes.

Minha relação com ele e, por extensão, com todos os poetas, sempre foi muito atribulada. Nunca consigo manter equilíbrio e harmonia com os poetas que leio e amo. Aprecio um lado de sua trajetória que me atrai e apaixona, embora não me conforme com outros, cujos rumos me desagradam e me entristecem.

Não obstante, sinto que alguns poetas são singulares. Não pelo conjunto da obra, porém, pela criação de alguns versos que valem por uma obra inteira. Posso estar enganado, (quase sempre estou enganado!), mas Leminski me parece um desses espécimes raros. Sua poesia, cheia de altos e baixos, contém, aqui e ali, algumas pepitas de ouro raro quilate.

Vou citar de cor alguns versos de sua lavra lacônica e destabocada, que assinaria embaixo com orgulho e alegria.

“Adeus mamãe, adeus, papai.
Um dia todos os filhos serão meus”.

Sempre que releio estes versos me desaprumo, sinto um perdão enorme pelos que me magoaram, me dá vontade de tomar aquele porre tresloucado, andar pelos bares e becos sem eira nem beira. Me volta, também, aquele sentimento melancólico que grudou na minha alma, faz 72 anos. Ainda me pega, já noutra clave, a película do amor fraterno, revestindo a inocência de quem quer ser bom nos círculos do inferno.

Outros que mexem muito comigo, e também mexiam com o poeta e saudoso amigo Lúcio Lins, eram estes:

“O homem,
com uma dor,
se veste mais elegante”.

Como disse: cito de cor, e talvez a ordem dos versos não seja exatamente essa. Me perdoe, quem me lê. Também escrevo esta *Letra lúdica* direto no drive do celular e bebericando uma loura suada num boteco da Torre. Assim, ao Deus dará, sem pressa nem cansaço. Absolutamente tomado pelas carícias da solidão.

Me toca, nessa estrofe, o possível oxímoro embutido na camada semântica e, principalmente, a convicção de que a dor, mais que a indumentária, confere certa dignidade ao ser humano.

O poeta foi feito para perceber e registrar tais filigranas que a vida, mesmo a mais besta e insossa, pode comportar. Paulo Leminski é um deles. Pertence a essa raça que sonhou, sofreu e amou na vida.



Foto: Juvenal Pereira/Estadão Conteúdo

Retrato do escritor, poeta, tradutor e professor Paulo Leminski

Colunista colaborador

DA IMPERMANÊNCIA À METAMORFOSE

Mostra traz investigação poética

Em João Pessoa, exposição gratuita aborda transformação, corpo e pertencimento

Da Redação

Já se encontra aberta para o público a exposição *Da impermanência à metamorfose*, da artista visual Trexy, no Espaço Expositivo Alice Vinagre, localizado no Mezanino 2 do Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa. A mostra permanecerá no local até o dia 11 de setembro, com entrada gratuita. Nesse projeto, Trexy apresenta uma

Em Cartaz

Cinema

Programação de 6 a 12 de agosto, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, o Cine Guedes, em Patos, o Cinemaxxi Cidade Luz, em Guarabira, e o Cine RT, em Remígio, não haviam divulgado suas programações.

ESTREIAS

INSACIÁVEL (*Saccharine*). EUA, 2026. Dir.: Natalie Erika James. Elenco: Midori Francis, Danielle Macdonald, Madeleine Madden. Terror. Hana é uma estudante de medicina que há anos nutre uma preocupação permanente com o próprio corpo e a perda de peso. Influenciada por uma amiga, ela decide começar um programa extremo à base de pilulas produzidas com cinzas humanas. Por conta disso, um fantasma faminto passa a aterrorizar a estudante. 1h52. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 17h30, 20h10 (exceto qui., ter. e qua.).

PATRULHA CANINA UMA AVENTURA DINO (*PAW Patrol: The Dino Movie*). EUA, Canadá, 2026. Dir.: Cal Brunker. Animação. Os filhotes da Patrulha Canina ficam amigos de um filhote de dinossauro chamado Rex quando o barco deles encalha em uma ilha tropical. Quando os planos de mineração do Prefeito Humdingar provocam a erupção de um vulcão, os filhotes entram em ação para salvar o lar de Rex antes que tudo seja extinto. 1h28. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 12h45 (somente sáb. e dom.), 14h50 (somente sáb. e dom.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h (somente sáb. e dom.). CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h20 (somente sáb. e dom.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h20 (somente sáb. e dom.).

REAPRESENTAÇÃO

AUTHENTIC GAMES – O FILME: NO IMPÉRIO DESCONECTADO. Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thy Bergamim. Aventura/animação. O Imperador de um mundo offline decide sequestrar o fenômeno Marco Túlio, mas seu plano maligno dá errado e leva a Família Craft por engano. A partir daí, TT assume a forma de Authentic, personagem inspirado em seu próprio avatar, e inicia uma jornada para resgatar seus aliados em um universo repleto de elementos típicos dos jogos, com fases, desafios e transformação de personagens. 1h11. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 10h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 10h; CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 10h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 10h40; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 10h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 11h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 12h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 11h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 10h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 11h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 12h.

ESPECIAL

MOSTRA A CINEMATECA É BRASILEIRA. Exibição gratuita de filmes no Cineteatro São José, em Campina Grande. *Cineteatro São José: São Bernardo* (sex., 14/08: 18h30); *Que horas ela volta?* (qui., 13/8: 20h); *Candinho* (sáb., 15/8: 18h); *Los silencios* (sáb., 8/8: 18h; qui., 13/8: 17h); *O homem do Pau Brasil* (qui., 20/8: 16h; sex., 28/8: 20h20); *Últimas conversas* (sex., 21/8: 16h; sáb., 29/8: 18h); *O lobo atrás da porta* (sex., 21/8: 20h20; qui., 27/8: 20h20); *A hora e vez de Augusto Matraga* (sáb., 22/8: 18h; sex., 28/8: 16h).

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: até o dia 28/8. Entrada franca.

investigação poética sobre transformação, corpo e pertencimento. A exposição parte de uma narrativa que acompanha uma criatura em um processo de ruptura, adaptação e reconstrução, evocando imagens de tensão, deslocamento e metamorfose. Entre atmosferas que transitam entre o imaginário e o inquietante, a artista propõe reflexões sobre os processos de mudança e as formas como os corpos reinventam-se diante das experiências que os atravessam.

Natural de Santa Rita, na Região Metropolitana de João Pessoa, Trexy é artista visual, curadora, pesquisadora e produtora cultural. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestra em Artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC), ela desenvolve uma prática multidisciplinar que reúne *performance*, fotografia, escultura, arte digital, desenho, pintura, poesia e manipulação virtual.

A pesquisa da artista paraibana investiga as corporeidades e suas constituições socioculturais, buscando tensionar dualidades como corpo e mente, natureza e cultura, aproximando a experiência humana da biosfera para além de perspectivas tradicionais.

A artista realizou a exposição individual *Investigações de si* (2024), no Hotel Globo, no Centro Histórico de João Pessoa, e participou de importantes eventos de artes visuais, como o 76º Salão de Abril, em Fortaleza, no Ceará, e o 17º Salão Municipal de Artes Plásticas (Samap), na capital paraibana. Suas obras integram o acervo da Pinacoteca da UFPB e já participaram de exposições internacionais.

Segunda exposição da temporada 2026, *Da*

A FABULOSA MÁQUINA DO TEMPO. Brasil, 2026. Dir.: Eliza Capai. Documentário. Meninas brincam no Sertão do Nordeste brasileiro, equilibrando-se entre o passado difícil de suas mães e os sonhos fantásticos que inventam para o futuro. 1h10. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: qui., 13/8: 18h30; sáb., 15/8: 15h; seg., 17/8: 18h10; dom., 23/8: 15h30; ter., 25/8: 20h40; qui., 27/8: 15h; sáb., 29/8: 15h.

FUTURO FUTURO. Brasil, 2026. Dir.: Davi Pretto. Ficção científica. Elenco: Zé Maria, João Carlos Castanha, Carlota Joaquina. Numa cidade brasileira do futuro, um homem amnésico embarca numa jornada para descobrir onde ele realmente pertence depois de usar um dispositivo de IA criado para ajudar pessoas com uma estranha síndrome neurológica. 1h26. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom, 9/8: 18h10; qua., 12/8: 15h; sáb., 15/8: 16h20; ter., 18/8: 20h20; qui., 20/8: 15h; sáb., 22/8: 16h30; sex., 28/8: 18h10; dom., 30/8: 15h.

HOMEM-ARANHA: UM NOVO DIA (*Spider-Man: Brand new day*). EUA, 2026. Dir.: Destin Daniel Cretton. Elenco: Tom Holland, Zendaya, Sadie Sink, Jacob Batalon. Aventura. Quatro anos se passaram depois da última aventura e Peter Parker agora é um adulto que vive totalmente sozinho, tendo se desligado voluntariamente da vida e das memórias daqueles que ama. Combatendo o crime em uma Nova York que não sabe mais seu nome, ele se dedica exclusivamente à proteção de sua cidade — um Homem-Aranha em tempo integral — mas à medida que as exigências sobre ele se intensificam, a pressão desencadeia uma evolução física que ameaça sua existência surpreendente, mesmo quando um novo padrão estranho de crimes dá origem a uma das ameaças mais poderosas que o “Cabeça de teia” já enfrentou. 2h25. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 17h30, 20h30; CENTERPLEX MAG 3 (atmos): 15h (dub.), 18h (leg.), 21h (leg.); CENTERPLEX MAG 4: 14h (leg.), 17h (dub.), 20h (leg.). CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 11h45, 15h, 18h15, 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 12h20, 15h30, 18h45, 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 12h45, 16h, 19h15, 22h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 11h30, 14h30, 17h45, 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE, dub.): 13h, 16h20, 19h45, 23h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP, leg.): 13h30, 16h45, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 12h, 15h, 18h15, 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 12h15, 15h15, 18h30, 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 12h30, 15h45, 18h45, 21h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 12h45, 16h, 19h, 22h. CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h30 (exceto sáb. e dom.), 17h15, 20h; CINESERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h30, 18h15, 21h; CINESERCLA TAMBIA 5 (laser, dub.): 14h, 16h45, 19h30; CINESERCLA TAMBIA 6 (laser, dub.): 15h, 17h45, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (laser, dub.): 14h, 16h45, 19h30; CINESERCLA PARTAGE 2 (laser, dub.): 15h, 17h45, 20h30; CINESERCLA PARTAGE 4: 14h30 (leg., exceto sáb. e dom.), 17h15 (dub.), 20h (leg.). CINESERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h30, 18h15, 21h.

HONESTINO. Brasil, 2026. Dir.: Aurélio Michiles. Documentário. A história de Honestino Guimarães, líder estudantil da geração 1968, presidente da UNE e aluno da UnB (DF). Preso cinco vezes por sua militância, Honestino foi sequestrado em 1973, aos 26 anos, e é uma das centenas de desaparecidos da Ditadura Militar. 1h25. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 9/8: 16h30; ter., 11/8: 18h30; sáb., 15/8: 18h; seg., 17/8: 16h30; sex., 21/8: 20h20; dom., 23/8: 19h10; qui., 27/8: 20h20; dom., 30/8: 18h10.

MOANA (*Moana*). EUA, 2026. Dir.: Thomas Kall. Elenco: Catherine Laga’aia, Dwayne Johnson, John Tui. Aventura. Filha do chefe de uma aldeia da Polinésia vai sozinha ao mar em busca de um deus para quebrar uma maldição que atinge seu povo. *Live-action* baseado na animação homônima. 1h55. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 14h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h40. CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h05. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h05.

MINIONS E MONSTROS (*Minions & Monsters*). EUA, 2026. Dir.: Pierre Coffin. Animação. Os Minions procuram criaturas assustadoras para participar de um filme de monstros. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 12h20. CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h15 (apenas sáb. e dom.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h15 (apenas sáb. e dom.).

A ODISSEIA (*The odyssey*). Reino Unido, EUA, 2026. Dir.: Christopher Nolan. Elenco: Matt Damon, Tom Holland, Anne Hathaway, Robert Pattinson, Lupita Nyong’o, Samantha Morton, Zendaya, Charlize Theron, Elliot Page, Jon Bernthal, Mia Goth, John Leguizamo. Aventura. Após a Guerra de Troia, o herói grego Odiseu (Damon) quer voltar para a sua casa. Pelo caminho, o guerreiro enfrenta criaturas míticas e deuses em sua jornada épica de retorno, onde sua esposa Penélope (Hathaway) o aguarda. O rei de Ítaca descreve sua trajetória esbarrando com seres como os ciclopes, as seréias e a feiticeira e deusa Circe. Baseado no poema épico de Homero. 2h52. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 12h50 (exceto sáb. e dom.), 16h40 (exceto sáb. e dom.), 20h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h30, 17h10, 20h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP, leg.): 14h20, 18h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 17h40, 21h10. CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 20h15.

PEQUENAS CRIATURAS. Brasil, 2026. Dir.: Anne Pinheiro Guimarães. Drama. Elenco: Carolina Dieckmann, Leticia Sabatella, Caco Ciocler. Em 1986, uma família muda-se para Brasília, mas a esposa é deixada para trás pelo marido numa viagem de negócios. Frustrada, ela lida com a adaptação à cidade desconhecida e as crises do filho adolescente e do caçula, de sete anos. 1h40. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 11/8: 16h20; dom., 16/8: 17h; qua., 19/8: 15h; sex., 21/8: 18h10; qua., 26/8: 18h30; dom., 30/8: 19h50; seg., 31/8: 20h20.

REFÊM POR UM FIO (*Dead man’s wire*). EUA, 2026. Dir.: Gus Van Sant. Elenco: Bill Skarsgård, Dacre Montgomery, Colman Domingo. Suspense. Em 8 de fevereiro de 1977, Tony Kiriitis entrou no escritório de Richard Hall, presidente da Meridian Mortgage Company, e o fez refém com uma espingarda serrada conectada a um “fio de homem morto” do gatilho até o pescoço de Tony. 1h45. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ (leg.): qui., 20/8: 17h; dom., 23/8: 17h; ter., 25/8: 18h40; qui., 27/8: 18h10; sáb., 29/8: 19h50; seg., 31/8: 16h.

OS RUMINANTES. Brasil, 2026. Dir.: Tarsila Araújo e Marcelo Mello |. Documentário. A história sobre o cinema brasileiro das décadas de 1960 e 1970 e suas questões políticas. 1h20. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 9/8: 15h; qui., 13/8: 17h; seg., 17/8: 15h; qua., 19/8: 17h; sex., 21/8: 16h30; ter., 25/8: 15h; qui., 27/8: 16h30; dom., 30/8: 16h40.

SIRÁT (*idem*). Brasil, 2026. Dir.: Oliver Laxe. Elenco: Sergi López, Bruno Núñez Arjona, Richard Bellamy. Drama. 1h54. 16 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: sáb., 15/8: 15h45; qui., 27/8: 16h.

SUSPIRIA (*idem*). Itália, 1977. Dir.: Dario Argento. Elenco: Jessica Harper, Joan Bennett, Stefania Casini. Terror. 1h35. 16 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: sáb., 22/8: 20h; sex., 28/8: 18h20.

TOY STORY 5 (*idem*). EUA, 2026. Dir.: Andrew Stanton. Animação. O trabalho de Buzz,

Woody, Jessie e do resto da turma fica mais difícil quando eles enfrentam uma nova ameaça na hora da brincadeira. 1h42. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 14h, 18h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h (exceto sáb. e dom.), 15h20. CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h15.

VALOR SENTIMENTAL (*Affeksjonsverdi*). Noruega, Alemanha, Dinamarca, França, Suécia, Reino Unido, Turquia, 2026. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skarsgård, Inga Lbsdotter Lilleaas. Drama. 2h14. 14 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: qui., 13/8: 14h30; sáb., 29/8: 14h.

XICA DA SILVA. Brasil, 1976. Dir.: Cacá Diegues. Elenco: Zezé Motta, Walmor Chagas, Altair Lima, Elke Maravilha, Stephan Nercessian, Rodolfo Arena e José Wilker. Drama. Na segunda metade do século 18, a escravizada negra Xica da Silva (Motta) torna-se o centro das atenções no Distrito Diamantino, onde estão as minas mais ricas do país. João Fernandes (Chagas), representante da Coroa portuguesa, apaixonase por Xica e a transforma na “Rainha do diamante”. Alertado pelos inimigos do casal, o rei de Portugal manda um emissário a fim de impedir que cresça o poder de Xica na colônia. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 11/8: 20h20; qui., 13/8: 15h; sáb., 15/8: 19h30; seg., 17/8: 19h40; sáb., 22/8: 20h10; sex., 28/8: 16h10.

Exposições

CONTINUAÇÃO

COMO MERGULHAR PROFUNDAMENTE NA TERRA. Exposição imersiva e sensorial da ceramista paraibana Inara March, que faz refletir sobre temas importantes como as questões climáticas. A mostra propõe um diálogo entre as formações minerais de cavernas e os organismos de corais marinhos, ameaçados pelas mudanças do clima.

João Pessoa: ESPAÇO GALERIA, situada na ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação: de terça-feira a sexta-feira (9h às 18h); sábado e domingo, (10h às 18h), até 30/8. Entrada franca.

FEU FOLLET. Exposição da artista francesa Lohan Blois, que reúne peças em cerâmica e porcelana, baseadas na natureza e na ancestralidade do Brasil. As obras foram desenvolvidas durante residência artística no Conde, Litoral Sul do estado, e marca a segunda edição da Residência Cruzada Paraíba.

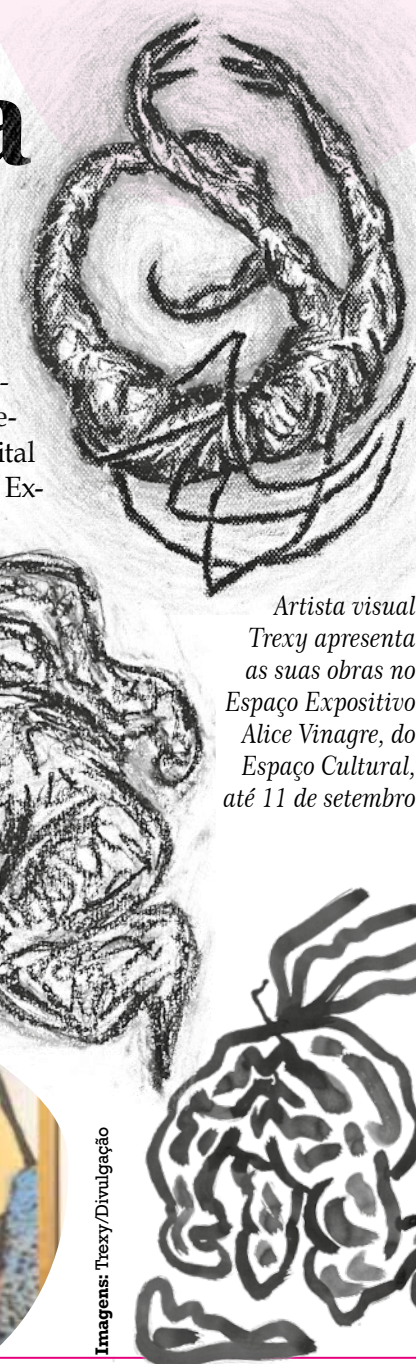
João Pessoa: FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO, no HALL DO ANEXO I (Av. Cabo Branco, nº 3.336, Cabo Branco). Visitação: de terça-feira a domingo, das 9h às 16h, até 21/8. Entrada franca.

A INTREPRETAÇÃO DOS SONHOS. Exposição individual do paraibano Frankleyson Brasileiro traz a público uma série com inspirações surrealistas, baseada na análise psicanalítica do mundo onírico. São 30 telas em óleo sobre tela, além de uma escultura e uma máscara, ambas em papel *machê*.

João Pessoa: NOVA GALERIA, na CARAVELA CULTURAL (Av. General Osório, nº 63, Centro). Visitação: quarta-feira (18h às 00h), quinta-feira (19h às 1h), sexta-feira (19h às 2h) e sábado (17h às 3h), até 30/9. Entrada franca.

PASSARADA. Exposição composta por 20 quadros de Pedro Callado sobre a a diversidade aviária do Nordeste brasileiro.

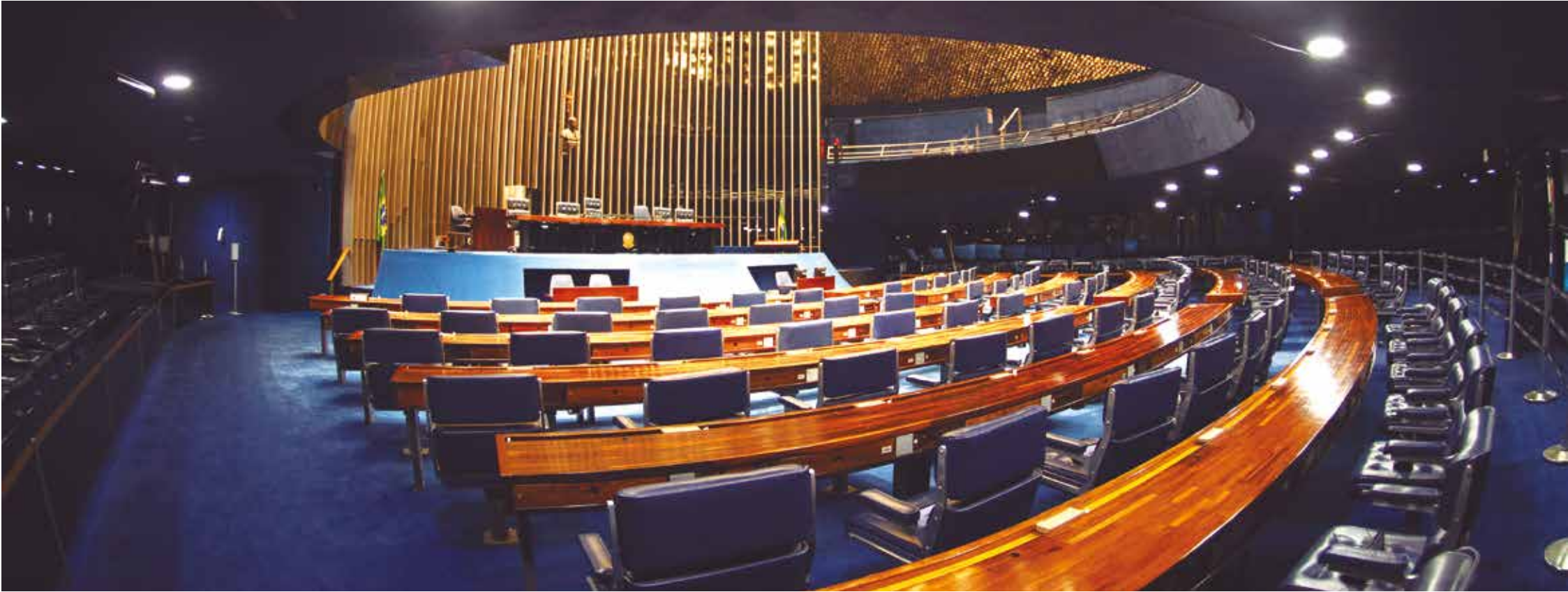
João Pessoa: ESPAÇO AQUARELA, situada na ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação: de terça-feira a sexta-feira (9h às 18h); sábado e domingo, (10h às 18h), até setembro. Entrada franca.



Artista visual Trexy apresenta as suas obras no Espaço Expositivo Alice Vinagre, do Espaço Cultural, até 11 de setembro

Imagens: Trexy/Divulgação

Foto: Arquivo pessoal



Alunos do Ensino Médio de todo o país emularão atividades parlamentares, na próxima semana, em Brasília; passagens aéreas, hospedagem e alimentação serão custeadas pelo programa

JOVENS SENADORES

Estudantes exploram o Legislativo

Protagonismo feminino no programa contrasta com a baixa presença de mulheres nos espaços de poder

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Da lista de 27 vencedores da edição 2026 do programa Jovem Senador e Jovem Senadora Brasileiros, divulgada pelo Senado Federal, 23 são meninas — o que equivale a 85% dos primeiros lugares de cada estado. Em contraponto ao protagonismo feminino no concurso de redações, as mulheres ainda seguem sub-representadas na Casa Legislativa. Mesmo sendo 51,5% da população do país, no Senado, elas ocupam apenas 19,7% das 81 cadeiras parlamentares. Ou seja, a presença feminina em plenário deveria crescer mais de 30% para refletir o peso das mulheres na sociedade brasileira.

Cientista social e professora de Sociologia, Evelynne Tavares aponta para um paradoxo entre os dados revelados pelo resultado do concurso e a real participação feminina nos espaços de poder e cargos eletivos. Ao passo que a taxa de participação das mulheres nos espaços de poder político é de 15% a 20%, na seletiva — que premia o mérito objeti-

vamente, com notas atribuídas à produção de textos —, mulheres figuram em um número muito maior. “Nesse exemplo, temos um campo de disputa muito claro, o da meritocracia cognitiva, em que mulheres, de fato, destacam-se. Elas adentram as universidades e concluem seus cursos mais do que os homens”, explica.

O reconhecimento se dá no espaço acadêmico, mas Evelynne ressalta que, quando se trata da disputa no campo eleitoral, homens brancos e com alto poder socioeconômico ainda são os que ocupam a maior parcela das cadeiras do Legislativo e do Executivo. “Percebemos que o discurso da meritocracia cai por terra quando nós estamos falando de cargos eletivos e de remuneração financeira, com mulheres ganhando em média 20% a menos que homens no mesmo cargo”, observa a cientista social.

Citando o conceito sociológico conhecido como “funil de gênero”, Evelynne assevera que desigualdades estruturais desconectam mulheres do campo institucional. “Embora sejam maioria populacional e tenham melhores desempenhos acadêmicos, na hora de ir para uma disputa, uma série de fatores ligados às questões de gênero se comportam como um funil, e as mulheres precisam passar por ele, pelas barreiras que são postas por essa estrutura patriarcal sob a qual nós vivemos, para chegar aos lugares de poder”, reflete.

Por mais que existam políticas públicas, como a cota de 30% de candidaturas femininas dentro dos partidos, a cientista social pontua que discrepâncias na distribuição dos recursos para campanhas eleitorais predominam porque os partidos continuam sendo, em sua maioria, chefiados por homens. “É um grande desafio, e trazer à tona essa reflexão é de extrema importância para que se vivencie um letramento de gênero. A gente tem que, cada vez mais, incentivar

meninas a participar, tanto de momentos como esse do concurso, como também na disputa, desde cedo, pelos lugares de liderança estudantil e profissional”, afirma.

O caminho para que isso aconteça envolve desenvolver mentorias formais, letramento de gênero e político e reformas nas juventudes partidárias, garantindo vagas e participações equitativas entre homens e mulheres. “Essa demanda de educação também se estende à questão da mídia e das redes sociais, principalmente nesse momento que nós vivemos, de bolhas *red pill* e discurso de ódio misógino”, conclui, ao sugerir regulamentação dos espaços digitais.

Exemplo paraibano

Na Paraíba, uma estudante do Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário, localizado em João Pessoa, compôs a maioria feminina na iniciativa entre Senado e Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed). Maria Grasielle de Souza contou com a orientação da professora Meirylane Lopes e representará o estado na Semana de Vivência Legislativa, que acontecerá de 17 a 21 de agosto, em Brasília.

Gerente operacional de Protagonismo e coordenador do programa na Paraíba, Romário Farias explica que o concurso acontece de forma fragmentada. “Na etapa escolar, todos os estudantes fazem suas redações. Os colégios, então, selecionam apenas uma para concorrer na etapa estadual”, conta. Na disputa estadual, havia poucos mais de 350 textos. Destes, três foram escolhidos pela comissão estadual. “E, aí, a gente mandou para Brasília, onde foi feita a etapa nacional, na qual foram definidos primeiro, segundo e terceiro lugar de cada estado”, completa.

Com o tema “Democracia nas redes sociais: como construir um debate saudável”, a edição deste ano do programa Jovem Senador e Jovem Senadora Brasileiros recebeu

mais de 230 mil inscrições de estudantes de cinco mil escolas públicas de Ensino Médio de todo o país. “Lembro que, no início, ao descobrir sobre a concorrência, não estava muito animada para produzir a redação. Mesmo assim, decidi escrever o texto, pois sabia que, no mínimo, seria um excelente treino para o vestibular. Quando descobri ter sido escolhida para representar minha escola na etapa estadual, percebi que aquele sonho realmente poderia se tornar realidade. Como estudante de uma escola pública, essa conquista reforçou em mim a convicção de que a educação é capaz de abrir portas e transformar vidas”, recorda Maria Grasielle.

Na redação que conquistou o primeiro lugar na Paraíba, a estudante problematizou a ausência de regulação eficaz no ambiente virtual e a formação das chamadas “bolhas informacionais”, que fazem com que quem consome conteúdo na *internet* tenha contato apenas com opiniões semelhantes às suas. “Utilizei repertórios socioculturais para demonstrar como esse cenário enfraquece o diálogo, dificulta a construção de consensos e pode comprometer a democracia”, detalha a adolescente, que fechou o texto propondo medidas como aumentar a transparência dos algoritmos nas redes e fortalecer o letramento midiático nas escolas.

Maria Grasielle conta que a professora Meirylane Lopes fez as correções no texto e a orientou em cada etapa de reescrita e aprimoramento. “Com essa parceria entre aluna e professora, conseguimos construir uma redação que recebeu uma das notas de destaque da edição de 2026”, comenta a estudante.

Meirylane opina que, além das orientações para este e outros concursos de redação, o preparo contínuo é o que faz a diferença no contexto competitivo. “Desde o início do ano, ela vinha se preparando, sempre focada na evolução do seu desempenho. Já vínhamos, em nossas aulas, em um pro-



Foto: Arquivo pessoal

Evelynne Tavares aponta que há desigualdade estrutural entre homens e mulheres no Brasil

cesso de aperfeiçoamento da produção textual”, destaca a professora.

O tema proposto pelo programa foi levado à sala de aula com pesquisas, discussões e análises relacionadas à realidade brasileira. “O foco foi desenvolver um olhar crítico, fundamentado e capaz de sustentar uma argumentação consistente. Trabalhamos a estrutura textual, a organização das ideias, o uso de repertório sociocultural pertinente, a coerência, a coesão e a adequação à proposta”, revela a professora sobre o direcionamento pedagógico.

Vivência

Realizada pelo Senado, em parceria com o Consed, a Semana de Vivência Legislativa busca aproximar estudantes do Ensino Médio da prática política parlamentar por meio de uma experiência de simulação do processo legislativo. Contará, para tal, com atividades como discussões de propostas, debates em comissões e votação em sessão plenária. Os primeiros lugares do concurso e seus professores orientadores vão a Brasília participar da vivência, com passagens aéreas, hospedagem, alimentação e trans-

porte custeados pelo programa.

“Será uma experiência transformadora para a aluna, permitindo que ela amplie sua visão sobre cidadania e participação democrática”, opina a professora. A estudante, por sua vez, destaca a oportunidade de aprendizado prático e a troca de experiências com jovens de todo o Brasil. “Espero aproveitar cada momento, aprender o máximo possível e voltar com mais conhecimento, experiências e lembranças que levarei para toda a vida. Meu objetivo é representar os jovens da Paraíba com responsabilidade e crescer como estudante e cidadã, comprometida em contribuir para uma sociedade cada vez mais justa e democrática”, afirma Maria Grasielle.

A Semana de Vivência Legislativa contará, em 2026, com a participação de jovens com idade de 15 a 18 anos. Ao longo de suas 14 edições, o programa já mobilizou mais de dois milhões de estudantes e recebeu 67 sugestões legislativas apresentadas por jovens senadores. Destas, 40 seguem em tramitação no Congresso Nacional e sete já foram aprovadas pelo Senado Federal.



Foto: Divulgação/Secom-PB

Essa conquista reforçou em mim a convicção de que a educação é capaz de abrir portas e transformar vidas

Maria Grasielle

TECNOLOGIA

Especialistas alertam sobre expansão de *data centers*

Audiência pública no Senado Federal mobilizou entidades e ativistas

Agência Senado

A expansão de *data centers* de inteligência artificial (IA) no Brasil pode provocar danos ambientais, alto consumo de água e aumento do custo da energia para o consumidor, sem trazer benefícios reais para a população e para o país. Esses foram alguns dos problemas apontados por especialistas ouvidos em audiência pública realizada, na última semana, na Comissão de Ciência e Tecnologia (CCT) do Senado Federal.

O debate foi promovido para subsidiar a análise do Projeto de Lei (PL) nº 3.018/2024, que estabelece regras para a instalação e o funcionamento de centros de dados de IA. Os pedidos para a audiência (REQ nº 11/2026 – CC e REQ nº 13/2026 – CCT) foram apresentados pelos senadores Teresa Leitão (PT-PE) e Rogério Carvalho (PT-SE). A intenção foi incluir na discussão, já iniciada em outra audiência pública, mais especialistas e representantes dos consumidores, de organizações ligadas ao meio ambiente e de comunidades indígenas.

“Essa diversidade contribui para um debate qualificado e para o aperfeiçoamento da análise legislativa dessa comissão. As contribuições apresentadas serão importantes para o aperfeiçoamento da proposta legislativa e para a construção de um ambiente regulatório que concilie inovação, desenvolvimento tecnológico, segurança jurídica, sustentabilidade e proteção de direitos”, esclareceu Teresa Leitão, ao iniciar o debate.

O projeto de lei, de autoria do senador Styvenson Valentim (Podemos-RN), tem como relator o senador Vanderlan Cardoso (PSD-GO) e está em análise na CCT.

Recursos naturais

Uma das preocupações é com a conta de energia. O diretor-executivo do Instituto de Defesa do Consumidor (Idec), Igor Britto, lembrou que os *data centers* de inteligência artificial representam um alto consumo de energia elétrica sem capacidade de adaptação horária das atividades. Com isso, são necessários investimentos no sistema elétrico, o que pesa na tarifa de todos os consumidores de energia.

“Temos empreendimentos de vários setores produtivos que já são organizados e se controlam para, por exemplo, evitar operar e consumir energia nos horários de maior pico. Isso não acontece com os *data centers*, que vão acabar sobrecarregando o sistema nesses horários. Todos nós pagamos. É necessário ter infraestrutura para mais geração, para mais distribuição, e o pior é que todos esses custos também são bancados pela tarifa”, argumentou.

A sugestão do Idec é a criação de um encargo adicional específico para setores de alto consumo energético. O valor seria calculado pela Agência

Nacional de Energia Elétrica (Aneel), conforme o custo gerado pela atividade ao sistema, e cobrado desses grandes consumidores de energia.

Outro impacto é sobre o consumo de água. A diretora do Instituto Latinoamericano de Terraformación, Paz Peña, advertiu que muitas dessas instalações estão localizadas em áreas com estresse hídrico, onde competem com o consumo humano e contribuem para a pressão sobre os aquíferos.

“Nesse ponto, o Estado poderia estabelecer sistemas juridicamente vinculantes para que, no caso de escassez hídrica ou energética, seja priorizado o abastecimento humano”, indicou a especialista, que também citou a possibilidade de aplicação de moratórias temporárias caso haja riscos graves para a água, o meio ambiente ou a saúde.

O diretor do Instituto de Pesquisa em Direito e Tecnologia do Recife (IPRec), André Lucas Fernandes, lembrou que os circuitos fechados, apresentados como uma solução para diminuir o uso desse recurso natural, aumentam o gasto de energia.

“Na verdade, a tecnologia que economiza água implica aumento do consumo energético, porque todo o sistema de circuito fechado exige o uso de ventiladores enormes girando 24 horas por dia para gerar o resfriamento”, ponderou.

Interesses internacionais

O codiretor do Laboratório de Políticas Públicas e Internet (Lapin), Felipe Rocha da Silva, lembrou que o Brasil já tem, atualmente, cerca de 200 *data centers* em funcionamento. Na visão do especialista, a preocupação com as novas estruturas de desenvolvimento de inteligência artificial justifica-se porque o consumo de apenas um deles equivale a cinco vezes a potência somada desses outros 200 em funcionamento.

Para ele, o projeto precisa diferenciar, na lei, *data centers* pequenos, que podem servir a uma cidade para o processamento de dados de serviços públicos e do comércio,

por exemplo, de megainfraestruturas que vão servir para o processamento de dados de empresas sediadas no exterior.

“É importante a gente ter claros esses diferentes usos, esses diferentes propósitos, para que a gente consiga ter uma legislação em que se consiga endereçar diferentes modelos de negócio”, sustentou.

Rárisson Sampaio, assessor de Transição Energética e Justiça Socioambiental do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), defendeu que é preciso refletir sobre o que a instalação dessas estruturas vai deixar para o país. Ele lembrou que os empregos gerados, em geral são na fase de construção, ou seja, não perduram. O que fica para o Brasil, avaliou o consultor, são os danos ambientais, já que os benefícios serão colhidos não pelos brasileiros, mas pelas empresas estrangeiras responsáveis pelos *data centers*, como Google e Meta.

“Ao fim, nós estamos tratando de um empreendimento que vai servir unicamente a um interesse estrangeiro. Não estamos falando apenas de uma estrutura; estamos falando da política que vai absorver danos ambientais para o Brasil enquanto exporta meramente serviços para empresas, sem maior ganho econômico”, comentou.

Calor, luz e barulho

Outros danos ambientais citados pelos participantes são o calor, o excesso de luminosidade e o ruído intenso, que podem causar mudanças

de comportamento da fauna e da flora e da comunidade do entorno dos *data centers*.

Roberto Anacé, cacique da comunidade indígena Anacé, de Caucaia (CE), criticou a falta de consulta à comunidade na construção de um *data center* do TikTok no Complexo Industrial e Portuário do Pecém, no Ceará. Ele relatou que a empresa só ouviu os indígenas depois de protestos paralisarem as obras por duas vezes.

“Existem muito mais leis para derrubar uma carnaubeira para construir uma oca, uma moradia do nosso povo, do que para o *data center*. E quantas carnaubeiras foram derrubadas? Ninguém justifica quantos pássaros, quantas vidas foram tiradas. A propósito, a própria Constituição resguarda, primeiramente, a vida; mas nenhuma delas foi consultada se queria sair dali ou se queria morrer mais cedo ou mais tarde”, lamentou.

Conselheira da organização Green Screen Coalition, Lorena Regattieri citou exemplos como o do estado de Nova York, nos Estados Unidos, que estabeleceu, em julho, uma moratória de um ano para novos *data centers* de hiperescala.

“O Senado pode transformar todas essas questões e os dados que já temos do que está acontecendo em outras regiões, e eu volto a adicionar, periferias do mundo num contexto da capacidade pública de decisão e da participação social com transparência”, sugeriu.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (54)

Separemos o joio transgênico do trigo mofado.

“Uma mulher sem um homem é como um peixe sem bicicleta. Que falta faz?” (Madame Preciosa, começando a aceitar a solidão da velhice).

“Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra” (Freud).

Eu, por exemplo, troquei o bar de Zé por essa nojenta Rádio Barata.

Tem gente capaz de tudo. A Polícia Civil de Sergipe encontrou, na Bahia, a família do menino autista que foi abandonado num shopping de Aracaju.

Se meu compadre Vavá da Luz tivesse sido Adão, a gente ainda estaria no Paraíso, porque ele teria comido a serpente ao invés da maçã.

Surgiu um novo assentamento do MST com 20 famílias assentadas em Campo Belo, Minas Gerais. E o terreno que as famílias assentaram era de uma senhora da região que faleceu e deixou as terras para o MST.

A humanidade já perdeu a guerra para a IA e ela ainda nem começou.

O candidato que prometer erradicar a insônia no Brasil terá meu voto.

Correu um boato de que eu havia morrido. Notícia falsa.

Mesmo que eu morra, é conveniente não comemorar. Eu ainda posso ressuscitar. Aguarde a decisão do VAR.

“O Google aposentou as Listas Amarelas e a enciclopédia. O WhatsApp deu um abalo nas empresas de telefonia. As mídias sociais acabaram de enterrar os jornais impressos. Só falta contratarem robôs para escrever por nós” (Zuenir Ventura).

Não falta mais. Temos a IA.

“Sou contra tudo o que penso. Portanto, ninguém tome ao pé da letra nada do que digo” (Caetano Veloso).

“Pergunta séria: existem mesmo pessoas que gostam de ficar em casa o dia todo, sozinhas, sem ver ninguém?” Existe. Eu.

Nota pornográfica: com a quantidade de farmácias que existem no Brasil, está na cara que toda população está nas últimas. Estamos com os dias contados.

Outra nota, essa sim, pornográfica: pesquisas recentes comprovaram que por baixo das roupas todo mundo está nu.

Gentinha sem vergonha, né?

Redação religiosa de Sonsinho: “Deus criou Adão, que comeu a maçã, e Eva, que tiveram duas filhas: Sodoma e Gomorra. Pôncio Pilatos prendeu Jesus, mas deixou Freud solto. Esse doido inventou os tais símbolos fálicos onde só tem sacanagem e o resultado tá aí: pornografia!”

“O que você vai deixar quando for embora?” É o último capítulo do livro *Ao homem com carinho*, da professora Maria dos Anjos Oliveira.

Quando eu partir, não deixarei saudades nem herança. Deixarei boletos registrados em cartório para os meus herdeiros aprenderem a trabalhar.

Sim, e deixarei uma coleção invejável de *tupperwares* sem tampa e tampas sem *tupperwares*.

MARIA DA PENHA

Lei é marco da luta contra a violência

Após duas décadas, legislação continua sendo celebrada como propulsora de avanços legais na proteção das mulheres

Agência Senado

Há mais de quatro décadas, a farmacêutica cearense Maria da Penha Maia Fernandes sobreviveu a duas tentativas de homicídio cometidas pelo próprio marido, o economista colombiano Marco Antônio Heredia Viveiros. A primeira agressão, em 1983, foi um tiro nas costas enquanto ela dormia — o disparo a deixou paraplégica. Semanas depois, ele tentou eletrocutá-la no banho.

O que deveria ser um caso de justiça rápida arrastou-se por anos. Passados mais de 15 anos do crime, e apesar de duas condenações pelo Tribunal do Júri na Justiça cearense, em 1991 e 1996, ainda não havia uma decisão definitiva contra o agressor, que seguia em liberdade. Cansada de esperar, Maria da Penha decidiu levar o caso para fora do Brasil.

Ela recorreu à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), órgão da Organização dos Estados Americanos (OEA). Em 2001, a CIDH responsabilizou o Estado brasileiro por negligência, omissão e tolerância diante da violência doméstica, recomendando não só reparação a Maria da Penha, mas reformas estruturais no sistema de proteção às mulheres brasileiras.

Essa condenação foi a primeira de uma das leis mais avançadas do mundo contra a violência doméstica: a Lei nº 11.340, sancionada em 7 de agosto de 2006 e batizada com o nome da mulher que transformou sua própria história de dor em instrumento de mudança para milhões de outras.

Mundo virtual torna-se nova fronteira do ódio

Se a Lei Maria da Penha nasceu pensando na violência dentro de casa, duas décadas depois um novo território de disputa se abriu: o digital. Segundo a *Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher*, uma em cada 10 brasileiras com 16 anos ou mais sofreu violência digital em um ano, o que se traduz em cerca de 8,8 milhões de mulheres.

Em muitos casos, o agressor é parceiro, ex-parceiro ou alguém do convívio da vítima. A violência digital também costuma evoluir para ameaça física: as vítimas relatam crises de ansiedade, depressão, abandono das redes sociais e prejuízos profissionais. Mulheres negras, jovens, jornalistas, parlamentares e ativistas estão entre as mais vulneráveis, e jovens e adolescentes enfrentam risco particular de chantagem com imagens íntimas — a chamada “sextorsão”, quando o agressor ameaça divulgar fotos ou vídeos íntimos caso a vítima não ceda a exigências.

A psicóloga Ludmila Melo trabalha há mais de 20 anos com o atendimento a mulheres violentadas. Ela alerta que a violência virtual, embora ainda seja minimizada por muitas pessoas, gera impactos tão profun-



Foto: Leonardo Ariei

Vítima de duas tentativas de feminicídio, Maria da Penha precisou recorrer à justiça internacinal

Em 2026, a Lei Maria da Penha completa 20 anos de existência, sendo celebrada como uma propulsora de avanços legais e como um marco na percepção social sobre a violência doméstica. Ao mesmo tempo, a legislação continua sendo confrontada pela própria natureza do fenômeno que ela revelou — dentro disso está uma persistente reticência das vítimas em confiar nas saídas institucionais que a lei ajudou a criar. Outro desafio são as novas formas de assédio e violência que tomam forma em uma sociedade tomada por relações mediadas pelo ambiente virtual.

Ciclo da violência

Desde 2005, o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV) do Senado Federal promove, a cada dois anos,

a *Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher*. Sua edição mais recente, de 2025, estimou que cerca de 3,7 milhões de brasileiras sofreram algum tipo de violência doméstica ou familiar nos 12 meses anteriores. A maioria das agressões ocorreu na presença de outras pessoas, e cerca de sete em cada 10 casos foram presenciados por crianças. A condução da pesquisa é do Instituto DataSenado.

Um dado da pesquisa chama atenção especial: em mais de dois terços das situações, as mulheres vítimas da violência não levaram o caso às autoridades policiais. Quando decidem buscar ajuda, a maioria das mulheres recorre primeiro a redes informais: a família aparece em 57% dos casos, e a igreja, em 53%. As Delegacias Especializadas de Aten-

dimento à Mulher (Deams) são procuradas por 28% das vítimas e o Ligue 180, por apenas 11%.

Um dos empecilhos para que a procura por ajuda seja mais consistente é o próprio padrão do ciclo da violência, que especialistas já conseguem mapear. O Instituto Maria da Penha, por exemplo, descreve o processo em uma sucessão de três fases, que inicialmente se repetem e, com o tempo, passam a se alternar.

Fase 1 — Aumento da tensão

O agressor humilha a vítima, faz ameaças e destrói objetos, mostrando-se tenso e irritado por coisas insignificantes. A mulher, por sua vez, tenta acalmá-lo e evita qualquer atitude que possa “provocá-lo” — um comportamento de apaziguamen-

to que, sozinho, já é um sinal de alerta.

Fase 2 — Explosão (ato de violência)

Toda a tensão acumulada na Fase 1 se materializa em violência verbal, física, psicológica, moral ou patrimonial. Mesmo consciente de que o agressor está fora de controle, o sentimento da mulher é de paralisia e impossibilidade de reação: ela sofre tensão psicológica severa (insônia, perda de peso, fadiga constante, ansiedade) e sente medo, ódio, solidão, vergonha e confusão.

Fase 3 — Arrependimento (“lua de mel”)

Esta fase caracteriza-se pelo arrependimento do agressor, que se torna amável para conseguir a reconciliação. A mulher, dividida entre medo, confusão, culpa e a ilusão de que a relação vai mudar, muitas vezes recua de uma denúncia ou pede a revogação de uma medida protetiva já concedida.

Depois, a tensão volta e, com ela, as agressões da primeira fase recomeçam. Com o tempo, os intervalos entre uma fase e outra ficam menores, e as agressões passam a acontecer sem obedecer à ordem das fases.

Os dados da mesma pesquisa do DataSenado/OMV ajudam a explicar por que esse ciclo se sustenta por tanto tempo. Entre os principais motivos que levam as mulheres a não denunciar a violência, estão a preocupação com os filhos (17%), a descrença de que o agressor será punido (14%) e a crença de que aquela seria a última agressão (13%) — essa última resposta é quase um retrato da fase de “lua de mel” descrita acima: a esperança de que o ciclo não vai se repetir é, ela mesma, um dos fatores que o alimenta.

“A pesquisa reforça que essa expectativa muitas vezes não se confirma. Entre as mulheres que sofreram violência no último ano, 58% relataram que a violência já se prolongava há mais de um ano, mostrando que, na maioria dos casos, não se trata de um fato isolado, mas de um comportamento recorrente. Essa dinâmica ainda dificulta o rompimento da violência e reforça a importância de políticas de acolhimento e informação que ajudem as mulheres a reconhecer precocemente esses padrões”, observa a coordenadora do OMV, Maria Teresa Mauro.

Como identificar

A Lei Maria da Penha não pune só a agressão física. O art. 7º da lei prevê cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher, e reconhecer cada um deles é o primeiro passo para identificar uma situação de risco, seja em si mesma, seja em alguém próximo.

Física

Qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal: empurrões, tapas, socos, queimaduras, ferimentos – com ou sem marcas visíveis no corpo.



Psicológica

Ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento social, vigilância constante, perseguição, chantagem, violação da intimidade e limitação do direito de ir e vir.



Sexual

Constranger a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; ou que a impeça de usar método contraceptivo, ou a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição.



Patrimonial

Retenção, subtração ou destruição parcial ou total de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e recursos econômicos – incluindo os destinados a suprir as necessidades da vítima.



Moral

Qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.



“

No ambiente digital, a agressão tem uma característica particular: não termina quando a vítima fecha a porta de casa

Ludmila Melo

NORDESTE

Editais somam mais de 1,5 mil vagas

Seleções abertas na Bahia, no Maranhão e em Alagoas têm salários que variam de R\$ 1,8 mil a R\$ 16,4 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Agosto mal começou e já está com a agenda recheada de oportunidades para quem pretende mudar de carreira e ingressar no serviço público. Para além da Paraíba, há três concursos abertos em estados vizinhos que chamam atenção por reunir mais de 1,5 mil vagas imediatas. Na Bahia, a Polícia Civil abriu 750 vagas para delegados, escrivães e investigadores. Já no Maranhão, são 755 oportunidades para inspetores de Polícia Penal e monitores de Ressocialização. Em Alagoas, por sua vez, a Universidade Estadual de Ciências da Saúde (Uncisal) está em busca de 43 professores para diferentes áreas do conhecimento.

Polícia na Bahia

Com 750 vagas imediatas, o concurso da Polícia Civil da Bahia (PCBA) contempla três carreiras de nível superior. A maior parte das oportunidades é destinada ao cargo de investigador, com 500 postos em disputa e salário-base de R\$ 1,9 mil, mas que pode chegar a R\$ 6,4 mil se somadas as gratificações. As outras 150 vagas são para escrivães, que recebem a mesma remuneração, e 100 para delegados, cujo salário é de R\$ 6,4 mil — e, aqui, o valor pode ultrapassar a casa dos R\$ 16 mil em razão das gratificações previstas.

Para concorrer ao cargo de delegado, é necessário ter concluído o bacharelado em Direito. No caso de escrivão, o edital aceita graduação em qualquer área. A mesma exigência vale para investigador, mas o can-



No Maranhão, estão abertas 755 vagas imediatas pela Secretaria de Administração Penitenciária (Seap) e ainda cadastro reserva

didato também precisa possuir Carteira Nacional de Habilitação (CNH) na categoria B. Para todos os profissionais, a jornada será de 40 horas semanais. Se você ficou interessado, acesse o *site* do Instituto AOCF até 8 de setembro e realize a inscrição. A taxa custa R\$ 220 para o cargo de delegado e R\$ 190 para os demais.

Quanto à avaliação, todos os candidatos passarão por três etapas distintas: provas objetivas, discursivas e análise de títulos. As duas primeiras estão previstas para 6 de dezembro e serão aplicadas na cidade de Salvador. Mas a jornada não termina aí. Antes de ingressar na carreira, eles ainda precisarão passar por teste de aptidão física, exames médicos e psicológicos, investigação social e curso de formação de policiais civis.

Sistema penitenciário
No Maranhão, as 755 vagas

imediatas, abertas pela Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (Seap), estão divididas entre duas carreiras e contemplam candidatos de níveis médio e superior. O edital ainda prevê cadastro reserva com o mesmo número de oportunidades. Para inspetor de Polícia Penal, são 305 vagas imediatas, sendo 244 destinadas a homens e 61 a mulheres. Já o cargo de monitor de ressocialização reúne 450 postos, dos quais 360 são para candidatos do sexo masculino e 90 para o feminino.

Quem pretende concorrer ao posto de inspetor não precisa ter uma graduação específica, mas deve possuir CNH na categoria B. A remuneração inicial é de R\$ 8,6 mil. Por outro lado, a função de monitor exige ensino médio completo, além de CNH na categoria B, e oferece R\$ 1,8 mil como salário. Para ambas as funções, a jornada de trabalho corresponde a

40 horas semanais. As inscrições já estão abertas e seguem até 31 de agosto, no *site* do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe), com taxas que variam de R\$ 85 a R\$ 150, conforme o cargo.

Já em relação à avaliação dos candidatos, as provas objetivas e discursivas serão aplicadas em São Luís, em 13 de dezembro. A primeira etapa também inclui avaliação de saúde, teste de aptidão física, avaliação psicológica, investigação social e avaliação de títulos. Depois disso, os classificados ainda enfrentarão uma segunda etapa, formada pelo curso de formação técnico-profissional.

Docência
Voltado a um perfil de candidato mais específico, com trajetória acadêmica, o concurso da Uncisal, em Alagoas, oferece 43 vagas imediatas, além

de cadastro reserva, para professor do magistério superior. As oportunidades abrangem 34 áreas, incluindo terapia ocupacional, biologia, farmácia, gestão em saúde, tecnologia, radiologia, ciências humanas e sociais. Na medicina, as oportunidades alcançam especialidades como cardiologia, cirurgia geral, ortopedia, clínica médica, ginecologia, oncologia, pediatria e psiquiatria, entre outras.

Vale destacar que os requisitos mudam conforme a área escolhida, mas, de forma geral, o candidato precisa apresentar graduação e mestrado compatíveis com o cargo. No caso das especialidades médicas, algumas delas demandam, também, título de especialista ou residência. Com jornada de 40 horas semanais, os professores aprovados receberão R\$ 9 mil e, inicialmente, serão lotados no *campus* de Maceió. Para participar do concur-



Use o QR Code para acessar o edital da Uncisal



Use o QR Code para acessar o edital da Seap-MA



Use o QR Code para acessar o edital da PCBA

Na psiquiatria, é preciso saber ouvir para diagnosticar bem

Em uma questão de minutos e alguns cliques, a *internet* é capaz de devolver um nome para quase qualquer sintoma. Mas, quando o assunto é saúde mental, a pressa pode transformar quadros semelhantes em certezas muito frágeis. Um diagnóstico psiquiátrico não é resultado de um teste *on-line* nem de uma única consulta. Há questões que só vêm à tona com o tempo, à medida que o médico acompanha o paciente. É nesse ritmo mais cuidadoso que trabalha a psiquiatra Raquel Cordeiro, para quem ouvir o outro é apenas o começo de um trabalho complexo que exige técnica, escuta e sensibilidade para compreender cada história.

Observação e técnica

Essa cautela não é à toa. Diferentes transtornos podem apresentar sintomas parecidos ou até se entrelaçar. De acordo com Raquel, há pacientes que convivem com mais de uma condição, enquanto outros precisam ser acompanhados por meses ou anos até que o diagnóstico fique mais claro. Nesse processo, o psiquiatra observa desde pequenas mudanças de humor, comportamento e pensamento até a velocidade com que as ideias surgem, a coerência do dis-



Para Raquel Cordeiro, técnica permite reconhecer as nuances

curso e o conteúdo apresentado. Nada passa despercebido, segundo ela. “A habilidade do psiquiatra é saber pontuar corretamente cada aspecto. É observar a forma do pensamento, se ele tem começo, meio e fim, e compreender o conteúdo que aquela pessoa traz”, detalha.

Enquanto o paciente fala, o conhecimento técnico permite

reconhecer essas nuances, mas é a forma como o profissional conduz a consulta que ajuda a construir a tão necessária relação de confiança com ele, o que também leva tempo. “Muitos diagnósticos em psiquiatria precisam ser feitos de forma longitudinal. Às vezes, é necessário acompanhar o paciente por anos para fazer um diagnóstico preciso”, complementa.

O problema é que nem sempre quem chega ao consultório está disposto a esperar. Segundo a psiquiatra, muita gente já entra na consulta convencida de que tem determinado transtorno e com o nome do remédio que deseja tomar em mãos. E é aí que o profissional enfrenta um dos desafios mais complexos da atualidade. Embora o acesso à informação seja importante para que o paciente reconheça que precisa de ajuda, Raquel alerta que nenhuma ferramenta substitui a avaliação de um profissional — justamente por reunir conhecimento técnico e experiência acumulada. “Não é simples fazer um diagnóstico. Muitas vezes, o paciente já vem com o diagnóstico fechado por ele mesmo. Autodiagnosticado. É uma situação muito delicada”, observa.

Proximidade

Diferentemente da imagem do “doutor” que permanece em silêncio, limitado às próprias anotações, como a ficção costuma satirizar, existe uma proximidade inegável entre médico e paciente. Foi, justamente, essa relação mais humana que atraiu Raquel para a psiquiatria. Depois de concluir medicina, ela chegou a cursar um ano de residência em oftalmologia, mas não se iden-

tificava com a dinâmica da área. Ao perceber que os equipamentos criavam uma distância que não correspondia à forma como desejava exercer a profissão, deixou a residência para trás e passou a trabalhar no Programa Saúde da Família (PSF), onde a saúde mental entrou, de fato, em seu caminho. Vale lembrar que, há 25 anos, ninguém falava em saúde mental — tanto que, embora tenha cursado a disciplina de psiquiatria, o contato com os pacientes era bastante limitado. “Era algo distante. Mas, no PSF, comecei a ver a demanda de saúde mental que existia entre as pessoas. Foi quando comecei a conhecer mais sobre o comportamento humano e me apaixonei pela área”, conta.

Oportunidades

Entretanto, essa proximidade não dispensa uma formação mais rigorosa. Após a graduação, a residência médica é, de acordo com Raquel, o caminho mais completo para obter o título de especialista. “A residência é o caminho prateado-ouro. São três anos vivendo intensamente todas as áreas da Psiquiatria”, afirma. Quanto ao que vem depois, a psiquiatra conta que a rotina muda de acordo com o local de atuação e com a gravidade

de cada caso. Na urgência, o médico pode receber alguém em surto, por exemplo. Já nos ambulatorios e consultórios, os encontros são periódicos e permitem acompanhar o paciente por mais tempo. Entre as possibilidades de atuação, a especialidade está presente em hospitais gerais, na psiquiatria forense e em campos mais peculiares, como dependência química, psiquiatria infantil, psicogeriatria e psiquiatria intervencionista.

Para quem pensa em seguir pelo caminho da saúde mental, Raquel recomenda unir preparo técnico, atualização constante e consciência sobre as próprias vulnerabilidades. “É preciso sempre estudar, ter a técnica adequada e investir em autoconhecimento”, conclui. Agora, se o objetivo é combinar a prática com a docência e ingressar no serviço público, o concurso da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal) pode abrir esse caminho. Entre as 43 vagas oferecidas, há uma para professor assistente na área. Para concorrer, é preciso ter diploma de medicina, com residência médica em psiquiatria, ou título de especialista, além de diploma de conclusão de mestrado na área da saúde.

Selic Fixado em 5 de agosto de 2026 14%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial -0,46% R\$ 5,083	Euro € Comercial -0,13% R\$ 5,877	Libra £ Esterlina -0,22% R\$ 6,880	Inflação IPCA do IBGE (em %) Junho/2026 0,16 Maio/2026 0,58 Abril/2026 0,67 Março/2026 0,88 Fevereiro/2026 0,7	Ibovespa 172.513,42 pt -1,73%
---	---	--	--	---	---	--

PATRIMÔNIO E MERCADO

Lei permite negociação de potencial construtivo em JP

Decreto cria mecanismo de compensação para imóveis em áreas de preservação

Henrique Toscano
henritosca06@gmail.com

A Transferência do Direito de Construir (TDC) foi regulamentada em João Pessoa. Trata-se de um instrumento que permite que proprietários de imóveis com restrições de edificação, como áreas de preservação histórica e ambiental, transfiram ou negociem o potencial construtivo para outros terrenos da cidade aptos a receber novos empreendimentos. A aplicação da regra consta no Decreto nº 11.266/2026, que dá efetividade à Lei nº 15.409/2024.

A medida exige compreender como funciona essa nova possibilidade, quem pode ser beneficiado, quais são os critérios para utilização do instrumento e quais impactos a norma pode trazer para o desenvolvimento urbano, a preservação do patrimônio e o mercado imobiliário da capital.

Em entrevista ao jornal A União, o secretário municipal de Planejamento de João Pessoa (Seplan), Ayrton Falcão, detalhou a regulamentação. “A Transferência do Direito de Construir é um instrumento de política urbana previsto no Plano Diretor de João Pessoa. Ele permite que o município autorize o proprietário de um imóvel urbano a exercer, total ou parcialmente, em outro local passível de receber potencial construtivo adicional, o direito de construir que não possa ser utilizado no imóvel de origem”, explicou, acrescentando que devem ser analisados os limites estabelecidos pelo índice de aproveitamento máximo do lote receptor.

“A medida contempla imóveis localizados em áreas com restrições ao aproveitamento do potencial construtivo máximo permitido, como o Centro Histórico, Macrozonas de Proteção Ambiental e áreas de interesse público, observadas as regras estabelecidas na legislação urbanística”, completou.

Com relação aos objetivos da medida, Ayrton afirmou que a TDC tem como objetivo conciliar o desenvolvimento urbano com a preservação do patrimônio histórico, ambiental e de interesse público. “Por meio desse mecanismo, a prefeitura compensa o proprietário de um imóvel sujeito a restrições urbanísticas [imóvel cedente], permitindo transferir, alienar ou exercer em outro local [imóvel receptor] o potencial construtivo não utilizado previsto na legislação urbanística”, disse.

O secretário acrescentou que o potencial construtivo corresponde à quantidade máxima de área que pode ser edificada em um lote urbano, conforme o Índice de Aproveitamento (IA) estabelecido para a macrozona onde o imóvel está localizado, definido pela legislação urba-



Centro Histórico será uma das áreas da capital mais beneficiadas com a nova legislação

nística. “Quando esse potencial não pode ser integralmente utilizado em razão de restrições impostas por legislações que estabelecem restrições [ambiental ou histórica] e pelo interesse público, a TDC permite que ele seja transferido para outro imóvel apto a recebê-lo ou alienado a terceiros, observados os critérios legais. Além de assegurar essa compensação, a TDC incentiva a conservação dos imóveis protegidos, fortalece a revitalização do Centro Histórico, promove a proteção das áreas ambientais e direciona o adensamento urbano para regiões com infraestrutura adequada, conforme estabelecido no Plano Diretor”, salientou.

Já quanto aos critérios técnicos para a aprovação dos processos, o secretário esclareceu que o aval depende de análise técnica realizada pelos órgãos competentes, de acordo com a natureza do imóvel. Ele observou que, inicialmente, é verificada a documentação exigida e a regularidade do imóvel. Nos casos previstos em lei, são realizadas vistorias e emitidos pareceres técnicos para avaliar as condições de preservação e definir as medidas necessárias.

“Apenas após o atendimento dos requisitos legais, é calculado o potencial construtivo passível de transferência, considerando critérios como a área do terreno, o Índice de Aproveitamento e a equivalência entre os valores do metro quadrado [m²] do imóvel cedente e do imóvel receptor, com base na Planta Genérica de Valores [PGV]. Concluída essa etapa, é emitida a Certidão de Concessão do Potencial Construtivo [CCPC]”, frisou.

Áreas beneficiadas

A respeito das áreas da cidade que poderão ser impactadas, o secretário contou que a TDC deverá produzir impactos positivos principalmente no Centro Histórico de João Pessoa, ao incentivar a conservação dos imóveis protegidos, bem como nas áreas de preservação ambiental e demais áreas de interesse público. Ao mesmo tempo, permite

que o potencial construtivo seja direcionado para regiões aptas ao adensamento urbano, contribuindo para um desenvolvimento mais ordenado, equilibrado e sustentável.

Sobre os beneficiados com a regulamentação da TDC, Ayrton citou os proprietários de imóveis urbanos classificados como de interesse histórico, ambiental ou social que possuem restrições urbanísticas em razão do interesse público de preservação. Entre eles, estão os tombados ou situados no Centro Histórico, em áreas de preservação ambiental e os destinados ao interesse social, quando atendidos os requisitos estabelecidos na legislação.

“Esses proprietários passam a contar com um mecanismo de

compensação urbanística que lhes permite aproveitar economicamente o potencial construtivo que não pode ser utilizado no próprio imóvel, sem comprometer os objetivos de preservação definidos pelo município”, concluiu.

TDC cria alternativa financeira para proprietários de imóveis protegidos e abre novas possibilidades para o mercado imobiliário

Instrumento estimula investimentos privados

O presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado da Paraíba (Sinduscon-PB), Lamartine Alves, avalia a medida como um avanço decisivo para a construção civil e para a preservação do patrimônio da capital. Segundo ele, o mecanismo permite revitalizar o Centro Histórico de João Pessoa ao criar uma alternativa financeira para os donos de imóveis antigos. “Na medida em que o proprietário vende o potencial construtivo — inclusive de casas abandonadas —, ele passa a ter uma fonte de renda. Parte desses recursos deve ser aplicada na restauração do próprio prédio, e o excedente pode ser negociado com construtoras para uso em outros projetos”, informou.

O dirigente ressalta, contudo, a necessidade de rigor técnico na aplicação da norma. “É fundamental seguir as regras urbanísticas, respeitando a Lei do Gabari-

to e os limites de extensão quadrada construtiva”, alerta. Para Lamartine, os impactos positivos vão além do mercado imobiliário: a recuperação das estruturas estruturais atrai novos usos comerciais e impulsiona o turismo voltado à memória e ao patrimônio histórico da cidade.

“Não tenho a menor dúvida de que a liberação do instrumento permitirá dinamizar o comércio local com bares e restaurantes”, complementou.

O dirigente ainda ressaltou a importância de regulamentar a TDC. “Eu, como presidente do Sinduscon Paraíba, acredito que o Sinduscon João Pessoa, por meio de Ozaes Barros Mangueira, também concorda que essa taxa e essa questão da regulamentação venham ajudar e destravar o Centro Histórico e mais outras áreas que precisam de restauração, de comércio e de turismo”, destacou.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliocorreia.professor@gmail.com | Colaborador

A economia da longevidade

Brasil envelhece em silêncio, mas com consequências que já ecoam nos cofres públicos, nas prateleiras dos supermercados e nas salas de reunião das empresas. Em 2023, o país registrou o menor número de nascimentos desde 1976, enquanto a taxa de fecundidade despencou para 1,47 filho por mulher, bem abaixo do necessário para repor a população. Ao mesmo tempo, vivemos mais. Esse duplo movimento, menos jovens entrando no mercado e mais idosos demandando benefícios está redesenhando a economia nacional.

O impacto mais imediato aparece na Previdência. Com menos contribuintes e mais aposentados, o sistema caminha para um desequilíbrio estrutural. A própria equipe econômica do governo alertou, em documentos oficiais de 2026, que o envelhecimento pressionará, fortemente, os sistemas previdenciário e de saúde, nos próximos anos. Estudos apontam que, se o Brasil adotasse, hoje, a estrutura etária de um país como a Itália, os gastos com benefícios previdenciários elevariam de forma expressiva, especialmente entre os homens. Não se trata de alarmismo, mas de aritmética demográfica: menos gente na ativa para sustentar mais gente na aposentadoria.

Mas a longevidade não é apenas um passivo fiscal. Ela também abre mercados. O público acima de 60 anos, os chamados “novos 60+”, movimenta cerca de R\$ 2 trilhões por ano no Brasil. São consumidores mais experientes, com renda estável e demandas específicas que vão muito além de planos de saúde e cuidadores.

“Turismo, educação continuada, tecnologia, lazer, moda e serviços financeiros já correm para adaptar produtos e canais de atendimento a esse perfil. Empresas que ignoram essa fatia da população estão, literalmente, deixando dinheiro na mesa.”

O desafio para as empresas, porém, vai além do marketing. É preciso repensar a gestão de pessoas.

A requalificação de trabalhadores mais velhos pode mantê-los ativos no mercado por mais tempo, aliviando a pressão sobre a Previdência e aproveitando o conhecimento acumulado dessa geração. Ambientes de trabalho flexíveis, políticas de inclusão etária e programas de treinamento contínuo deixam de ser diferenciais e viram condição de sobrevivência num mercado de trabalho que encolhe na base e se expande no topo.

A conta não fecha sem reformas. A reforma previdenciária de 2019 foi um passo, mas especialistas concordam que novos ajustes serão inevitáveis nas próximas décadas. O equilíbrio é delicado: garantir a sustentabilidade financeira do sistema sem abrir mão do direito a uma aposentadoria digna, que assegure saúde, moradia, alimentação e entre outros.

A economia da longevidade não é uma projeção distante, é uma realidade que já redefine competitividade e crescimento. Governos, empresas e investidores precisam encarar o envelhecimento como uma oportunidade estratégica, não como um problema a ser remediado. Aqueles que souberem transformar esse cenário em inovação e produtividade colherão os frutos de um novo ciclo econômico. O Brasil está diante de uma encruzilhada: adaptar-se e prosperar, ou ficar preso a um modelo que não cabe mais na realidade demográfica.

AJUDA INTERNACIONAL

Corte de 23,1% é o maior da história

Auxílio de países ricos para nações pobres foi de US\$ 174,3 bilhões em 2025, redução de US\$ 52,4 bilhões em um ano

Bruno de Freitas Moura
Agência Brasil

O volume de ajuda internacional de países ricos para nações pobres, menos desenvolvidas e instituições multilaterais sofreu corte de 23,1% na passagem de 2024 para 2025, marcando a maior redução já registrada.

No ano passado, o auxílio dos países ricos foi de US\$ 174,3 bilhões (quase R\$ 900 bilhões), corte de US\$ 52,4 bilhões em um ano, em termos reais, ou seja, já considerando a inflação do período. Foi o segundo ano seguido de diminuição na ajuda internacional global.

Os dados fazem parte do estudo *Financiamento para o Desenvolvimento*, elaborado pelo Brics Policy Center, centro de estudos vinculado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Os pesquisadores Isabel Rocha de Siqueira, Enzo Cosenza, Luis Ehl buscaram informações do Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (CAD), grupo de países doadores, ligado à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), conhecida como “clube dos países ricos”. O Brasil não faz parte da instituição.

Os acadêmicos projetam ainda nova redução de 6,9% em 2026, configurando o terceiro ano seguido de recuo, o que levaria o patamar de ajuda ao mesmo nível de 2014.

Tipo de ajuda

Os valores de doações referem-se à chamada “Ajuda Oficial ao Desenvolvimento” (AOD), recursos públicos fornecidos por governos com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico e a prosperidade em outros países.

A ajuda pode ser bilateral, quando é enviada diretamente para o país receptor, ou multilateral, recursos que os governos enviam para instituições, como a Organização das Nações Unidas (ONU) ou o Banco Mundial, que possuem os próprios programas de desenvolvimento.

EUA com maior corte

Apesar de o comitê ser formado por 33 países e a União Europeia (UE), o estudo revela que os cinco maiores doadores (França, Alemanha, Japão, Reino Unido e Estados Unidos) representam 95,7% da redução de 2024 para 2025.

Os EUA cortaram a ajuda internacional em mais da



Governo Trump reduziu 56,9% das verbas internacionais

Estudo projeta recuo de 6,9% em 2026, consolidando três anos consecutivos de queda e alcançando o menor nível desde 2014

metade (56,9%), de forma que só os americanos respondem por três quartos (75,1%) da diminuição.

O ano passado marcou também a primeira vez em que todos os grandes doadores diminuíram o volume de doação por dois anos seguidos: Alemanha (-17,4%), França (-10,9%), Reino Unido (-10,8%) e Japão (-5,6%).

Defesa e energia

O corte mais que pela metade da ajuda americana

coincide com o início do novo mandato de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos. O presidente americano tem mantido posição contrária ao multilateralismo.

Outro fator apontado para diminuição é o direcionamento de recursos para outras áreas, notadamente segurança energética e defesa.

Em relação aos EUA, os gastos com defesa subiram de US\$ 822,8 bilhões em 2024 para US\$ 845,3 bilhões. Na União Europeia, o salto foi de 11%, chegando a 381 bilhões de euros.

O estudo aponta que o investimento total em energia na UE passou de US\$ 215 bilhões em 2015 para cerca de US\$ 420 bilhões em 2025, ou seja, quase dobrou. “Esse impulso de investimento vem se consolidando ao longo da década e foi fortemente acelerado pelo choque de segurança energética após o início da Guerra da Ucrânia [fevereiro de 2022]”, explica o relatório.

Os pesquisadores sinalizam uma “retração seletiva”



Sob gestão de Volodymyr Zelensky, a Ucrânia é o maior receptor individual da AOD

da ajuda internacional. Essa condição é marcada pelo fato de não haver queda uniforme nos canais multilaterais. O financiamento ao sistema ONU caiu 27%, o maior já registrado. No entanto, o apoio ao Banco Mundial aumentou 6,4% e aos bancos regionais de desenvolvimento, 11,9%.

“Os governos doadores estão redefinindo quais tipos de engajamento multilateral eles consideram dignos de serem preservados, por mo-

tivos estratégicos”, afirma o documento.

Ucrânia

Mesmo com a queda global da ajuda internacional, a Ucrânia — país liderado por Volodymyr Zelensky, que, atualmente, está no quinto ano de guerra com a Rússia — destaca-se como prioridade estratégica de países europeus.

Mesmo com redução de 91% da ajuda dos EUA ao

país, a Ucrânia é o maior receptor individual de toda a história da AOD. Esse patamar, com R\$ 44,9 bilhões recebidos, foi compensado por 23 países que incrementaram o volume de assistência financeira. Só instituições da UE subiram os envios em 65,2%.

O montante recebido pela Ucrânia supera os US\$ 28,1 bilhões destinados aos 44 países do grupo classificado pela ONU como países menos desenvolvidos (PMD).

Diminuição de recursos eleva riscos para economias frágeis

Para apresentar impactos do corte na ajuda internacional, os pesquisadores da PUC-Rio utilizam-se de dados da Oxfam, organização internacional sem fins lucrativos focada em combater a pobreza.

“A estimativa é que os cortes na ajuda externa somente em 2025 seriam responsáveis por 695.238 mortes em excesso e que, caso a tendência de

cortes na ajuda continue, poderiam causar 9.416.417 mortes até 2030”, declaram.

A região que mais sofre com o recuo da ajuda internacional dos países ricos é a África Subsaariana, que viu em 2025 os recursos diminuírem 23%, ficando em US\$ 29,2 bilhões.

Para 2026, a projeção é nova redução, dessa vez de 11,6%. Se confirmado, serão

US\$ 11,8 bilhões a menos para essas nações.

O estudo lembra que 32 dos 49 países da África Subsaariana também são do grupo de países menos desenvolvidos.

Ao citar a insuficiência de recursos, o documento lembra que, durante a 30ª Conferência da ONU sobre Mudança do Clima (COP30), realizada em novembro passado, em Belém, falava-se na necessidade

de mobilizar US\$ 1,3 trilhão para o financiamento climático, ao mesmo tempo que havia “um consenso de que esse valor é praticamente inalcançável”.

Caminhos

Ao fim do diagnóstico, o levantamento apresenta caminhos que deveriam ser perseguidos para minimizar impactos em países mais de-

pendentes de ajuda internacional.

Entre as ações, estão direcionar recursos escassos para os países mais pobres, especialmente os que dependem excessivamente de poucos doadores, planejar saídas de financiamento de forma “responsável e coordenada” e tornar a ajuda mais eficaz e geradora de mais impacto para o desenvolvimento.

Medidas de mitigação incluem priorizar recursos para países mais pobres e enxugar o financiamento de forma coordenada

TELEXYON

Projeto de paraibanos destaca-se no exterior

Sistema criado por estudante da UEPB combina sensores e algoritmos de IA

Deyse Ponciano
Ascom Secties

Imagine uma tecnologia capaz de “ouvir” o planeta — captar os sinais fracos e cheios de interferência que vêm do subsolo, dos oceanos e do próprio campo magnético da Terra — e transformar esse ruído em informação útil para entender o meio ambiente. Foi essa ideia, nascida durante uma caminhada pelas ruas de Patos, no interior da Paraíba, que instigou Sávio Nunes, estudante de Administração do Campus 7 da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a desenvolver o Telexyon, uma plataforma cognitiva de sensoriamento geofísico e ambiental assistida por inteligência artificial (IA). A iniciativa ganhou projeção e levou o estudante a representar o Brasil em um dos mais importantes cenários internacionais de inovação.

O projeto Telexyon foi apresentado na We Start Global Top 100 Startups, competição internacional realizada em Xangai, na China, de 22 de julho a 3 de agosto. Os graduandos em Administração, Sávio Nunes e Amanda Caetano, do Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas (CCEA) da UEPB, participaram do evento, que reuniu *startups* e projetos de base tecnológica de diferentes países em uma programação voltada à apresentação de soluções inovadoras, conexão com investidores e oportunidades de internacionalização. O encontro também promoveu a troca de experiências entre pesquisadores, empreendedores e investidores de diversas partes do mundo.

“Nossa participação foi



Foto: Arquivo pessoal

Invenção tecnológica levou Sávio Neto e Amanda Caetano à competição internacional

voltada à apresentação do Telexyon para representantes do ecossistema internacional de inovação, permitindo compartilhar a proposta da tecnologia e conhecer diferentes perspectivas do mercado global”, relata Sávio. “O principal aprendizado foi compreender como projetos de base científica são desenvolvidos e avaliados em um ambiente internacional, além da importância das conexões estratégicas, da colaboração entre diferentes países e da validação contínua da tecnologia para sua futura aplicação no mercado”.

A proposta da tecnologia é integrar sensores avançados e algoritmos de IA capazes de interpretar, em tempo real, sinais geofísicos e ambientais, convertendo grandes volumes de dados brutos em informações estratégicas. As aplicações vão do monitoramento ambiental à pesquisa científica, passando pela gestão de recursos naturais e pelo apoio à toma-

da de decisões em diferentes setores. É uma tecnologia de base científica, mas pensada para dialogar com problemas concretos: entender melhor o planeta a partir dos dados que ele mesmo produz o tempo todo, mas que raramente conseguimos decifrar.

“A ideia surgiu durante uma caminhada, quando comecei a observar o ambiente ao meu redor e pensar em como poderíamos obter uma compreensão mais ampla do planeta por meio dos dados que ele próprio produz”, conta Sávio.

Foi nesse processo de observação que o pensamento chegou até o campo magnético da Terra, invisível, mas presente, atravessando o subsolo, os oceanos e estendendo-se até o espaço. “Ao lembrar de estudos em que a IA foi utilizada para interpretar sinais biológicos extremamente complexos, percebi que ela também poderia ajudar a interpretar sinais geofísicos muito fracos e afetados

por diversas interferências. Assim nasceu o Telexyon, com o objetivo de integrar diferentes fontes de dados e utilizar IA para transformar esses sinais em imagens e informações úteis para aplicações científicas e ambientais”.

“

O principal aprendizado foi compreender como projetos de base científica são desenvolvidos e avaliados em um ambiente internacional

Sávio Nunes

Ideia inovadora promove parcerias na China

O Telexyon é classificado como *deep tech*, categoria que reúne produtos de inovação disruptiva, tecnicamente complexos, mas com viabilidade real de aplicação e potencial de mercado. São projetos que costumam nascer dentro de universidades e centros de pesquisa, fruto do encontro entre ciência de base e criatividade aplicada, e que exigem tempo, testes e validação contínua até chegarem a um estágio de maturidade tecnológica.

Um dos momentos de maior repercussão da viagem aconteceu na NeoBay, importante ecossistema de inovação, incubação e parque de alta tecnologia associado à Universidade de Shanghai Jiao Tong, voltado ao apoio de *startups* e novas tecnologias. Foi lá que Sávio, ao lado de Amanda Caetano, uma colega de equipe, apresentou a proposta do Telexyon e encaminhou uma parceria que segue em negociação. A repercussão foi além: por meio de contatos feitos na

NeoBay, o projeto chegou ao conhecimento da Baidu, gigante chinesa de tecnologia e inteligência artificial com fortes conexões estratégicas junto ao ecossistema de inovação de Xangai. A empresa teve acesso à proposta do Telexyon e demonstrou interesse em conhecer mais detalhes sobre o estudo e seus objetivos.

Para Amanda Caetano, a viagem a Xangai teve um significado especial por estar diretamente relacionada ao seu projeto profissional. Integrante da equipe responsável pela apresentação do Telexyon, ela

atuou como tradutora e na comunicação com avaliadores, CEO da competição, empresas e parceiros estrangeiros, sendo responsável por apresentar a solução e conduzir as interações em inglês com o público.

“A viagem à China foi uma experiência marcante para minha trajetória acadêmica e profissional, especialmente por reforçar meu objetivo de atuar na área de Comércio Exterior. Vivenciar o ambiente de negócios e inovação do país ampliou minha visão sobre o mercado internacional e fortaleceu competências essenciais para minha carreira”, avalia a estudante.

Segundo Amanda, a participação também contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de comunicação intercultural, representação institucional e atuação em ambientes internacionais, além de agregar valor à sua formação e ao currículo profissional.

Para Sávio, a vivência em Xangai também ultrapassou os limites de uma competi-

ção acadêmica e converteu-se em um marco pessoal e institucional. “Foi uma experiência transformadora e uma grande responsabilidade. Representar a UEPB, a Paraíba e o Brasil em um dos principais eventos internacionais de inovação mostrou que a ciência e a tecnologia desenvolvidas em nosso estado podem dialogar com o mundo”.

Durante o encontro, destacou-se a importância da iniciativa para a formação acadêmica dos estudantes e para o fortalecimento das ações de internacionalização da UEPB, além do reconhecimento ao empenho das equipes envolvidas na articulação institucional que garantiu a participação da dupla na programação internacional. Trata-se de um movimento que reflete um esforço mais amplo da universidade em ampliar suas conexões fora do país, projetando um Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCEA) cada vez mais voltado à produção de pesquisa aplicada e ao empreendedorismo científico.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

História em quadrinhos e a ciência

Desde a minha infância, tive uma relação muito forte com histórias em quadrinhos. Era muito comum, quando criança, lá em Sousa, ir ao cinema e aproveitar para comprar gibis usados ou trocar os que já tínhamos por outros.

Lembro dos gibis da Walt Disney e das versões mais completas chamadas *Almanaque Disney*. Mas também tínhamos as revistas da Marvel e da DC Comics, com os super-heróis. E talvez venha daí a minha forte relação com personagens como Wolverine, os X-Men e Batman.

Todo esse mundo dos quadrinhos fez parte da minha infância e foi muito importante para mim, principalmente por trazer essa construção de uma relação com a ficção científica e com a ciência.

A ficção científica está extremamente ligada aos super-heróis. A ciência dos quadrinhos funciona como elemento fantástico ou mágico, priorizando uma aventura em vez das leis físicas reais, sendo usados com uma certa licença poética. Eles utilizam conceitos da ciência real, como física quântica, mutações e o multiverso, como uma forma de criar poderes e expandir os universos, sendo que a realidade é usada para criar modelos para a diversão.

Embora exista uma liberdade criativa enorme, muita dessas histórias mantêm um pé na teoria científica real para dar peso e verossimilhança aos seus mundos. Por exemplo, alguns conceitos científicos podem ser vistos em quadrinhos e filmes. Um exemplo recente é o Homem-Formiga, que utiliza conceitos de mecânica quântica para construir esse herói em um mundo fantástico, é claro.

A mutação aparece com o Hulk, quando Bruce Banner recebe uma carga de raios gama o transformando, em determinados momentos, no super-herói verde, o Incrível Hulk. No caso do Homem-Aranha foi com a aranha radioativa. Esses exemplos acontecem no contexto da Guerra Fria e refletem o fascínio com a energia nuclear na ciência real, quando, na realidade, a radiação severa destrói o DNA celular e causa doenças, em vez de conceder superpoderes.

Já o multiverso é muito explorado pela DC Comics, como no caso do Flash, cruzando dimensões e dialogando livremente com o conceito de muitos mundos da mecânica quântica. Além do caso de Doutor Estranho, na Marvel, em que há uma mistura de realidade e psicodelia que nos faz viajar pelo mundo, muito inspirada em coisas concretas, mas que termina fazendo ficção científica.

Um outro exemplo está em Watchmen, uma história escrita por Alan Moore, em que o Doutor Manhattan, um cientista, é transformado em um ser quase onipotente após um acidente de física quântica. A obra debate formas realistas de percepção do tempo, a fusão nuclear e o impacto geopolítico de uma arma viva.

Apesar de toda essa fala que eu trouxe na coluna de hoje, de um mundo fantástico e a relação entre quadrinhos, ficção científica e ciência, podemos ter uma aplicação muito mais pé-no-chão para os quadrinhos: utilizá-los como ferramenta para a educação e a divulgação científica.

No caso da divulgação e do ensino de Ciências, o quadrinho é uma linguagem visual muito importante porque é uma união de texto e imagem que acelera e facilita a compreensão de temas complexos. Em projetos práticos, iniciativas acadêmicas e escolares transformam artigos científicos, biografias de pesquisadores e expedições de campo em tirinhas e materiais voltados para a sala de aula.

Nesse contexto, o quadrinho sai do lado lúdico para trabalhar com coisas reais e contar a história de grandes cientistas que também podem ser grandes exemplos de heroísmo para as pessoas.

Quer criar e imaginar? Crie seus heróis ou escolha falar dos que existem na vida real, que descobriam vacinas e materiais ou que resolveram grandes problemas. Aí é a imaginação ou é a ciência que vai fazer a ilustração?

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

AGROTÓXICOS

Brasil usa insumos vetados na Europa

Geógrafa argumenta que utilização de produtos proibidos no exterior pode ser definida como “colonialismo químico”

Bruno de Freitas Moura
Agência Brasil

Dos 10 agrotóxicos mais vendidos no Brasil, sete são proibidos na União Europeia (UE), o que não impede que os produtos sejam exportados por empresas do Velho Continente para o país. Tal condição configura o chamado “colonialismo químico”.

A constatação é da geógrafa Larissa Mies Bombardi, pesquisadora do Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD, na sigla em francês para *Institut de Recherche pour le Développement*), sediado na França.

A pesquisadora estuda o uso de agrotóxicos e conexões com a economia global há cerca de 15 anos. Ela aponta que os agrotóxicos — produtos químicos usados na agricultura para defender as plantações contra pragas, doenças e plantas daninhas — têm como consequência de uso impactos nocivos ao ambiente e às saúdes humana e animal, motivo pelo qual alguns são proibidos no exterior.

Larissa denuncia que o Brasil submete-se ao colonialismo químico por aceitar em terras nacionais o uso

de substâncias proibidas na UE e exportadas para cá.

“São proibidos porque são cancerígenos, porque provocam malformação fetal ou outros distúrbios hormonais, ou porque trazem severos impactos ao ambiente”, explica.

Semana de ciência

As declarações de Larissa Bombardi foram dadas no último dia 31, durante uma conferência na 78ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A SBPC é uma entidade civil, sem fins lucrativos, voltada para a defesa do avanço científico e tecnológico no país. A semana de seminários e debates reuniu, principalmente, estudantes, professores e pesquisadores.

Impactos

Ao apontar danos ao ambiente e à fauna, a geógrafa cita que, no intervalo de 10 anos (2009 a 2019), houve declínio de 41% no número de insetos no mundo. No caso de borboletas, chega a 53%.



Agrotóxicos são produtos químicos usados na agricultura com o objetivo de defender as plantações contra pragas

Os dados citados constam no estudo *Atlas dos Pesticidas 2022*, da Heinrich-Böll-Stiftung, fundação ligada ao Partido Verde da Alemanha. “São substâncias que

afetam os insetos e, por causa disso, afetam a biodiversidade, por isso que eles são proibidos na União Europeia”. Outro exemplo apresen-

tado é do uso do herbicida atrazina, o sexto mais vendido no Brasil, que pode causar anomalias em anfíbios, como a mudança de sexo em sapos, o que pode levar à eli-

minação de fêmeas. “Imaginem o que pode significar a eliminação, por exemplo, das fêmeas em uma espécie?”, argumenta a especialista.

Concentração fundiária impulsiona utilização de pesticidas

A geógrafa Larissa Bombardi contextualiza que o Brasil é o principal destino da exportação de pesticidas proibidos na UE. Foram três mil toneladas em 2023, apresenta ela, superando a quantidade dos três países que aparecem na sequência — Ucrânia, Estados Unidos e Rússia — que somam 2,6 mil toneladas.

Ela critica, ainda, que o mercado de sementes resistentes a pragas e de agrotóxicos é dominado por apenas quatro empresas, duas delas europeias: Basf e Bayer (ambas alemãs), a americana Corteva e a chinesa Sinochem. As quatro detêm 51% do mercado de sementes e 62% do de agrotóxicos. Essa estrutura é resultante de um histórico de fusões e aquisições. “O capitalismo foi se organizan-

do de uma forma na qual essas empresas subordinam a renda da terra”, pontua.

A pesquisadora compara esse novo tipo de colonialismo ao período da escravidão. “A gente tinha empresas europeias comercializando pessoas para serem escravizadas, em uma época em que, obviamente, a escravização de seres humanos era impensável no território europeu”, relaciona.

Para Bombardi, “o colonialismo não existe sem a colonialidade”. Para exemplificar, ela aponta que grandes proprietários concentram a maior parte da terra no país. “A gente nunca vai entender o uso de agrotóxicos no Brasil, se a gente não entender a questão fundiária”, afirma. “Independentemente dos go-

vernos, essa classe que monopoliza a terra no Brasil dita as regras”, complementa.

Vida fora do país

Atualmente, Larissa Bombardi vive na Bélgica, onde também é pesquisadora do Laboratório de Agroecologia da Universidade Livre de Bruxelas. A geógrafa está fora do Brasil desde 2021, quando sentiu-se insegura de continuar no país e solicitou licença do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP).

Segundo Bombardi, a mudança é resposta a uma série de ameaças recebidas após a publicação de um atlas, em 2019, no qual expôs a presença de resíduos agrotóxicos nos alimentos brasileiros. **Mobilização**

A pesquisadora acredita que o Brasil, como potência na agricultura e um dos maiores consumidores de agrotóxicos no mundo, tem capacidade para ser protagonista em esforços para uma regulamentação internacional desses insumos agrícolas e para mais incentivo à agricultura familiar. “A gente tem que romper esse ciclo colonialista. Penso que isso se faz com o aumento da conscientização, que dá suporte à construção das políticas públicas”, sugere.

Legislação

No Brasil, passou a valer, em 2023, a Lei nº 14.785, conhecida como “Lei dos Agrotóxicos”, que estabelece critérios para o uso dos defensores agrícolas.

A legislação determina que os registros sejam feitos pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). O processo conta, ainda, com a avaliação toxicológica, realizada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), vinculada ao Ministério da Saúde.

Há, também, ava-

liação ambiental, realizada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), ligado ao Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima.

À Agência Brasil, a Anvisa informou que cada país possui “regramento próprio para a concessão e manutenção de registros de produtos”.

O órgão acrescentou que, uma vez concedido o registro, o prazo de validade é indefinido. No entanto, complementa a Anvisa, a legislação prevê a reanálise (reavaliação) de produtos registrados no Brasil, quando há alguma indicação de perigo ou risco à saúde humana e ao meio ambiente ou por ineficiência agronômica, “podendo culminar na manutenção de um produto, imposição de restrições específicas ou o seu banimento”.

A agência informou que, desde 2006, finalizou 20 reavaliações. Como resultados dos procedimentos, foram proibidos 13 ingredientes ativos de agrotóxicos. São

eles: carbendazim, cihexatina, carbofurano, endossulfam, forato, lindano, metamidifós, monocrotofós, paraquate, parationa metílica, pentaclorofenol, proclo-raz e triclorfom, os quais são insumos para centenas de produtos no mercado.

Para seis dos ingredientes ativos reavaliados, ainda que os registros tenham sido mantidos, foram estabelecidas restrições com o objetivo de mitigar os riscos identificados (2,4-D, abamectina, acefato, forsmete, glifosato e tiram). Apenas um foi mantido sem restrições em seu registro (lactofem).

Ainda de acordo com o órgão federal, entre os sete ingredientes ativos priorizados para reavaliação na última lista publicada pela Anvisa, um foi banido (carbendazim), quatro encontram-se com a reavaliação em andamento (tiofanato-metílico, epoxiconazol, procimidona e clorpirifós) e dois aguardam o início da reavaliação (linurom e clorotalonil).

Saiba Mais

Os 10 agrotóxicos mais utilizados no Brasil em 2023 e quais são proibidos na UE:

- Glifosato e seus sais
- Mancozebe — proibido na UE
- 2,4-D — proibido na UE
- Acefato — proibido na UE
- Clorotalonil — proibido na UE
- Atrazina — proibido na UE
- S-metolaclo-ro — proibido na UE
- Glufosinato (sal de amônio)
- Malationa
- Dibrometo de Diquate — proibido na UE



Foto: Juca Varella/Agência Brasil



Fotos: Arquivo pessoal

Giovana Campos tem uma trajetória de muito sucesso na natação brasileira

GIOVANA CAMPOS

Paraibana vai seguir carreira nos EUA

Nadadora embarca no próximo dia 17, rumo à Universidade Grand Valley, no estado de Michigan, onde disputará competições de natação pelo time da instituição, na National Collegiate Athletic Association

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

A paraibana Giovana Campos, um dos grandes valores da natação do estado desde quando era criança, já tem um novo destino para continuar a sua bela carreira. Ela decidiu que vai treinar e competir agora nos Estados Unidos, país que é uma das grandes referências na modalidade. Aos 18 anos, Giovana embarca no dia 17 de agosto rumo a Universidade Grand Valley, no estado de Michigan, onde disputará as competições de natação pelo time da instituição, na National Collegiate Athletic Association (NCAA), associação que organiza todo o esporte universitário estadunidense.

Giovana já vem despertando o interesse de diversas equipes do Brasil e dos Estados Unidos graças ao desempenho construído ao longo de 11 anos de carreira. A escolha pela universidade americana levou em consideração a tradição da instituição na modalidade e a estrutura oferecida aos atletas de alto rendimento.

Segundo Giovana, a decisão exigiu reflexão, mas o histórico de sucesso da natação em Michigan e as condições de treinamento foram fundamentais. A expectativa é competir diariamente com algumas das melhores nadadoras do mundo, evo-

luir tecnicamente e representar o Brasil e a Paraíba em alto nível nas competições internacionais.

“Eu estava pensando no que fazer da vida depois do colégio, em relação ao futuro em uma faculdade e também o que fazer com a natação. No Brasil é bem difícil conciliar estudos com o esporte. E então veio essa oportunidade de ir para os Estados Unidos, onde poderia estudar e seguir na natação sob a lógica do alto nível. Um amigo foi no ano passado e se adaptou bem. Então fiquei com muita vontade de fazer o mesmo”, comentou.

De acordo com o pai da atleta, Edmilson Filho, mais de 20 instituições de ensino americanas demonstraram interesse de ter a atleta em seus quadros. Foram várias semanas de busca por informações, análises, opiniões, debates em casa e, claro, de dúvidas.

Segundo Giovana Campos, a escolha não foi simples porque a oferta era grande. Mas, ela queria avaliar vários aspectos para poder fazer a melhor opção. A atleta vai ter uma bolsa integral para estudar e ser uma atleta de ponta da universidade, onde terá estrutura de fisiologia, preparação física e alimentação.

“Fiquei bem nervosa no final do ano passado porque eu tinha que fazer essa escolha. Observamos vá-

rias universidades, vários contextos. Eu também queria uma universidade com boa referência acadêmica. É uma universidade com 30 mil estudantes e que tem um acompanhamento muito bom com os atletas”, contou a atleta.

Despedida nas águas

A despedida das competições nacionais antes da partida para a América do Norte aconteceu no 1º Troféu Edvaldo Valério Silva Filho, realizado há duas semanas, em Salvador. A paraibana teve atuação impecável ao disputar 10 provas e conquistar 10 medalhas, desempenho que foi fundamental para o bicampeonato da delegação da Paraíba na competição Norte-Nordeste, que é o Torneio Milton Medeiros, e para a conquista do título na primeira edição do Norte-Nordeste-Centro-Oeste.

Além de terminar como a maior pontoadora da equipe, ela também recebeu o Troféu Eficiência, prêmio concedido ao principal destaque individual da competição. Mesmo com apenas 18 anos, Giovana já ocupa o quinto melhor tempo da história do Brasil nos 200 metros borboleta.

Presidente da Federação Esportes Aquáticos da Paraíba (Feap), Lu-

ciana Rabay comemorou a oportunidade que Giovana, que é federada na Paraíba e atleta do Clube dos Oficiais da Polícia Militar (COPM), terá para poder desenvolver, ainda mais, o seu talento em um dos principais centros esportivos do planeta.

“A experiência vai ser maravilhosa e transformadora para Giovana. O sistema nos Estados Unidos é bem singular e faz com que os atletas treinem e compitam muito, a competição de alto nível. Ela vai ter uma excelente experiência e ainda vai ter uma educação de alto nível. Espero que mais atletas possam fazer esse caminho”, analisou a dirigente.

Trajeto

A nadadora tem mais de uma década de muitas idas e vindas nas piscinas do estado e de todo o Brasil. Giovana acumula marcas importantes para a natação paraibana, a exemplo de ter tornado a primeira mulher do estado a disputar uma Final A em um Campeonato Brasileiro Absoluto, aos 16 anos, e, um ano depois, a primeira paraibana a conquistar uma medalha em uma competição nacional da categoria absoluta.

Os resultados fizeram com que Giovana integrasse regularmente

as Seleções Brasileiras de base. No time brasileiro, a nadadora ainda tem no currículo a conquista da medalha de bronze no Campeonato Mundial Escolar Sub-15. Apesar das conquistas, a atleta mantém o foco em objetivos ainda maiores.

A meta é seguir reduzindo suas marcas, evoluindo, disputar campeonatos sul-americanos, mundiais, Jogos Pan-Americanos e, futuramente, chegar ao seu grande objetivo: disputar os Jogos Olímpicos.

A trajetória de Giovana é marcada por uma sequência consistente de resultados desde que começou a competir, aos sete anos de idade. Ao longo da carreira, acumulou recordes estaduais, pernambucanos e das regiões Norte e Nordeste em diferentes categorias.

Ela também consolidou-se como a maior medalhista da delegação paraibana na história dos Jogos da Juventude, com nove medalhas conquistadas em nove provas disputadas, sendo sete de ouro. Nos 200 metros borboleta, é tricampeã da competição. Formada nas piscinas do COPM, Giovana agora vai para o centro maior da natação mundial em busca de levar o nome da Paraíba por todo o planeta.



Giovana em ação no Campeonato Mundial Escolar, em que ganhou a medalha de bronze



Na final da Copa de 1998, o francês Zinédine Zidane sobe para cabecear e marcar contra o Brasil

TRAJETÓRIA DE SUCESSO

Fifa elenca destaques de Zidane

Momentos marcantes do atleta, que acaba de assumir o comando da Seleção Francesa, são lembrados pela Federação

Agora à frente da Seleção Francesa, Zinédine Zidane inicia um novo capítulo após construir uma trajetória lendária na Copa do Mundo. Em 1998, diante de sua torcida, conduziu a França ao inédito título mundial. Oito anos depois, na Copa do Mundo da Fifa em 2006, na Alemanha, voltou a disputar a final após protagonizar uma sequência de atuações inesquecíveis, mas terminou com o vice-campeonato.

Para celebrar a chegada de Zizou ao comando da Seleção Francesa, apresentado no dia 28 de julho, a Fifa relembra seus cinco jogos mais marcantes na maior competição do futebol mundial.

1. França 3 x 0 África (1998)

Zinédine Zidane jamais esqueceria sua estreia em uma Copa do Mundo. Na abertura da Copa do Mundo, a França, então 18ª colocada no *Ranking* Mundial Masculino da Fifa, goleou a África do Sul diante de um Stade de Marseille em ebulição.

Jogando em casa, diante da família, na cidade onde nasceu, Zidane teve atuação segura e foi um dos destaques de uma equipe que começava a mostrar sua força. Foi dele a assistência para

o primeiro gol da partida, marcado por Christophe Dugarry após uma cobrança de escanteio precisa.

2. França 3 x 0 Brasil (1998)

A conquista do primeiro título mundial da França, em casa, passa inevitavelmente pelo talento de Zinédine Zidane. Na decisão diante do Brasil de Ronaldo, o camisa 10 escreveu um dos capítulos mais emblemáticos da história da Copa do Mundo ao marcar dois gols de cabeça que entraram para a eternidade. O primeiro nasceu de um escanteio cobrado por Emmanuel Petit, pela esquerda, aos 27 minutos. Já nos acréscimos da etapa inicial (45'+1), Youri Djorkaeff levantou a bola do lado direito e Zidane voltou a subir mais alto que a defesa brasileira para ampliar.

Dois gols quase idênticos colocaram a França com uma mão na taça ainda antes do intervalo. Emmanuel Petit, nos acréscimos do segundo tempo (90'+3), completou um contra-ataque fulminante e fechou o placar em 3 a 0, encerrando qualquer esperança de reação brasileira.

“Minha vida mudou com esse jogo”, reconheceu Zidane em entrevista ao *L'Équipe*, em 2018. “Eu me tornei o jogador

que marcou a história do futebol francês. É verdade, é preciso dizer isso. As pessoas passaram a me olhar de outra forma, e eu sentia isso sempre que cruzava com alguém. Foi realmente bonito”.

3. França 1 x 0 Brasil (2006)

Depois de comandar a França em atuações brilhantes, Zidane teve contra o Brasil uma de suas exibições mais memoráveis. Mais uma vez, a Seleção Brasileira tornou-se sua maior vítima em Copas do Mundo.

No auge de sua técnica, o camisa 10 deu um verdadeiro espetáculo naquela noite, encantando o público presente em Frankfurt com um autêntico recital de futebol. Roletas, pedaladas, dribles de efeito. Zidane fez de tudo naquela noite. E, além de encantar o público, foi decisivo ao cobrar a falta que resultou no gol de Thierry Henry, na etapa final. Com a vitória por 1 a 0, a França garantiu a vaga nas semifinais da Copa do Mundo.

“Nos primeiros segundos do jogo, quando Zidane aplicou uma roleta em dois adversários e, na sequência, pedalou para passar por um terceiro, olhei para o meu banco e disse: ‘Nós vencemos’”, lembrou

Raymond Domenech, técnico da Seleção Francesa.

“Daqui a 50 ou 100 anos, continuaremos falando da atuação dele. Ele foi magistral durante toda a partida”, acrescentou seu companheiro de equipe Florent Malouda. Após o apito final, o próprio Rei Pelé resumiu a exibição em uma única palavra: “mágico”.

4. França 3 x 1 Espanha (2006)

Há 20 anos, a Espanha ainda estava longe de tornar-se a pedra no sapato da França. Muito pelo contrário. O confronto das oitavas de final, disputado em Hanôver, parecia destinado a marcar a despedida de Zidane dos gramados. “Vamos a jubilar a Zidane” (Vamos aposentar Zidane, em espanhol) foi a manchete do jornal *Marca*, provocando o craque francês, que acabou de encerrar sua passagem pelo Real Madrid aos 34 anos.

Mas, ainda não era a hora de Zizou pendurar as chuteiras. Provavelmente motivado pelas provocações da imprensa espanhola, ele decidiu dar um verdadeiro espetáculo naquele 27 de junho de 2006.

Onipresente em campo, o ex-meia do Bordeaux cresceu de rendimento, assim como

sua equipe, e fez um segundo tempo de altíssimo nível. Os dois países vizinhos empatavam por 1 a 1. Aos 83 minutos, Zizou cobrou a falta que originou o gol de Patrick Vieira, colocando a França em vantagem.

Já nos acréscimos, Zidane também deixou o dele. Seu 29º gol pela Seleção Francesa selou a vitória por 3 a 1 e garantiu a classificação para as quartas de final. “Ainda não era o meu jogo de despedida, a aventura continua”, resumiu, com a classe de sempre, depois daquela partida tão especial.

5. França 1 x 1 Itália (2006)

Oito anos depois de levantar a taça diante do Brasil, Zidane voltou a uma final de Copa do Mundo com a chance de ampliar ainda mais seu legado e conquistar o segundo título em apenas três participações. Em Berlim, diante da Itália, Zizou entrou em campo sabendo que faria sua última partida pela Seleção Francesa e encerraria ali também sua carreira como jogador. Naquele noite tão simbólica, o roteiro parecia perfeito para o marseelhês: aos sete minutos, abriu o placar com uma cavadinha magistral em cobrança de pê-

nalti. Um gesto ousado, bem ao seu estilo.

A Itália empatou ainda no primeiro tempo, mas Zidane seguiu comandando a França. Mesmo após deslocar o ombro nos minutos finais do tempo regulamentar, esteve a centímetros de decidir a partida na prorrogação. Sua cabeçada tinha endereço certo, mas Gianluigi Buffon fez uma defesa espetacular e espalmou a bola para escanteio.

Sem conseguir encontrar o gol da vitória, os Bleus viram seu capitão perder o controle diante das provocações de Marco Materazzi. O meia foi expulso após uma violenta cabeçada no peito do zagueiro italiano. Com esse gesto tão incomum, Zizou despediu-se do maior palco do futebol, depois de tantos feitos memoráveis.

Zidane sempre conviveu com esse contraste: capaz de alcançar o sublime e, ocasionalmente, sucumbir ao próprio temperamento. Com a ausência do seu camisa 10 na disputa por pênaltis, a França acabou derrotada por 5 a 3. “Não me orgulho do que fiz, mas isso faz parte da minha trajetória”, admitiu à TF1 em 2022. “Já vivi situações complicadas, e essa faz parte delas”.



Em 2006, no seu último ano de Copa do Mundo, Zinédine Zidane voltou a vencer o Brasil, com outra exibição maiúscula, colocando Thierry Henry para fazer o gol da vitória por 1 a 0

FUTEBOL FEMININO

Mulheres buscam mais valorização

Copa do Mundo de 2027 no Brasil deve ampliar a visibilidade do esporte e promover impactos no turismo

Lara Musa
Agência Estado

O painel Copa do Mundo Feminina Fifa 2027, presente na programação do Summit Mulheres nas Profissões realizado esta semana na Expo Center Norte, em São Paulo, e mediado pela jornalista Anne Lottermann, reuniu representantes de entidades do esporte e a ex-jogadora Formiga, para falar sobre o legado que o torneio trará para os brasileiros.

A Copa Feminina movimentará o Brasil e as discussões de sua relevância para o esporte nacional já são debatidas desde já. A Secretária Extraordinária para a Copa Feminina Juliana Agatte, defendeu que o torneio pode promover relevantes impactos no turismo, já que será sediado no país do futebol. Apesar disso, criticou o fato dessa paixão não chegar no futebol feminino.

“Tudo que a gente pode trazer do turismo internacional para consumir o futebol em um território que ele é paixão nacional. E que essa paixão nacional hoje tem um teto, porque não dá para falar em paixão nacional falando só de valorização do futebol masculino. Tem que ampliar falando também do feminino. Quando a gente fala de Copa do Mundo de Futebol Feminino, a gente rompe uma bolha e avança nesse momento que é ao mesmo tempo de resistência e legado”, disse Juliana durante o painel.

Relevância

A Diretora Executiva de Futebol Feminino da Federação Paulista de Futebol, Kin Saito, lembrou que conhecer o passado e a história da modalidade no país é importante para uma projeção de futuro.

“A Aline Pellegrino sempre fala que o efeito da proibição foi fazer com que a gente não se enxergasse em nenhuma outra função dentro do futebol. Não queriam a gente dentro de campo e não estavam facilitando a nossa possibilidade de ser treinadora, de ser árbitra, narradora, gestora”, falou.

O Campeonato Paulista é o mais tradicional torneio de mulheres do Brasil. Para a diretora, essa conquista começou lá atrás e agora torna-se um espelho do que pode ser replicado em outros regiões do país.

“Primeiro que lá em 87 começa a desenvolver competições. Então, se você tem competições, o clube que faz o trabalho no dia a dia para surgir atletas como a Formiga precisa ter o que jogar. E a partir do momento que você tem o que jogar, você consegue realmente dizer que aquele espaço vai lhe dar frutos, e o Brasil é um país recheado de talentos”.

Kin Saito ainda afirmou que agora, com uma década do departamento de futebol feminino na federação, foi possível reconhecer em números que hoje existem mais meninas de base jogando futebol do que mulheres na categoria adulta.

Copa de gerações

A ex-jogadora de futebol Formiga pontuou a importância de criação de cursos e formações que ajudem as ex-atletas a fomentarem o esporte em suas cidades, para que a situação melhore em relação ao que elas passaram quando atuavam.



Foto: Thaís Magalhães/CBF

Ex-jogadora da Seleção, Formiga defendeu a criação de cursos para ajudar as mulheres

“Necessitamos ingressar cada vez mais ex-atletas, tenhamos em cada Estado uma atleta pioneira que deseja fomentar o futebol feminino em seu estado e que precisa desse curso. E possamos realmente expandir, incentivar, porque precisamos amanhã ou mais tarde passar o bastão. E quem que vai estar preparada? Nossa futura geração que está vindo por aí”.

Ao Estádio, Formiga disse que mesmo de fora dos gramados ainda sente-se parte do processo. Com humor, a diretora de Políticas de Futebol e de Promoção do Futebol Feminino no Ministério do Esporte brincou que ainda espera seu nome na lista do técnico Arthur Elias e que jogaria “fácil” o Mundial.

“Eu fico super feliz de fazer parte desse processo. Um sonho muito distante e hoje ele é realidade. Não sei realmente aonde eu vou estar, mas não tem como dizer que a Formiga não faz parte dessa história, ou as pioneiras não fazem parte dessa história, muito pelo contrário”.

A ex-jogadora ainda incen-

tivou o respeito entre as gerações para uma maior promoção do esporte no País. “Respeito pela história construída lá atrás, para que quem está hoje tenha esse privilégio de jogar dentro de casa. Que venha esse respeito para todas as mulheres que construíram, não só dentro de campo, mas fora também, até porque a luta, ela ainda continua. Não é só porque conquistamos a grande oportunidade de sediar um maiores eventos esportivos do mundo do futebol feminino no nosso país, mas que seja para sempre. E essa geração de hoje possa entender que a história de hoje vai estar sempre na memória dessas pessoas que estão sabendo do futebol feminino”.

Cristiane Gambaré, Coordenadora de Seleções Femininas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), revelou que está sendo uma honra para o país sediar e planejar esse torneio. “Gratidão por estarmos sediando a Copa do Mundo aqui dentro do Brasil, nós transferimos isso como uma motivação, uma obrigação no

planejamento dentro do nosso departamento”, falou a coordenadora durante o painel.

Ao Estádio, Gambaré ainda pontuou o impacto do torneio nas categorias de base. “A movimentação que tem nas categorias-base, com menos apelo e produtividade para campeonato de futebol feminino, a Copa do Mundo vem para alavancar, para fazer que esse movimento cresça, o interesse de cada estado, das federações e clubes. É um movimento positivo, agora é só implementar cuidadosamente para que permaneça a longo prazo e que a gente crie muitos frutos e até abastecendo a própria Seleção”.

Realizado pelo Grupo Mulheres do Brasil, o Summit Mulheres nas Profissões, aconteceu entre os dias 4 e 5 deste mês, no Expo Center Norte, em São Paulo, reunindo profissionais de diversas áreas, atuando como ponto de encontro para discussões com foco no desenvolvimento de carreira, liderança feminina, empreendedorismo, inovação e o futuro do trabalho.



Foto: Ramiro Cicao/CBF

O futebol feminino vem crescendo no Brasil e a CBF valoriza ainda mais a base

Pedro
Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Em nome de quê?

Eu tenho que confessar. A tal Copa Paraíba, prometida pela FPF que vai ser realizada novamente em 2026, ainda me agonia sempre que vejo uma notícia a ela vinculada. O torneio já tem data, clubes participantes definidos, mas para mim ainda é uma grande zona cinzenta. Por algumas razões. Mas vamos primeiro às últimas notícias sobre a competição, mesmo que indiretamente.

O comichão no cérebro dessa vez veio com algo que, a princípio, não tem nada a ver com o campeonato. Até tem. Mas o noticiário não é sobre ela. É que o Treze, dias depois da sua eliminação na Série D do Campeonato Brasileiro, já começou a pensar em 2027. Ou em 2026. Enfim... também em 2027. O clube renovou com alguns atletas, com o seu treinador, Adriano Souza, numa política que julgo acertada. É sempre importante manter uma base de um ano para outro.

Em que se pese que o Galo já não tinha aquele jogador diferente no elenco que buscou o acesso na Série D, mas que, pelo menos, conseguiu garantir o clube na Quarta Divisão do ano que vem, afastando a sina de ser fora de série. Realmente, ao Treze ainda falta jogadores diferenciados. E quando falo diferenciados é numa perspectiva de Paraibano/Série D mesmo. Não é uma constatação para não lidar com a realidade em que o clube está inserido.

De todo modo, as renovações dos zagueiros John Lessa e Matheus Barbosa, do atacante Dioran, do meia Giovane Mário, dos laterais-esquerdos Carlos Henrique e Luan Freire e do lateral-direito Wendell Lessa se não empolgam tanto assim, por questões técnicas, significa a preservação de uma espinha dorsal, de atletas que já conhecem o treinador Adriano, e que detêm a confiança do técnico. Uma queima de etapas que eu sempre acho importante para um início de temporada.

A eles juntam-se o volante Marquinhos e goleiro Erivelton, esses sim elementos de destaque na temporada e que devem ter ouriçado um pouco mais a torcida alvinegra. Acontece que as renovações, mesmo em um eventual fim de temporada, é algo normal e importante para quem pensa só no outro ano. Se firma compromissos com atletas, mesmo que eles sejam emprestados até o fim da temporada atual. Tão logo acaba o ano futebolístico, o clube já tem vários atletas contratados. É sempre bom.

Acontece que o Treze tem a Copa Paraíba ainda neste ano. Pelo menos em tese. E o clube já contratou atletas, para além das renovações. Durante a última semana anunciou o goleiro Arthur e o meia Vitinho. Vinculos pensando na Copa Paraíba, sem dúvidas. Agora chega a minha agonia. Quem garante que a Copa Paraíba vai acontecer? A pergunta é retórica, mas a resposta existe. A FPF. E quem confia? Ao que parece todos os seis “classificados”. Acontece que só o Treze começou a se organizar para o torneio. Até aqui só o Galo contratou para a competição.

E aí retomo a discussão que já trouxe aqui e no meu blog. Quem garante que o torneio vai ocorrer? E se algum clube desistir? Como já falei, de acordo com o Manual de Competições da CBF, antigo Regulamento Geral de Competições, o famoso RGC, um torneio seletivo — caso da Copa Paraíba — para ser legítimo para oferecer vagas em competições nacionais precisa ser disputado por no mínimo seis clubes, sendo três times, também no mínimo, da primeira divisão do Estadual.

A FPF — a meu ver correndo um risco desnecessário — decidiu que apenas os seis clubes, que não foram finalistas do Paraibano 2026 e não caíram de divisão no estadual deste ano estão aptos para jogar o torneio. Ou seja, bastaria uma desistência para que o campeonato não fosse legítimo para o seu fim, que é dar uma vaga na Copa do Brasil de 2027.

Pois bem, em nome de quê o Campinense, maior rival do Galo, por sinal, vai jogar essa competição? Se uma vaga na Copa do Brasil 2027, de certo modo, já é dele? Caso a competição não aconteça é justamente o Campinense, como terceiro colocado do Campeonato Paraibano deste ano, que herdaria a terceira vaga na Copa do Brasil. As outras duas são de Botafogo-PB e Sousa, finalistas do Paraibano 2026.

A Raposa vem publicamente afirmando que vai disputar o torneio. A Federação Paraibana de Futebol tem a certeza de que nenhum dos seus filiados vai ser malandro nesse sentido. Era melhor ter feito uma definição mais inteligente sobre o torneio do que se basear na fé. Ou é só viagem minha tudo isso?

CÍVICO-MILITAR

Médico cria memorial

Segundo o fundador do espaço, muitos dos artigos foram doados pelo próprio Exército Brasileiro, que confiou a ele a guarda desse material

Local conta com mais de 10 mil peças, de equipamentos a fotografias

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz304@gmail.com

Antes de iniciar sua carreira como médico, Evaldo Nóbrega enfrentou um período de incertezas. Ao se formar em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 1980, ele se viu desempregado e sem perspectivas profissionais. Naquele momento, enxergava apenas dois caminhos: cumprir o serviço militar obrigatório ou exercer a profissão que havia escolhido.

A oportunidade de conciliar as duas vocações surgiu por meio do Exército Brasileiro. Pela Lei do Serviço Militar, estudantes de Medicina podem adiar o alistamento obrigatório até a conclusão da graduação. Depois de formados, são convocados e, devido à necessidade de profissionais de saúde para atuar nos quartéis e hospitais militares, muitos passam a integrar o quadro da força. Foi assim que Evaldo deu início à sua trajetória na carreira militar.

Recém-incorporado, o médico foi transferido para Brasília, onde serviu no 1º Regimento de Cavalaria de Guardas, conhecido como “Dragões da Independência”. Responsável pela segurança das instalações da Presidência da República, essa unidade do Exército Brasileiro foi criada por decreto de Dom João VI, em 1808, quando a Corte Portuguesa se transferiu para o Brasil.

Natural de Patos, no Sertão da Paraíba, Evaldo revela que o interesse pela vida militar nasceu ainda na infância. “Eu sempre tive certo fascínio pelo Exército. Meus dois irmãos mais velhos se alistaram no Tiro de Guerra 07-002, em Patos, e, quando conheci melhor esse universo, também quis fazer parte dele. Acabei escolhendo a medicina, mas, quando surgiu a oportunidade

de de ingressar no Exército, não pensei duas vezes. Passei três anos em Brasília: pela manhã, trabalhava no quartel e, à tarde, fazia o internato no Hospital de Base do Distrito Federal”, relembra o cirurgião, que mais tarde se especializou em coloproctologia.

De volta

Após a sua temporada em Brasília, Evaldo deixou o Exército como militar da reserva e passou a se dedicar de forma integral à medicina. Ao retornar à Paraíba, o patoense passou a trabalhar no Hospital Universitário Alcides Carneiro (Huac), em Campina Grande, onde permaneceu por quase quatro décadas, chegando ao cargo de diretor em duas ocasiões.

“Mas, ao longo desse tempo, nunca perdi o interesse pelo Exército. Então comecei a colecionar certos artefatos, documentos e peças ligados ao tema. Percebi que, quando viajava, era só isso que me atraía, e foi a partir disso que meu acervo começou a surgir. Foram cerca de 30 anos reunindo material”, contou o médico.

Em 2020, Evaldo percebeu que a sua coleção era grande demais para permanecer guardada nos armários de casa, e foi aí que decidiu criar o Memorial Cívico-Militar Evaldo Nóbrega, no Edifício São Camilo, no bairro Prata, mesmo local onde ele mantém o seu consultório. Atualmente, o acervo, que ocupa duas salas desse prédio, conta com mais de 10 mil peças, entre documentos, fotografias, medalhas e equipamentos militares.

O memorial

Dentre os artigos que fazem parte do memorial, muitos foram doados pelo próprio Exército. “Eles preferem deixar comigo, pois sabem que eu terei zelo e vou preservar. Muitas vezes, não há lugar para guardar esses objetos nos batalhões, e eles acabariam abandonados”, explicou.

Uma das doações foi uma máquina de comunicação utilizada, sobretudo, pelas Forças Armadas dos Estados Unidos, durante a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã, nos anos 1950. O aparelho é um dos xodós de Evaldo. “É uma peça única e original, existem pouquíssimas no Brasil. É uma tecnologia que nos dá ideia de como as informações eram passadas entre os militares, na época”, detalhou.

O aparelho é um Telex TT-76C, também conhecido como “teletipo”. Trata-se de um teclado militar usado em comunicações táticas via rádio e redes de teletipo, atuando em conjunto com unidades de transmissão móveis para o envio e o registro de mensagens criptografadas ou impressas em fita perfurada.

Outro artigo pelo qual o médico tem um apreço especial é a réplica da metralhadora Maxim M1910, modelo usado na Guerra Civil Russa, nas duas grandes guerras mundiais e também adotada nos confrontos da Guerra Fria, da Coreia e do Vietnã. Mais recentemente, o armamento foi utilizado durante a invasão russa na Ucrânia, em 2022. Segundo ele, a duplicata é rara. “Tenho também um capacete M1 de combate, provavelmente datado do pós-Segunda Guerra Mundial. É um capacete de aço que, na parte interna, é composto por outro, de fibra, com tiras que se ajustam à cabeça”, explicou.

Uma peça importante do Memorial Cívico-Militar é o símbolo do cadete da Academia Militar das Agulhas Negras (Aman): o Espadim Duque de Caxias. De acordo com o médico, a réplica em miniatura da espada de Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, é entregue aos cadetes durante a formação do primeiro ano, depois de cerca de 20 meses de adaptação e estudos básicos, marcando o uso tradicional do uniforme azul.

Por fim, o local também

recebeu a doação de cartas enviadas por militares da Paraíba a seus familiares, quando da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, com endereço postal da Itália.

Apesar do vasto acervo e da riqueza histórica da coleção do militar da reserva, a visitação ao local é limitada e precisa ser agendada diretamente com ele. “Eu tenho muito cuidado com todas as peças, então faço questão de estar aqui quando alguém vem visitar. Como ainda atendo em meu consultório, não tenho tanto tempo para estar sempre por aqui. Mas, sempre que posso, o local está aberto a visitas”, disse Evaldo.

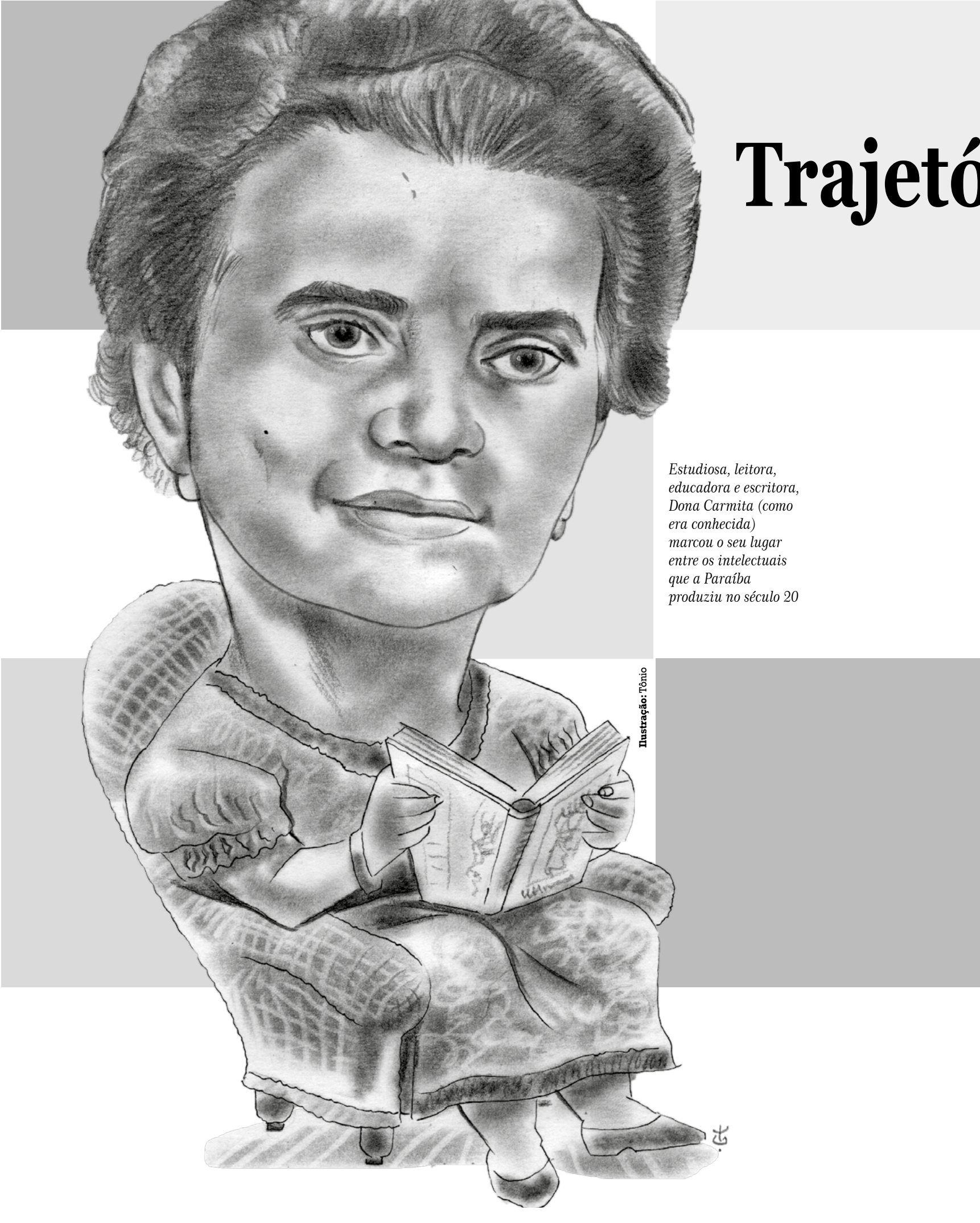
Coleção familiar

Além dos artigos ligados ao Exército e à carreira militar, o memorial também abriga livros, documentos e fotografias ligados à família de Evaldo. O mobiliário, por exemplo, é da década de 1960, assim como louças e quadros expostos no local.

Dentre algumas das peças mais antigas da coleção de Evaldo, estão livros que datam de 1919 e foram da sua tataravó. Um deles é o exemplar de uma edição do almanaque *Lunário Perpétuo*, uma das obras mais populares do Nordeste, que oferecia conselhos e orientações sobre os mais variados aspectos da vida, como astrologia, previsões do tempo, astronomia, calendários, saúde, religião, agricultura, veterinária, além de elementos próprios de almanaques populares, a exemplo de provérbios e conselhos para o b e m viver.

Foto: Julio Cesar Pereira

Evaldo Nóbrega passou 30 anos reunindo material referente ao tema, um acervo que inclui armas, capacetes, documentos e medalhas, entre outros



Estudiosa, leitora, educadora e escritora, Dona Carmita (como era conhecida) marcou o seu lugar entre os intelectuais que a Paraíba produziu no século 20

Ilustração: Tono

Carmen Coelho de Miranda Freire

Trajetória pioneira eternizou educadora paraibana

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Há quem ensine e inspire na sala de aula, e há outros que, com seus escritos, formem gerações inteiras. Carmen Coelho de Miranda Freire, mais conhecida como “Dona Carmita”, reuniu essas duas atividades em sua trajetória. Professora por formação e historiadora por dedicação, ela selou um compromisso pessoal com a preservação da memória da educação e das famílias paraibanas.

Dona Carmita nasceu na então cidade de Parahyba (ainda não se chamava João Pessoa), capital paraibana, no dia 12 de janeiro de 1912, oito meses antes do falecimento de seu pai, o bacharel José Vieira Coelho. Apesar de ser de família tradicional, sua mãe, Maria Emerentina Gouvêa Coelho, viúva e com seis filhos pequenos, enfrentou olhares atravessados e críticas dos que defendiam que ela colocasse os filhos para trabalhar e ajudar nas despesas domésticas. Na genealogia familiar escrita por Carmen, ela destaca o exercício do magistério da mãe e deixa entrever a influência da educadora sobre a sua trajetória.

A exemplo dos irmãos, Carmen teve acesso aos estudos de tradição católica. Depois de fazer o curso primário e o secundário no Colégio Nossa Senhora das Neves, foi diplomada professora pela Escola Normal, em 1931, atuando, inicialmente, como educadora do Jardim de Infância (que hoje corresponde à Pré-Escola). Dois anos depois, assumiu o Grupo Escolar Isabel Maria das Neves, onde permaneceu por sete anos, até ser nomeada, em 1940, para assumir a cadeira de História Geral no Liceu Paraibano. Nesse mesmo ano, ela casou-se com o comerciante Lourival de Miranda Freire.

A história de vida da educadora pa-

raibana foi objeto de estudo da pesquisa de mestrado e doutorado da professora Niédja Ferreira, que realizou um amplo levantamento documental no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), entidade na qual Carmen foi admitida como sócia há exatos 50 anos. “Ela começou a sua trajetória intelectual num período em que a representação das mulheres era escassa. Estudar era só para aquelas que faziam parte de um grupo social mais seletivo e, mesmo assim, não era tão fácil”, afirma a pesquisadora.

Em razão disso, dedicou-se incansavelmente à educação feminina, inclusive pela via religiosa. Foi uma das fundadoras do Núcleo Noelista da Paraíba, organização cultural e religiosa de origem francesa, voltada para a recristianização das mulheres e para campanhas de caridade. “As integrantes desse núcleo estavam ligadas à elite social urbana. O que as destacava na época era também o fato de terem acesso a uma educação formal e a bons livros”, destaca a pesquisadora, que encontrou, nos registros das atas do grupo católico, muitas referências à questão do estudo da mulher.

Escritora

Para Niédja, as vivências da professora Carmen Coelho ilustram bem o início da transição da presença da mulher na sociedade paraibana, que deixa de estar exclusivamente no espaço doméstico e passa a ocupar também ambientes de intelectualidade. “Carmen foi uma educadora que transpôs a sala de aula, porque não se limitou a ser professora. Ela também escreveu livros didáticos, de genealogia e até de romances”, argumenta.

No Liceu Paraibano, foi uma das fundadoras do curso noturno, atuando como voluntária por mais de 10 anos. Após quase três décadas de magistério, Carmen

aposentou-se e passou a ser dedicada mais à pesquisa histórica e à escrita. Nessa linha, publicou *Notas Genealógicas das Famílias Gouvêa, Meira Henriques, Albuquerque Maranhão, Vieira, Coelho* (1971), *História da Paraíba: Período Colonial e Reino* (1976), *Padre Meira* (1976), *História da Paraíba: do Império à República* (1976), *Notas Históricas Sobre a Cidade de Santa Rita* (1977) e *História da Paraíba: Para Uso Didático* (1978).

Escreveu, ainda, *A Mansão da Praça Bela Vista* (1973), romance fictício que retrata elementos do contexto da Revolução de 1930 e da morte do presidente de Estado João Pessoa; *Diná* (1975), um conto que usa as peraltes infantis da personagem-título para falar da educação no interior da família moderna; e *As Ruas Onde Morei* (1998), livro de memórias sobre as pessoas com quem conviveu nos endereços onde residiu.

As contribuições na imprensa local também podem entrar na conta dessa produção intelectual. No jornal católico paraibano *A Imprensa*, que, entre 1933 e 1942, foi dirigido por seu irmão, o então padre e futuro bispo Carlos de Gouvêa Coelho, a educadora, na qualidade de presidente do Núcleo Noelista da Paraíba, costumava escrever notas e até artigos assinados como Carmita Coelho, como era conhecida entre amigos e pessoas próximas. Em reconhecimento por essa produção, ingressou, em 1976, como sócia efetiva do IHGP, onde deu prosseguimento a muitas de suas pesquisas. Também foi uma das fundadoras do Instituto Paraibano de Genealogia e Heraldica (IPGH).

“Mestra de muitas gerações de jovens que perpetuaram as aulas do histórico Liceu Paraibano, Dona Carmita, ao decidir dar sua contribuição para a atualização dos fascinantes estudos da historiografia regional, presta serviço benemérito à mocidade sequiosa dos conhecimentos

de cronologia de sua terra (...)”, escreveu o jornalista José Leal, em 1976, no prefácio de um dos livros da autora.

De acordo com Niédja, Dona Carmita foi adentrando nos espaços tradicionalmente masculinos de forma tranquila, valendo-se de sua posição social e da própria árvore genealógica, formada por pessoas próximas da elite – mas isso não diminui o fascínio pela sua trajetória. “Suas publicações nos ajudam a entender melhor a história da educação na Paraíba”, pontua. Outras colaborações que constam no currículo da escritora são artigos publicados no extinto jornal *O Norte* sobre educação, memória e a defesa da permanência de João Pessoa como nome da capital paraibana.

“Ela tinha muito orgulho e admiração pela história da Paraíba, sendo uma defensora incondicional do presidente João Pessoa. Era mocinha, no ano de sua morte”, relata uma das netas, Daniela Coelho, ao lado das irmãs, Maria Carmen Coelho e Clemens Rachel Freire. Elas são filhas da professora universitária Clemens Coelho, que faleceu em julho do ano passado. Dos quatro filhos de Dona Carmita, está entre nós apenas Carlos Coelho de Miranda Freire, desembargador aposentado do Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região.

Solidária

As netas de Dona Carmita lembram-se bem das visitas frequentes à avó, dos almoços de domingo e das missas aos sábados à tarde, na Igreja do Carmo, no Centro Histórico de João Pessoa. Ela também era catequista, preparando muitas crianças para a Primeira Comunhão. “Vovó sempre colocou Deus e a família em primeiro lugar. Adorava passeios de carro na orla, viagens internacionais e contar histórias da família”, conta Ma-

ria Carmen.

A risada contagiante e o talento para o piano também são recordados por Clemens Rachel. Nas noites de quinta-feira, ela tinha o costume de jogar baralho com o primo e médico Hermano Gouvêa, com quem fez várias viagens, ao lado do filho Carlos. “No ambiente familiar, vovó era uma pessoa leve, feliz, decidida. Nunca a encontrei apereada ou chateada, mesmo cuidando de um marido acamado ao longo de 14 anos. Morava no Centro, mas amava praia e água de coco”, ressalta.

Para elas, o maior ensinamento da avó foram as lições de fé e de incentivo à leitura e ao conhecimento, que procurava compartilhar por meio das ações assistenciais. Organizava-se com as mulheres do Núcleo Noelista para oferecer aulas de francês, realizar doações de vestuários e alimentos. Esteve à frente, também, da fundação da Casa da Empregada Doméstica Santa Zita, voltada para a formação espiritual e profissional de mulheres.

“Era um local onde as pessoas que estivessem precisando de empregadas domésticas poderiam encontrar uma profissional capacitada por uma equipe de freiras”, conta Daniela. Segundo conta, uma das memórias mais fortes que possui da avó é do quanto ela procurava ajudar as pessoas, valendo-se do respeito e da admiração que conquistara com os muitos ex-alunos que atuavam como profissionais liberais, empresários ou ocupavam cargos públicos.

Carmen Coelho de Miranda Freire faleceu no dia 2 de abril de 2003, aos 91 anos, em João Pessoa, cidade que deu o seu nome a uma de suas ruas, localizada no Distrito Industrial. Por ocasião das comemorações pelos 50 anos da Casa da Empregada Doméstica Santa Zita, o exemplo e a memória de Dona Carmita serão lembrados.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

A quem interessa o retorno das mentiras sobre a Covid-19?

Nos últimos dias, influenciadores e políticos de extrema direita voltaram a propagar desinformação relacionada à vacinação contra a Covid-19. Bolsonaroistas e pessoas que se autodeclararam “antivacinas” retomaram o bombardeio de inverdades nas redes sociais, mesmo com seus “achismos” indo de encontro às evidências científicas. Tudo isso ocorre, não sem motivação, com o calendário eleitoral do Brasil esquentando.

Apenas um vídeo publicado pelo deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG), candidato à reeleição, alcançou mais de 37 milhões de visualizações no Instagram. Nessa onda, também entraram o senador Magno Malta (PL-ES) e o ex-deputado federal Eduardo Bolsonaro.

O movimento antivacina e as mentiras propagadas pela extrema direita no Brasil contribuíram de forma significativa para o alto índice de mortes relacionadas à Covid-19 no país: foram mais de 700 mil mortes registradas durante a pandemia. Mas a médica e pesquisadora Margareth Dalcolmo estima que o país pode ter registrado mais de 2 milhões de mortes associadas à doença.

Embora tenha se popularizado na última década, a disseminação de inverdades é uma prática antiga. “*Fake news*”, inclusive, foi eleita a palavra do ano em 2017, pelo dicionário britânico *Collins*. Na publicação, a expressão é definida como uma informação falsa, embora divulgada como se fosse notícia (até mesmo pela mídia...).

No meio acadêmico, o termo é contestado por sua imprecisão. Nem todo conteúdo falso assume a estrutura de um texto jornalístico.



Foto: Reprodução/Brown University

Claire Wardle (foto) e Hassein Derakhshan cunharam o termo “desordem informacional”

Além disso, notícia é um relato que exige técnicas rigorosas de apuração. Assim, se é uma *fake news*, provavelmente não passou por

uma checagem apurada dos dados e fatos.

A expressão “desordem informacional” (*information disorder*), cunhada em 2017 pela

pesquisadora Claire Wardle e pelo jornalista e também pesquisador Hossein Derakhshan, traduz melhor esse fenômeno. Eles desaprovam o termo “*fake news*” por considerá-lo simplista e instrumentalizado de forma política. Aliás, foi amplamente utilizado por Donald Trump nas eleições estadunidenses de 2016 com o objetivo de desacreditar a mídia tradicional e jornalistas críticos ao seu governo.

Para o debate sobre desordem informacional, Wardle e Derakhshan recomendam o uso de três termos: desinformação, misinformação e malinformação. Desinformação é o conteúdo comprovadamente falso, criado e compartilhado de forma deliberada para causar danos a indivíduos, grupos ou instituições, visando a algum tipo de ganho por parte do emissor.

Misinformação refere-se a dados incorretos ou imprecisos propagados sem a intenção explícita de prejudicar. Ocorre quando alguém compartilha um fato inverídico acreditando genuinamente na sua veracidade. Já malinformação são informações reais e verdadeiras descontextualizadas ou vazadas maliciosamente com o objetivo de expor, prejudicar ou atacar a reputação de uma pessoa, organização ou país.

Leigos e acadêmicos têm se deparado com desinformação, misinformação e malinformação a todo momento. Nos próximos dias, com a mistura de eleições e inteligência artificial generativa, o bolo da desordem informacional só tende a crescer. Fique atento! O retorno das mentiras sobre a Covid-19 e outros temas interessa a gente gráuda, que está pouco se lixando para o brasileiro.

Tocando em Frente



The Rolling Stones — IV

Em 1969, com apenas 27 anos de idade, conforme já relatado anteriormente, Brian Jones (Lewis Brian Hopkin Jones, nascido em 1942, em Cheltenham-Gloucestershire, Inglaterra), foi encontrado morto pela namorada, afogado na piscina da residência dele — o que, em princípio, gerou opiniões controversas, posteriormente constatadas como morte por overdose de drogas ilícitas.

Brian, que já tinha bastantes conhecimentos musicais, tomara-se um multi-instrumentista: guitarra, gaita, piano, cello, citara, marimba, melotron, ukulele, oboé, tuba, trompa, trombone, clarinete, bateria — e ainda era vocalista. Ele havia se tornado o líder da banda, o que fez surgirem, em maldosos setores da imprensa especializada, boatos de que teria sido uma morte planejada... Foi por aquela ocasião que o também colega de bancos escolares Mick Taylor (Michael Kevin Taylor, nascido em Welwyn Garden City, Inglaterra, em 1949) foi incorporado em definitivo à banda.

Na passagem de 1969 para 1970, o período de novembro/dezembro marcou o lançamento de dois novos álbuns, quase homônimos: um dos Rolling Stones — *Let It Bleed* (*Deixa sangrar*) — e outro dos Beatles — *Let It Be* — (*Deixa pra lá*), gravado em janeiro de 1969, em estúdio, e só lançado oficialmente em maio de 1970. Hoje, sabe-se que aquela primeira versão oficial do álbum dos Beatles data de setembro de 1969, ainda como um trabalho do antigo produtor do grupo, Glyn Johns (Epsom, Reino Unido, 1942), e havia sido intitulado de *Get Back*, um trabalho que não satisfez ao novo pro-



dutor, George Martin (Highbury, Londres, 1928 — Wiltshire, Reino Unido 2016), que o rebatizou como *Let It Be*. Tanto é que, ainda

hoje, levanta-se a questão: trata-se de uma conotação irônica ou tão somente de uma coincidência? Como eram grupos ainda

quase emergentes no mercado fonográfico mundial, pode-se dizer que ambos os LPs elevaram definitivamente ambas as bandas ao ápice do rock mundial.

Decolada a carreira de ambos os grupos britânicos, ensejou-se o advento da chamada “invasão britânica”, em que surgem The Kinks, The Dave Clark Five, Hermans Hermit, The Zombies, The Animals, Gerry and The Pacemakers e, tempos depois, Duran Duran, Def Leppard, Eurythmics, Culture Club, Spandau Ballet, Depeche Mode, Tears for Fears, Pet Shop Boys... Seguindo em trilha semelhante, não se pode esquecer do Pink Floyd, Yes, Supertramp, Moody Blues...

A denominação de “a maior banda de rock and roll do mundo” é atribuída aos Rolling Stones, mas, evidentemente, a honra é também atribuída aos Beatles. Não restam dúvidas de que ambos os grupos permaneceram e permanecerão como os maiores ícones do pop-rock moderno.

Como estamos falando dos Stones, a título de informação: desde 1989, eles figuram no Salão da Fama do Rock and Roll. Além disso, em 2004, a revista americana *Rolling Stones* os colocou no quarto lugar da lista de imortais, entre os 100 maiores artistas de todos os tempos.

Depois de uma carreira musical longa, com mais de três dezenas de álbuns de estúdio lançados, tanto na fonografia britânica quanto na dos EUA, os Rolling Stones acabaram de lançar o último deles, *Foreign Tongues*. Por enquanto!...

Quanto aos Beatles, aí serão novas e interessantes colunas a aparecerem em breve.

FIM DE UMA ERA

Google Assistente tem data para ser encerrado

Substituição pelo Gemini começa em 4 de setembro e será de forma gradual

Agência Estado

O Google começou a informar os usuários sobre o fim do Google Assistente, que não estará mais disponível, oficialmente, para uso em 4 de setembro deste ano, concluindo a transição para seu assistente baseado em inteligência artificial (IA), o Gemini. A gigante da tecnologia iniciou o processo de substituição do Assistente do Google pelo novo assistente Gemini em dispositivos móveis em março de 2025, com o objetivo de expandir, posteriormente, para *tablets* e carros com Android Auto.

Na época, a empresa informou que o Assistente do Google clássico estaria indisponível para a maioria dos *smartphones* no fim de 2025, embora não tenha especificado a data e tenha adiado o prazo para 2026. Agora, o Google começou a informar os usuários, por *e-mail*, sobre o encerramento do serviço do Assistente do Google em seus dispositivos móveis. O seu assistente de última geração baseado em IA, o Gemini, “é agora a experiência de assistente no Android”, conforme o *e-mail*.

O Google detalhou que, uma vez desativado o Assistente do Google, o processo “pode levar algumas semanas para chegar a todos os usuários”. Consequentemente, eles não poderão mais utilizar o aplicativo em seus *smartphones*, *tablets* ou dispositivos emparelhados, como relógios com Wear OS.



IA generativa levou a gigante da tecnologia a modificar o seu serviço e redesenhar o seu assistente

Em vez disso, o Gemini assumirá o papel de assistente. Ele estará disponível para dispositivos que atendam aos requisitos mínimos de sistema e sejam utilizados em uma região na qual o Gemini esteja disponível. A transição não deve afetar, por enquanto, aparelhos como Google TV, caixas de som da linha Google Home e veículos equipados com Android Auto.

Depois de configurado, o Gemini poderá ser ativado como assistente dizendo “Ei, Google” ou mantendo pressionado o botão liga/desliga, em uma experiência semelhante à do Assistente do Google, embora esse não apareça mais. A empresa também esclareceu que, assim que a mudança para o Gemini for feita no *smartphone*, ele também vai se tornar o assistente dos dispositi-

vos emparelhados.

Com isso, o Google encerra uma aplicação que serviu durante anos como assistente dos usuários em seu dia a dia. O Assistente do Google foi lançado em 2016, com recursos como processamento de linguagem natural e tecnologia de reconhecimento de voz, duas características que

permitiram aos usuários “obter ajuda do Google de forma mais natural”.

Uma década depois, o surgimento da IA generativa, que “está transformando a forma de interagir com a tecnologia”, levou o Google a modificar seu serviço e redesenhar seu assistente para torná-lo o “mais útil do mundo”.

Charada

Resposta da semana anterior: Estou (1) = to + escorregue (2) = caia **Solução:** emboscada (3) = tocaia.

Charada de hoje: Na peça de tecido resistente (2), encontrada junto a um engenho (3), ele se livrou de uma grande corrente de ventos (5).



Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Divulgação

Eita!!!!

Acredite se quiser!
O mundo é repleto de bizarrices, e aqui estão alguns fatos cientificamente comprovados, históricos e naturais que desafiam a lógica e parecem grandes invenções:

Rússia e EUA são coladinhos
As ilhas Diomedes (Maior e Menor) ficam no Estreito de Bering. Uma pertence à Rússia e a outra aos EUA, e a distância entre elas é de apenas 3,8 km. Por causa da Linha Internacional de Data, uma ilha está quase um dia inteiro à frente da outra.

O mel nunca estraga
Devido à sua composição química (baixo teor de umidade e alta acidez), o mel puro é o único alimento que dura para sempre. Arqueólogos já encontraram potes de mel com mais de três mil anos em tumbas egípcias, ainda em perfeitas condições para consumo.

A estrutura mais complexa do universo
Existem cerca de 100 bilhões de estrelas na Via Láctea. Em contraste, o cérebro humano possui, aproximadamente, 86 bilhões de neurônios, que, juntos, fazem cerca de 100 trilhões de conexões sinápticas.

Vênus gira “ao contrário”
Diferente da Terra e da maioria dos outros planetas do Sistema Solar, que giram no sentido anti-horário (de oeste para leste), Vênus gira no sentido horário. Além disso, um dia em Vênus dura mais do que um ano no nosso planeta.

Tsunâmi de açúcar
Em 15 de janeiro de 1919, em Boston (EUA), um tanque de 15 m de altura e 27 m de diâmetro rompeu-se, liberando cerca de 8,7 milhões de litros de xarope. A onda de gosma açucarada atingiu até 8 m de altura e correu a 56 km/h, arrastando caminhões, destruindo prédios e deixando 21 mortos.

Cleópatra e as pirâmides
A famosa rainha egípcia nasceu em 69 a.C., enquanto a Grande Pirâmide de Gizé foi construída por volta de 2560 a.C. Já o primeiro iPhone foi lançado em 2007. Ou seja, há uma distância de cerca de 2.500 anos entre ela e as pirâmides, enquanto apenas 2.076 anos separam o seu nascimento do lançamento desse aparelho.

Um elefante dentro da boca
A língua desse gigante dos oceanos pode pesar cerca de 2,7 toneladas, o equivalente ao peso de um elefante adulto. Essa estrutura mede perto de 3 m de comprimento e funciona como uma bomba muscular para filtrar a água e capturar pequenos crustáceos chamados “krill”.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução
1 – pés do touro; 2 – olho do vermeelho; 3 – bico do toucano; 4 – joelho; 5 – cabelo do amarelo; 6 – cauda; 7 – assinatura; 8 – penas do toucano; 9 – galho.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

